A SEREIA

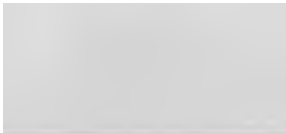
Romances dos Bons Auctores Portuguezes

II

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A SEREIA

> Verdades... dinas de memoria,
> Castigos justamente merecidos,
> Não fabulosa, ou sonhada estoria
> Que engana peitos, e embaraça ouvidos.
>
> LUIZ PEREIRA. *Elegiada*. C. 1.º, est. 5.ª

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA — 95, *Rua Augusta*, 95 || TYPOGRAPHIA — 35, *Rua Ivens*, 37
1900

Em noutes de lua cheia,
Já se não ouve o cantar
D'aquella triste Sereia!

Oh pobre moça cahida,
Já sobre ti se fecharam
Os abysmos desta vida!

Diz-me, diz-me, ó lua cheia,
Choras tu na sepultura
D'aquella pobre Sereia?

Em que finar se vão findos
Aquelles cabellos d'ouro,
Aquelles olhos tão lindos!

Aguas malditas, podeste,
Tão linda e nova, matal-a,
Matar a pomba celeste!

Ai! pobre anjo da má sorte!
Descança, em fim, que não voltas
Desses abysmos da morte!

Nos ceus passa a lua cheia
Para ouvir teus cantares,
E tu não voltas, Sereia!

Mas um raio de luz pura
Côa-se atravez dos vidros
sobre a tua sepultura.

Estes melancolicos tercêtos, escriptos ha cem annos, que significação tiveram?

N'um livro manuscripto, e datado de 1768, os encontrei. Em cincoenta paginas de prosa do mesmo manuscripto, descobri o segredo dos versos.

I

ESTAMOS no dia 15 de maio de 1762.

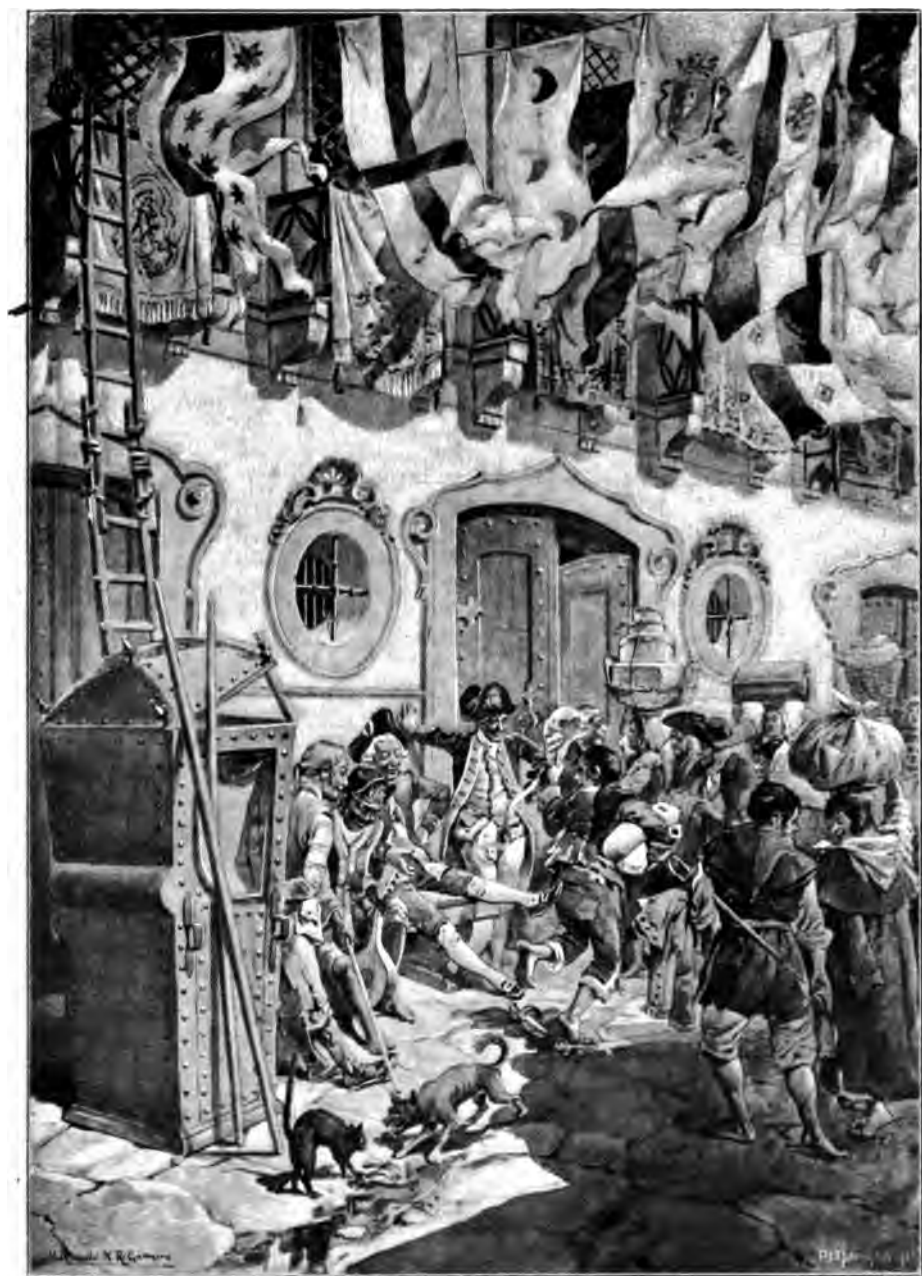
N'aquelle tempo, os dias de maio, no Porto, eram temperados, alegres, perfumados, encantadores. A primavera ha cem annos, apparecia quando o calendario a dava. Ninguem sahia de sua casa ás cinco horas d'uma tarde cálida de maio, com um casaco de reserva no braço para resistir ao frio das sete horas; nem o paralta portuense levava escondido na copa do chapeo o *cache-nez*, com que, ao anoitecer, havia de resguardar as orelhas da nortada cortante.

O globo, n'aquelle tempo, movia-se em volta do sol com a regularidade assignada pelos astronomos. A gente ditosa, que então viveu, podia confiar-se nos entendidos em rotação dos planetas; e os sabios podiam sem receio responsabilisar-se pela pontualidade das estações. Quem, á face da folhinha, se vestisse de fresco em maio, podia sahir á rua trajado de hollandilha ou vareja, que não entraria em casa a espirrar, constipado pela subita frial-

dade que o surprehendeu. A gente fiava-se dos sabios, os sabios da sciencia, e a sciencia dos factos repetidos.

Depois, porém, d'aquella epoca, desconcertaram-se os systemas das regiões altas. As pessoas muito espirituaes receiam que este desconcerto venha a desfechar em acabamento do mundo; outras, mais racionalistas, pretendem que a desordem das estações proceda de causas que, volvido um indeterminado periodo, cessem de existir. Ninguem se lembrou ainda de conjecturar que as vaporações constantes das fornalhas e o fluido electrico de que o ambiente está saturado, possam ter influido na substancia dos solidos e fluidos componentes do machinismo celeste, alterando-lhes o modo de actuarem sobre a terra. Se algum sabio estivesse de pachôrra para demonstrar a profundeza d'esta minha hypothese original, ficavamos convencidos nós de que a civilisação do fumo e a dos arames electricos, a final, acabariam de todo com a primavera. Em compensação, os engenhosos destruidores das nossas alegrias de maio, haviam de inventar uns fogões commodos para nosso uso em julho.

De mais d'isso, o Porto da primavera de 1762, gosava-se de ar impregnado de aromas, porque, n'aquella era, grande numero de ruas que hoje respiram vapores nocivos pelos ferreos pulmões de seus edificios e fabricas, eram quintas, arvoredos, jardins, ourelas e marginados verdejantes de limpidos regatos, que os ductos actuaes do gaz degeneraram em agua tufana d'essas dezenas de chafarizes em que tragamos peçonha.

Não era, todavia, o sol nem os aromas que extraor-

E depois, que trafego é este... *(pag 3.*

dinariamente alegravam as familias mais grádas da cidade do Porto, no dia 15 de maio de 1762. As bandeiras que tremulavam, brandamente assopradas por olorosas brisas, por sobre os balcões e rotulos das janellas da rua Chan e Corpo-da-Guarda, significavam algum grande jubilo nacional, que certamente não era casamento de rei, nem nascimento de principe. Mais que no commum das familias burguezas, brincava o contentameno nas ridentissimas filhas do Chanceller governador das justiças, Francisco José da Serra Craesbeeck de Carvalho, nas graciosas e folgasans meninas do governador geral da Provincia, João d'Almeida e Mello, nas sobrinhas do Cabo-mór, Miguel José de Moura, nas duas loiras irmans do senhor de Quebrantões e Gaya-pequena, Alvaro Leite Pereira, e muitas mais, assim formosas que bem nascidas. E, depois, que tráfego é este de costureiras que vão e vem; de alfaiates azafamados que sobem e descem d'uns palacios para outros? Por que está praguejando aquelle fidalgo impaciente contra os desgraciosos aneis da sua cabelleira, emquanto a esposa vocifera contra a modista ignara que lhe estreitou as anquinhas, deixando-lhe quasi molduradas na seda flexivel as magras fórmas da natureza sovina? Por que tudo isto, todo este afan desusado na cidade menos de luxos e fidalgas folias?

É que, na noite d'aquelle dia, accendia-se no Porto, pela primeira vez, uma das mais refulgentes lampadas do altar da civilisação. É que n'aquella noite memoranda o burgo de D. Moninho Viegas entrava em commu-

nhão de delicias das artes encantadoras com as primeiras cidades da Europa. Digamol-o d'uma vez, em respeito á anciedade da leitora: abria-se n'aquella noite o primeiro theatro lyrico do Porto.

Muitos annos antes, no reinado de D. Pedro II, por occasião das projectadas nupcias de uma filha do algoz e successor do infeliz Affonso VI, estiveram em Lisboa cantores italianos da comitiva do duque de Saboya para solemnisarem com as suas tramoias lyricas os festejos d'um casamento que nunca se realisou. O publico, porém, espantado e logo aborrecido da estranhesa do espectaculo, rompeu ás gargalhadas quando a dama arquejava abraçada ao tenor lagrimoso guinchando na sua desabrida afflicção. Em resultado d'esta selvageria, decorreram bastantes annos sem que á capital voltassem companhias de canto, sendo tantas as que muito applaudidas funccionavam nos theatros da Europa, e na Italia principalmente. Só decorrido largo espaço de tempo, que não seria menos de noventa annos, appareceu em Lisboa a celebrada Zamperini, ajustada por um banqueiro da curia romana.

Podemos conjecturar, sem offensa de ninguem, que foi o Porto quem deu o exemplo de apurado gosto á cidade de Ulysses n'esta notavel conquista do progresso. Demonstram-n'o as datas: abriu-se o theatro italiano do Porto em 1762, e a Zamperini, com a sua companhia, cantaram em Lisboa no anno de 1770, oito annos depois que o Porto lhe castigára delicadamente o descôco de rir-se a capital, quando as prima-donas e tenores soluçavam

.. quando a dama arquejava abraçada... (pag. 4)

as suas notas orvalhadas de prantos mais ou menos equivocos.

No que eu presumo que Lisboa levou vantagem á terra querida de D. João I foi na capacidade e talvez ornato do seu theatro. Zamperini cantou no tablado da rua dos condes, alli mesmo n'aquelle cotovêllo da rua, onde o leitor já ouviu, por dita sua, a opera bufa de *Manoel Mendes Enchundia,* ou a *Ave do Paraizo*, e outras que taes visualidades desgraçadas, para as quaes toda a compaixão se faz necessaria. Ó Zamperini! Ó Schiattini, infeliz tenor, que pedias nas arias que te pagassem, e os empresarios offendidos te levavam, no fim de cada recita, para o hospital dos doudos! Ó egregias memorias, se vós dirieis que aquelle tablado havia de ser cortado de alçapões, por onde agora assomam cabeças de jacarés, de hypogriphos, de dragões e diabos de todos os feitios!

O braço poderoso que fez erguer de arruinados cazebres um theatro, cujo peristilo modesto abona a architectura economica de ha cem annos; a vontade soberana que moveu o senado portuense a contribuir com o maximo das despezas para uma innovação, que devia de ser medianamente sympathica aos laboriosos mercadores e industriaes da cidade do trabalho, era um só homem, um dos maiores vultos d'aquella epoca. Chamava-se João d'Almada e Mello, governava por esse tempo militarmente o Porto; e tres annos depois governava as justiças, presidia no municipio, presidia na marinha, era conselheiro do soberano, e tenente general dos seus exercitos.

Todos estes titulos são, porém, deslumbrados pela gloria de ter inaugurado o espectaculo lyrico, em uma cidade que, cem annos depois, carece de recursos para sustentar uma companhia de cantores rebuscados no refugo dos outros theatros.

A decoração scenica do theatro do Corpo da Guarda, se acreditamos o folhetinista contemporaneo, seria exaggerado patriotismo encarecermol-a. Para execução da primeira opera, o pintor, que devia ser dos não somenos da epoca, fez uma sala regia bem guarnecida de columnas vistosas, e n'esta sala correram todas as peripecias do drama, sem que a inverosimilhança damnificasse os intentos e effeitos do poeta metrificador e do poeta musical. Denominava-se a opera *Il trascurato*, como quem diz «O descuidado». Pargholesi era o maestro. No intrecho predominava o genero comico. A prima-dona chamava-se Giuntini. Os de mais cantores e cantarinas não faz menção d'elles o folhetinista — o patriarcha dos folhetinistas em Portugal, padre Francisco Bernardo de Lima, que então escrevia a *Gazeta litteraria*, obra de tal cunho, que daria hoje em dia nome e honra a quem assim a escrevesse.

E já que digo da mais antiga critica de theatro lyrico escripta pelo primeiro folhetinista, é aqui o lanço de contar-se á posteridade que foi ainda o governador geral da cidade do Porto, João d'Almada, quem fundou a *Gazeta litteraria* em 1761, e galardoou o admiravel talento e a copiosa e variadissima instrucção de Francisco Bernardo de Lima. Do quanto aquelle famigerado homem protegeu

as lettras, sem desfalcar no cumprimento de muitissimas obrigações que lhe corriam por conta e responsabilidade, bastam a dizer-m'o dezeseis peças litterarias entre panegyricos, odes, eclogas e sonetos com que quinze litteratos de maior polpa, conglobando-se n'um só livro, fizeram estrado á passagem do heroe para o templo da memoria.

Temos glorificado bastantemente com a nossa pogêa de incenso o creador do theatro lyrico no Porto.

Agora, visto que sua excellencia o governador, e sua excellencia o chanceller, e suas excellencias os desembargadores já saltaram das carruagens, das estufas, das cadeirinhas, calexes, e faetontes, e se refestelaram nas duas ordens de camorotes, é tempo de tambem entrarmos, posto que o infortunio de nascermos cem annos depois fizesse que não fossemos convidados pelos escudeiros do galhardo governador a comparecermos com a nossa casaca de seda, com a nossa marrafa, com o nosso dinheiro, e com a nossa admiração no theatro lyrico do Corpo-da-Guarda.

A leitora, primeiro que tudo, manda-me comprar o *libreto* da opera, que foi impresso e dedicado áquella fidalga do n.º 2 da 1.ª ordem, e se chama a Sr.ª D. Anna Joaquina de Lancastre. Fui á officina do capitão Manoel Pedroso, e pesarosamente soube que se venderam ou distribuiram todos os exemplares por ordem do governador. No entanto, como no camarote do juiz de Fóra está o padre Francisco Bernardo de Lima, redactor da *Gazeta litteraria,* vou pedir-lhe que me conte o enrêdo,

e virei depois esclarecer a curiosidade de V. Ex.ª, que muito me desvanece.

Eis-aqui a noticia que me deu o eloquente padre, tal qual a reproduziu no numero do periodico do mez seguinte·

— «A opera tem por fim o mostrar as funestas consequencias que resultam a um particular, quando inteiramente se descuida dos negocios, de cujo bom exito depende a felicidade de sua casa. Tinha o descuidado e negligente Felisberto, que é a primeira personagem d'esta composição dramatica, um litigio com um conde, sobre a somma de trinta mil ducados, que era a maior porção do seu capital; mas elle, só com o sentido na sua commodidade particular, ia perdendo o seu negocio, ao mesmo tempo que o roubava um procurador a quem tinha confiado a demanda. Toda a familia de Felisberto fazia o mesmo que o procurador; porque Aurelia, orfan que assistia na casa do descuidado, namorando-se do ambicioso Cornelio, que só a pretendia pelo dote, juntamente com o procurador, fizeram assignar um papel a Felisberto, que por preguiça o não quiz ler, no qual se obrigou este a dar-lhe trinta mil ducados, dizendo-se-lhe que este papel era necessario para sahir bem a sua demanda; mas antes d'isso, Lizaura, filha de Felisberto, lhe tinha feito assignar outro papel em que lhe deixava todos os seus bens, a fim que ella se cazasse com o seu amante Dorindo. O creado Pasquino e a creada Purpurina aproveitaram-se da mesma negligencia para, da mesma sorte, se cazarem. Depois de alguns episodios,

em que Felisberto conserva sempre o caracter de um homem amigo só do seu descanso, e inteiramente inimigo do trabalho, se declara Cornelio por amante de Aurelia, e mostra a Felisberto a obrigação que este lhe tinha feito; mas ao mesmo tempo mostra Dorindo o seu papel, que se prefere ao outro por estar feito antes do de Cornelio. Perdoa a todos Felisberto, que até se contenta de que cazem os criados, que tambem tinham abusado do bom e culpavel genio de Felisberto.

Disse, e acrescentou:

— «Olhe que de um sujeito muito interessado em Paris em saber a urdidura das operas, disse um critico espirituoso: *É tão estupido que vai á opera para vêr o enredo!*»

Seja o que fôr, satisfiz a curiosidade de V. Ex.ª Emquanto ao desempenho da opera não direi o meu parecer, porque outro folhetinista, noventa annos depois, analisou detidamente o espectaculo, com sobeja graça e conhecimento da scena. V. Ex.ª dobra esta pagina, e vai n'uma *nota final* satisfazer plenamente o seu desejo. Não lh'o conto eu, porque refazer o que está bem feito é destrui-lo. No *Bibliophilo Joseph*, que subscreve o jovial folhetim, apresento eu á leitora o elegante prosador José Gomes Monteiro.

II

A noticia da inauguração do theatro de canto no Porto, um mez antes da primeira récita, alvoroçara algumas familias das villas circumpostas á magnifica cidade, na área de dez leguas.

O juiz de Fóra de Amarante, Antonio de Sousa Pereira, amantissimo de musica, e instado por uma sua cunhada, que principiava a cantar com deliciosa voz, obteve com muita antecipação o camarote n.º 7 da 2.ª ordem.

Oito dias antes da abertura do theatro, já o juiz de Fóra estava no Porto, cuidando em trajar-se dignamente, a si, a sua mulher e cunhada, de modo que as damas portuenses não se desdoirassem de concorrer com as provincianas ao mais lustroso congresso d'aquelles tempos.

De feito, se alguma sensação desagradavel causou a familia de Sousa Pereira foi a da inveja, em muitas senhoras que, ainda invejosas, primavam em belleza.

Da esposa do juiz diremos apenas que era bella, para nos não minguarem as phrases sacramentaes no elogio de sua irman Joaquina Eduarda.

Observada da platêa, a formosa cabeça d'esta menina, que teria então dezoito annos, era um busto de Pigmalião, não aviventado pelo amor ardente do seu auctor, mas por influxo radioso da vida dos cherubins. Realçavam quasi nada os pentes de oiro cravejados de perolas, porque a alvura da fronte os desluzia, bem que o loiro dos opulentos cabellos fosse causa a refulgirem menos os adornos. Era de uma candidez eburnea. Os olhos, posto que grandes, mal se viam de assombrados pelas convexas e cahidas palpebras. O coral fendido dos finos labios poderia estilar o nectar mortal das paixões, se não fosse formado por algum beijo de archanjo, que lhe viera roubar a alegria da terra levando-lhe no osculo as melhores e mais puras alegrias da alma. Joaquina Eduarda parecia triste, introvertida em cogitações intimas; porém, quando a Giuntini expedia em trilos vibrantes as phrases musicaes mais expressivas da paixão, Joaquina espertava, estremecia, e machinalmente ajuntava as mãos para applaudir.

N'um entre-acto, ao camarote do juiz de Fóra de Amarante foram alguns magistrados, e cavalheiros da provincia, cumprimentar a familia de Sousa Pereira, sujeito aparentado com illustres casas d'entre Douro e Minho.

O velho Pedro de Vasconcellos, de Braga, tambem foi, e levou em sua companhia um filho natural e unico,

muito querido seu, academico do quarto anno do curso juridico na universidade de Coimbra.

O moço, com quanto estudante e não dos menos travêssos fidalgos em Coimbra e Braga, denotou no camarote acanhamento de menino de côro; e, para ajustar os pontos da analogia com a candura seraphica d'um minorista, esteve sempre fito na cunhada do juiz de Fóra, como o outro estaria enlevado n'um retabulo de alguma santa das mais formosas; salvo quando Joaquina, por acaso, ou acintemente, lhe relanceava os olhos indiscriptiveis de fascinação e magia.

Desceu á platêa Pedro de Vasconcellos com seu filho Gaspar. O velho ria-se dos tregeitos do bufão; o moço não despregava os olhos do camarote; e Joaquina Eduarda, a espaços não longos, desfechava sobre a face arrobada de Gaspar uma flecha das maviosas pupilas, que fariam lembrar os relampagos rutilantes em céo azul, ao fechar-se um dia calmoso de julho.

O juiz de Fora segredou á esposa algumas palavras. A esposa inclinou-se á irman, e disse-lhe:

— Olha que não parece bem estar assim uma menina a olhar para um homem.

— Eu para quem olho?! — perguntou Joaquina, confessando a culpa no rubor e contrafeito sobresalto.

— Eu bem vejo, e teu cunhado tambem viu.

A menina voltou o rosto para o palco, deteve-se com gesto de amuada alguns minutos; depois esqueceu-se, e olhou outra vez.

A irman sorriu-se de má catadura, e murmurou:

— Queira Deus... Teu cunhado, se o zangas, não volta mais aqui, nem a parte nenhuma. Não sabes o genio d'elle?... e as recommendações do mano Sebastião?

Tornou a amuar Joaquina Eduarda, e nunca mais baixou os olhos sobre a platêa.

Concluido o espectaculo, o magistrado tomou pelo braço as duas senhoras, que entraram em cadeirinhas e partiram, emquanto elle ficou esperando no pateo o regedor das justiças para lhe dobrar uma cortezia até aos joelhos.

Convém saber alguma coisa do juiz de Fora e sua familia.

Estava elle ouvidor em Vianna em 1758. Alli vivia, no ultimo quartel da vida, um fidalgo com poucos bens de fortuna, e muitas feridas no serviço da patria. Era o capitão de cavallaria Fernão Cazado Godim, neto do doutor Marçal Cazado, o qual fôra irmão d'uma celebrada viuva de quem resam as chronicas dos heroismos de Portuguezes. Costumava Fernão mostrar a quantas pessoas se honravam com a sua amisade um livro impresso em 1625, e escripto pelo padre *Bertolameu Guerreiro, da Companhia de Jesus*, no qual livro vinha contada a façanha de sua tia-avó pelo seguinte theor: «...Para estimar foi a contenda que entre a natureza e a honra lidou no peito de uma dona vianeza, que tem pouca razão de envejar o valor das matronas romanas. Tendo em sua casa um só filho, em cuja companhia tinha a sua consolação e governo, se viu com elle em grande fadiga: aper-

.. com o fogo no coração... *(pag. 21)*

tava o amor de mãe para elle não ir na armada [1]; apertava o da honra para não ficar na terra. No meio d'esta batalha, entra o filho pela casa, acompanhado de amigos e parentes para a consolarem de ficar alistado no serviço da jornada: com o fogo no coração e agua nos olhos, lhe lançou mil bençãos, rejeitando os allivios que lhe davam de sua saudade: dizendo, que ainda que não negava o effeito de mãe em ficar sem filho, estimava têl-o para n'esta occasião fazer d'elle sacrificio á honra, que o era servir a seu rei em tal jornada. Era esta Dona mãe do capitão João Cazado Jacome, que na jornada o foi do navio S. Bom-Homem [2].»

Esta pagina do feito brioso da irman do seu avô era a consolação do velho, visto que dos feitos d'elle nem gloria sabida nem mercês pecuniosas adquirira para poder legar aos filhos.

Fernão Cazado, ao tempo que Sousa Pereira chegara a Vianna ouvidor, tinha duas filhas, e um filho então reitor nas proximidades de Barcellos ao sopé da serra de Ayró. O magistrado, já pendendo aos quarenta annos, affeiçoou-se á filha mais velha de Fernão, e casou com ella sem grandes prologos de galanteio. Passado um anno, Sousa Pereira foi transferido juiz de Fora para Amarante, e Joaquina Eduarda, meigo amparo e allivio das cans

---

[1] Esta armada destinava-se a ir expulsar os hollandezes das praças assaltadas e tomadas no Brazil em 1624.

[2] *Jornada dos vassalos da corôa de Portugal, para se recuperar a cidade de Salvador, na Bahia de todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624, e recuperada ao primeiro de Mayo de 1625. Lx.ª Por Mattheus Pinr.º Anno de 1625.*

de seu pai, ficou n'aquella melancolica estreitesa de gosos infantis, até que o velho se finou santamente nos braços d'ella e nos do filho clerigo.

Recolheu o padre Sebastião Godim á reitoria, e levou comsigo a irman. Herança quasi nenhuma teve que administrar-lhe, porque o melhor dos bens de Fernão foram em vida repartidos entre a filha casada com o ouvidor, e o patrimonio clerical de Sebastião. O restante, que o velho destinava ao dote da segunda filha, levou-o a pertinaz e mortal enfermidade de um anno.

O padre Sebastião presava em extremo sua irman. Por amor d'ella alfaiou modesta, mas aceadamente a pobre casa da residencia reitoral. Comprou-lhe cravo para aprender musica e canto, com um proprietario de Barcellos, que professara aquellas artes na capella do Snr. D. João V.

Mais d'anno correu, se não alegre, pelo menos bonançosa a vida de Joaquina Eduarda. O irmão, algum tanto desvanecido com a fidalguia de seus avós, apenas aceitava a convivencia de pessoas da sua plana. Dizia elle que a plebe lhe não aborrecia, senão porque era vil dos instinctos, que a brutesa da nenhuma educação asselvajava mais. Sem embargo, como pastor d'almas, cumpria zelosa e evangelicamente seus deveres. Quiz, ao começar suas funcções parochiaes, dirigir uma eschola para desbastar nos mocinhos a rusticidade dos pais; porém, ao segundo mez de ensino, os pais levavam de força os filhos para a lavoira, allegando que se comia bem, e bebia, e governava cada qual sua vida sem saber ler nem

... dirigir uma escola para desbastar nos mocinhos. . *(pag. 22)*

escrever. Joaquina Eduarda, sem demover-se pelo exemplo do irmão, chamou a si algumas rapariguinhas de lavradores para lhes ensinar prendas das mais necessarias. Poucas acudiram ao convite, e, logo depois, assim que a sáfara das colheitas começou, retiraram-se todas.

Algumas pessoas nobres de Barcellos visitavam de longe a longe o reitor, não tanto porque elle era bom sacerdote, mas principalmente porque tinha os appelidos dos Cazados e Godins. Póde muito bem ser que outro motivo attrahisse á residencia do Bastuço alguns visitantes de costumes suspeitos. Se a hypothese é aceitavel, pouco tempo se prestou a conjecturas, porque os hospedes retiraram, tão depressa viram no semblante do reitor a gravidade e desconfiança.

Maria Amalia, a irman de Joaquina, dois annos depois do apartamento, escreveu ao irmão padre rogando-lhe que deixasse ir sua irman fazer-lhe companhia por alguns mezes em Amarante. Não deu o padre a permissão, que Joaquina secretamente desejava. Disse que não podia desfazer-se e privar-se do unico bem que Deus lhe concedêra, na soledade a que, por obediencia filial, sacrificara seu coração; e acrescentou, em carta a seu cunhado, que Joaquina era innocente como as boninas suas irmans d'aquelles prados e valles; e que o ar dos povoados a poderia impestar e fenecer como succede ás flores dos montes transplantadas para os jardins.

Magoou-se o juiz de Fora com aquella observação.

— Pois que! — dizia elle — Joaquina em minha companhia estará menos resguardada e defendida que em

companhia do irmão?! Pois eu tomo a peito provar a meu cunhado que me não assustam as suas reflexões.

D'ahi a pouco, appareceram inesperados na reitoria o juiz de Fora e sua senhora. Correram quinze alegres dias em passeios, musicatas, e pescarias no rio Cavado. Findo este prazo, Antonio de Sousa Pereira instou seu cunhado a que deixasse ir a mana Joaquina passar o inverno em Amarante. O padre, confiando nimiamente na amisade da irman, cedeu n'ella a deliberação. Joaquina hesitou por delicadeza com o mano; todavia, quando o cunhado se fez interprete do seu silencio, calou-se condescendendo. Intristeceu-se profundamente o padre; mas não a contrariou; apenas disse:

— Tens razão: o inverno aqui é muito desagradavel. Voltarás com as flores e com as aves, minha irman.

Vieram aves e flores; mas Joaquina não voltou.

Seriam amores que a prendiam á villa de Amarante, que, n'aquelle tempo, tinha em si muitas familias nobres, das mais qualificadas na fidalguia do norte? Não eram amores: era, por ventura e com desculpa, a gloria de ver-se admirada como portento no canto, e como professora no cravo. O culto á sua singular formosura era incenso que a não aturdia nem lhe inclinava o animo isento a algum dos thuribularios. O juiz de Fora, posto que se comprazesse na esquivança da cunhada, desejaria que ella se não difficultasse ao galanteio de rapazes fidalgos e ricos, a fim de poder escolher marido como lhe convinha em sua carencia de bens de fortuna. Porém, aconselhada pela irman a condescender discretamente ás

Presenciou o cortejo que ladeava sua irmã.. (pag. 27)

instancias delicadas dos galans, Joaquina Eduarda respondia:

— Por interesse sou incapaz de mentir a algum d'estes homens; e por amor... digo-te a verdade: ainda não encontrei pessoa que possa despertar-m'o.

— Oxalá, redarguia Maria Amalia, que não venhas a encontrar o despertador em algum rapaz pobre e mechanico...

— Se isso acontecesse, replicava a menina, maior desgraça me não désse Deus.

O padre recebia a substancia d'este e d'outros dialogos semelhantes. Não se affligia nem contentava; todavia, inquietavam-no presagios funestos, que elle desvanecia attribuindo-os á ternura com que estimava sua irman.

Passado um anno e meio de ausencia, foi o reitor visitar sua familia, no intento de voltar com Joaquina Eduarda.

Assistiu a algumas assemblêas, que se faziam em differentes casas, revesadas ás noites. Presenciou o cortejo que rodeava sua irman, applaudida, festejada, e acclamada rainha de todas as festas:

— Em verdade — disse elle ao cunhado — Joaquina é uma alma extraordinaria para se não ter embriagado com os fumos da lisonja! Suppunha eu que todas as mulheres deviam succumbir, mais ou menos nobremente, a esta guerra que o mundo faz á tranquillidade dos corações!

— É um assombro! — dizia Antonio de Sousa; — mas, por isso mesmo, receio que alguma paixão a sur-

prehenda inconvenientemente. Estas mulheres de condição muito afidalgada e rebelde em amores, são como as pessoas muito saudaveis: chega uma hora em que a primeira doença mata umas, e o primeiro amor perde as outras.

— Pois se receia isso, meu amigo — accudiu o padre — intendo que o melhor é deixar-m'a levar para o esconderijo da minha aldeia.

Isso é de mais! — exclamou o cunhado. — Pois o mano já viu que ás pessoas muito saudaveis as resguardassem n'um hospital para esquival-as á primeira doença?!

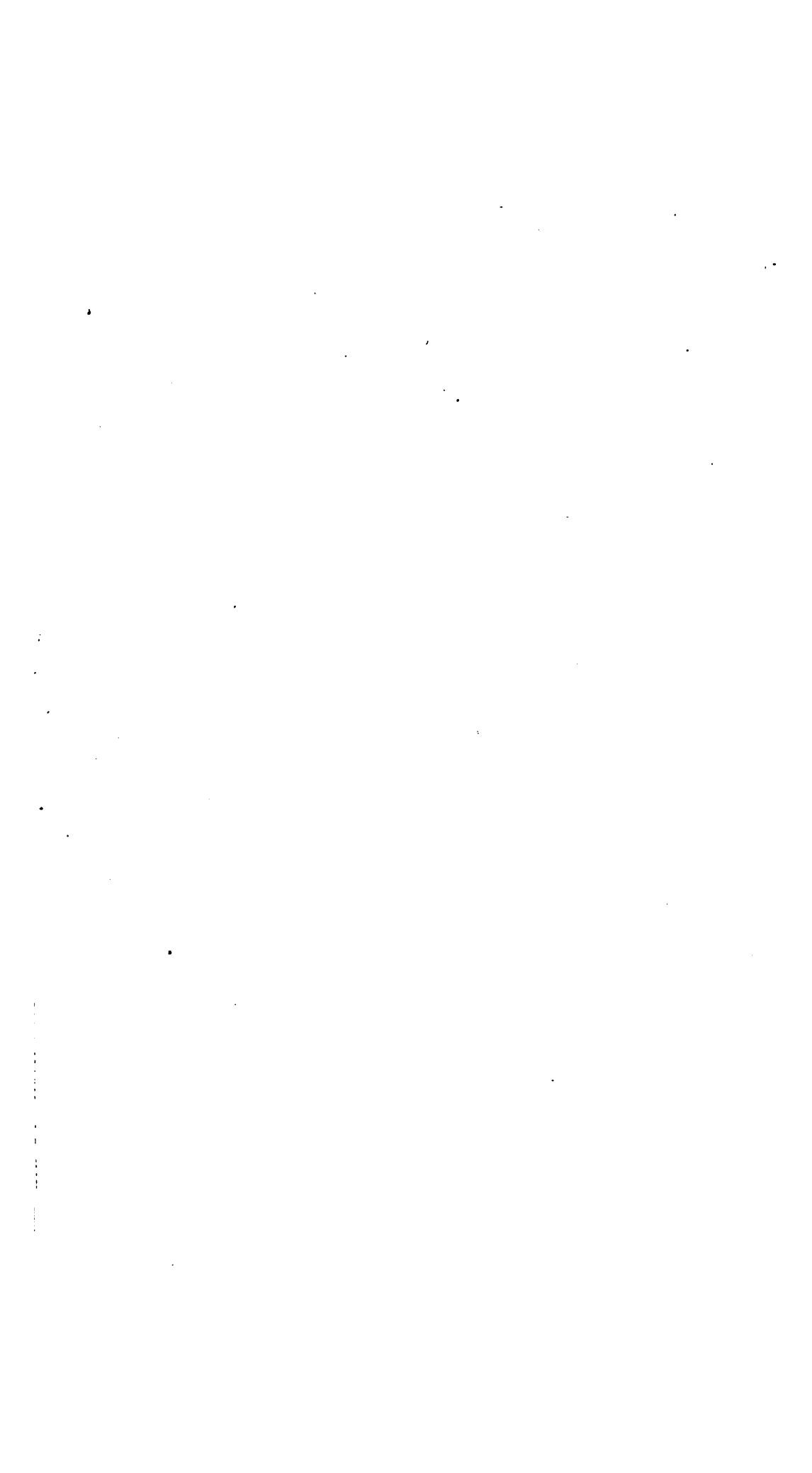
— Mas que analogia ha entre o hospital e a minha aldeia?!

— Ha. Sua irman, passando d'esta vida agitada e satisfeita, para o ermo e silenciosa monotonia do campo, cai-lhe n'uma tristeza inconsolavel, e começa a pedir ao coração o segredo da sua cura. Então é que é o temermo'-nos d'alguma impressão funesta.

— Valha-me Deus! — retorquiu o reitor — isso é um sophisma, meu caro doutor! E, se o argumento colhe, máo foi tiral-a d'uma quieta vida, e da ignorancia d'estas folias que tornam perigosa a mudança para a solidão.

— Bem sei, bem sei. O que o mano quer é levar sua irman, e eu não tenho coração que o contradiga. Já agora deixe-a estar mais um mez. Vai abrir-se o theatro de canto no Porto, e eu estou compromettido a leval-a a esta festa, a mais preciosa para quem divinamente canta

como ella. Depois, tanto Joaquina como Maria Amalia querem visitar a tia Joanna, freira de Santa Clara, que ellas nunca viram. Estaremos um mez no Porto; iremos de lá a Barcellos; e Joaquina, visto que o mano assim o quer, fica em sua companhia alguns mezes, e voltará no inverno para Amarante, se eu ainda la estiver servindo.

Accordaram n'isto.

III

JÁ se viu que o juiz de Fora experimentou no theatro o primeiro desgosto, em quanto a desconfiar de sua cunhada.

Gaspar de Vasconcellos, bem que filho d'um rico fidalgo, não era dos pretendentes do agrado de Antonio de Sousa. O pai destinava-o a casar-se com uma prima carnal. Se o filho contrariasse o destino, que lhe davam, perderia a estima do velho, e, como illegitimo, não haveria sequer alimentos da casa paterna. O juiz de Fora sabia tudo isto cabal e juridicamente.

O simples caso de Joaquina Eduarda encarar no môço com attenção desusada, pouco devêra inquietar o espirito do cunhado, se não fosse aquelle preconceito da fatalidade da primeira impressão na alma das mulheres refractarias aos galanteios de que o maior numero d'ellas se pagam e desvanecem.

Na noite seguinte á do theatro, deu o regedor das justiças um baile em honra de João d'Almada.

Joaquina Eduarda cantou: apresentaram-lhe duas arias do «Il trascurato». Leu-as magistralmente, cantou-as de modo que, sem encarecimento, a reputaram superior á Giuntini no apaixonado das notas maviosas, e na força com que expedia as graves. Foi o encanto da noite, dos olhos, e dos corações a prendada menina.

Gaspar de Vasconcellos não tinha já coração em que outra esperança ou pensamento coubessem. O valor de Joaquina Eduarda figurou-se-lhe tamanho a ponto de já elle imaginar que seu pai se desvaneceria, podendo ter aquella menina como esposa de seu filho.

E, auctorisado pelo affecto com que o velho indulgenciava certas liberdades, disse ao ouvido do pai:

— Se eu cazasse com uma divindade como aquella...

— O que? — interrompeu o fidalgo bracharense — Faz-te palerma!.. Nem pensar n'isso! Tua mulher é tua prima.

Gaspar sorriu-se dissimuladamente, e disse:

Eu estava a gracejar...

— Pois sim; mas com o coração e com mulheres d'aquellas não se graceja, ouviste? É cunhada do meu amigo Antonio de Sousa, é filha d'um homem de bem, e finalmente é capaz de fazer perder o juiso áquelles que o tem no seu logar.

O môço dava os ouvidos ás reflexões do pai, e não desfitava olhos de Joaquina.

Pedro assestou-lhe tambem a enorme luneta de aro de prata, e murmurou:

— Ella parece que está a olhar para ti! Querem vocês vêr que temos historia!

— Ora!.. tem coisas o pai!..

Ao mesmo tempo, o juiz de Fora segredava á esposa:

— Isto não tem geito!.. Lá estão elles em contemplação!.. Não saias do lado de tua irman. Repara tu que estão aqui mais de vinte homens fascinados de Joaquina, todos abastados e das primeiras casas. Pois observa que a tola não corresponde ao cortejo de nenhum!...

— Eu vou sentar-me ao pé d'ella — disse a dama, um tanto admirada de que o marido não désse tento de que andavam alli tambem uns vinte homens a olhar para ella.

Sahiram do centro da sala os homens para darem praça ao espectaculo magnifico do minuete, que era então a nova e suprema expressão do bello no bailado, arte em que portuguezes não primavam.

Sahiu á sala em pé de dansa Gaspar de Vasconcellos, emparceirado com uma filha do regedor das justiças. Rompeu a musica, e logo elle começou por difficuldades que excedem todo o louvor. Reinava o espanto nos espectadores. Gaspar adquirira em Coimbra aquella prenda em que sahira primor. O proprio bispo, conde de Arganil, o mandava algumas vezes convidar para em sua presença e na de alguns gravissimos doutores, executar as maravilhas do minuete a solo. Era uma gloria nacional o rapaz em Coimbra e Braga; mas, d'aquella noite em diante, o Porto subscreveu á admiração universal das duas mais cultas cidades do reino.

Joaquina Eduarda córava de enthusiasmo quando viu Gaspar nos braços de João d'Almada e Mello, cabeça bem formada, que n'aquella hora o nectar de Therpsychore desconcertou. Os applausos geraes celebravam o grupo sublime do velho sargento-mór abraçado ao môço.

Gaspar na dansa, e Joaquina Eduarda no canto, eram o assumpto do dia seguinte. Não obstante, Antonio de Sousa mettia a riso os trejeitos, convulsões, e pulos de Gaspar, na presença da cunhada. A menina ouvia-o com silencioso despeito, e o juiz piscava o ôlho á mulher.

Passadas duas noites, repetiu-se a récita. Pedro de Vasconcellos não quiz ir ao camarote do seu amigo com o filho. Aproveitou o ensejo de estar o môço no camarote do regedor das justiças, e foi só. Joaquina pregara os olhos embellezados no camarote do regedor das justiças, em quanto o velho de Braga entretinha o cunhado; mas o cunhado ouvia o pai, e via o filho.

Despediu-se Pedro de Vasconcellos; e Antonio de Sousa, acompanhando-o, travou-lhe do braço, e sahiu com elle a passear no estreito pateo do theatro, pateo a que não chamo vestibulo por não desfeitear a arte dos Affonsos Domingues.

— Fallemos como velhos amigos, disse o juiz de Fora.

— Que sempre fomos — accrescentou o fidalgo.

— Eu descobri que minha cunhada não é indifferente a seu filho.

—Tambem eu descobri isso... *(pag. 37)*

— Tambem eu descobri isso. Pagam-se na mesma moeda.

— É necessario cortarmos desde já esta inclinação, a menos que V. S.ª não ordene o contrario. Isto é que é franqueza.

— Pois então franqueza e mais franqueza — disse o velho, apertando-o nos braços. — O doutor, meu velho amigo, não se offende se eu lhe disser que é preciso acabar com esta inclinação...

— De modo nenhum me offendo.

— O meu rapaz, como sabe, é filho natural, e eu de proposito não requeri perfilhação; porque, se elle me andar ao arrepio da minha vontade, os meus bens vão a quem tocarem. Quero que elle caze com uma filha de minha irman; e estou á espera que a pequena tenha a idade para requerer as dispensas. Isto é negocio tractado; porque assim o meu vinculo vai a minha sobrinha, e o rapaz, d'este modo, succede-me na casa; senão, nada feito.

— Muito bem: gostei d'ouvil-o assim fallar. Eu já sabia isso; mas quiz obter a ultima certeza.

— Fez V. S.ª muito bem, doutor. Eu cá pela minha parte já disse ao rapaz o que tinha a dizer-lhe; e, se não fossem uns negocios que trago aqui na Relação, ia-me já embora ámanhã com elle, porque, se vai a dizer verdade, sua cunhada é o que eu tenho visto de rapariga perfeita; e, se ella quizer marido rico e tão fidalgo como ella, não tem mais que escolher. E desculpe, doutor.

Separaram-se. Antonio de Sousa entrou no camaro-

te, e achou lá Gaspar de Vasconcellos. Tratou-o com urbanidade, mas muito carregado de aspeito. Sahiu o môço; e o juiz, passados minutos, disse:

— Ámanhã é necessario erguer cêdo, e enfardelar a trouxa.

— Vamos embora? — disse D. Maria Amalia.

— Vamos para Barcellos; mas antes de entrarmos nas liteiras, tu e tua irmã ireis visitar ao convento de Santa Clara a tia Joanna, que já está prevenida.

Joaquina Eduarda não volveu sequer a cabeça, para que lhe não vissem o rubor, nem o espelhado das lagrimas.

Ao correr do panno sobre a ultima scena, emquanto a irman lançava aos hombros um manto encapuzado, e o cunhado procurava a bengala debaixo da cadeira, Joaquina fitou os olhos em Gaspar, e ousou enviar-lhe um gesto de adeus com a cabeça, um adeus que, na tristeza do semblante, dizia «para sempre».

Gaspar levou a mão ao peito sem dar tino do acto.

O pae, que estava de atalaia, reparou no caso, e disse:

— Que diabo de geringonça é essa?! Ai! que o rapaz traz-me a cabeça a juros! Anda d'ahi, meu patacoada! Parece que nunca viste mulheres!

IV

TRISTE foi o despertar de Joaquina Eduarda, se por ventura dormiu. «Amaldiçoada hora em que vim ao Porto!» dizia ella entre si. Já o amor lhe doía tanto, que mais quizera não ter conhecido a formosa luz d'esse mortifero raio!

Enfardelada a bagagem, sairam as senhoras em cadeirinhas a visitar a tia D. Joanna, religiosa professa de Santa Clara, que nunca tinha visto Joaquina.

Era a tia Joanna uma serva de Deus, e exemplar esposa de Jesus Christo. Para alli entrára aos quinze annos, e nunca mais vira o sol senão através de grades. Vivêra ditosa, e não comprehendia o desgosto d'algumas freiras, que invejavam a liberdade das andorinhas. Encantada da formosura da filha de seu irmão, exclamava:

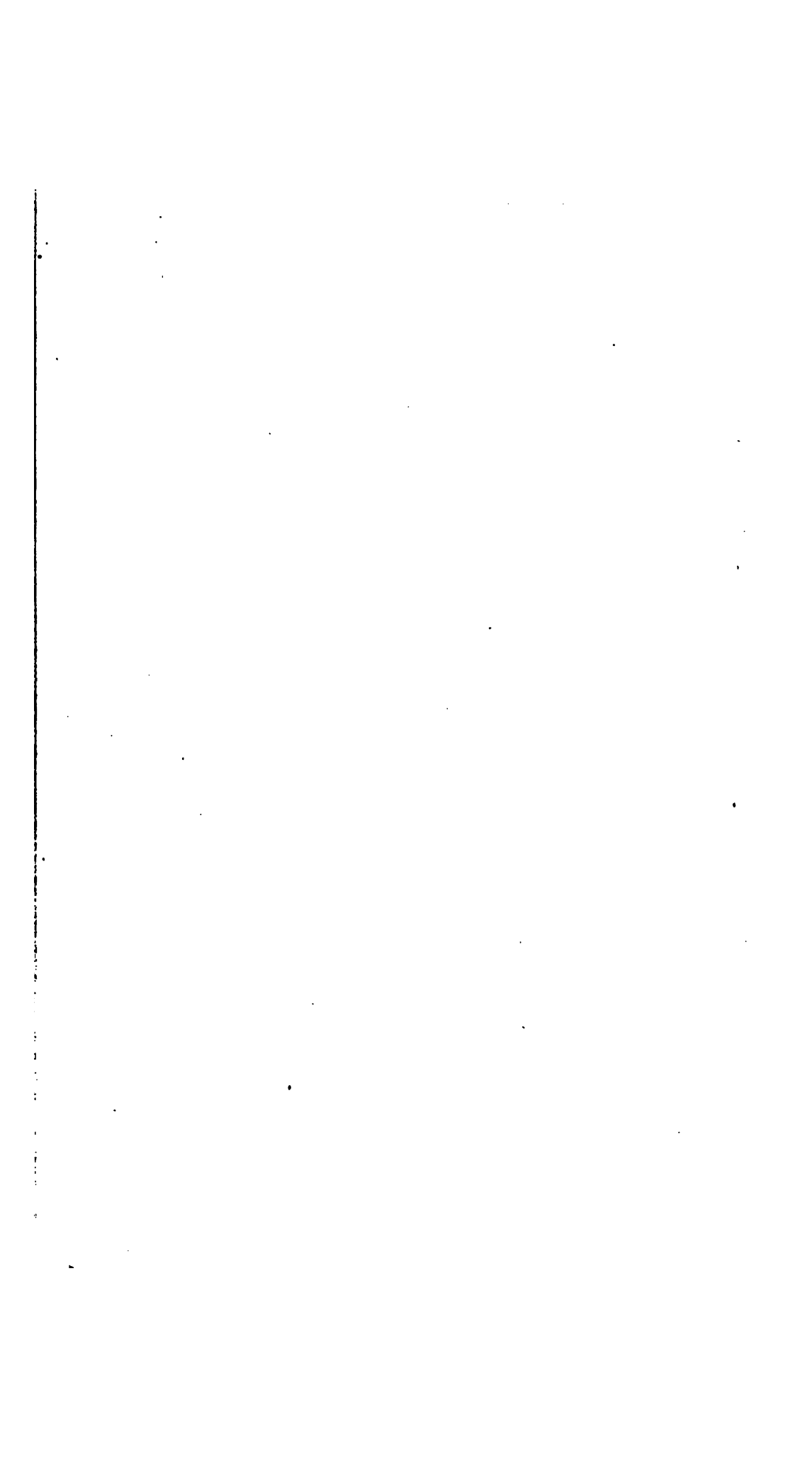
— Deu-te o Senhor essa bellesa angelical, por que te quer para as suas divinas nupcias. Vem para mim, Joaquina, vem; e, se o coração te levar para o esposo,

veste o habito. Se tens bonitas prendas, como toda a gente diz, a quem melhormente as darás senão ao auctor d'ellas? Serás a mais rica em dotes, entre as suas esposas. Resolve-te, minha pomba do céo. Se estas grades te entristecem, verás como o amor de Deus t'as alumia depois.

— Eu pensarei, minha tia — disse Joaquina Eduarda; — por em quanto não decido do meu futuro. Espero que elle seja máo; porém, o ser freira, sem decidida vocação, é preparar o peor dos futuros.

— Assim é, menina, assim é; mas eu pedirei ao Senhor que te mova, e a sua divina inspiração te será depois contentamento sem fim. Isto aqui dentro, filha, é um mundo pequeno: ha bom e máo; os bons corações melhoram-se, e os máos pervertem-se. Resultado triste das profissões involuntarias... Vai pensar e orar, para que Deus te guie por graça de um dos seus anjos.

Prolongou-se a visita n'estes seraphicos discursos da freira, até que Antonio de Sousa chegou, e logo depois as locomotivas estrondosas. As senhoras desceram a embarcar nas liteiras, Joaquina circumvagou os olhos pelo rocio do mosteiro, e avistou encostado ao arco da Porta do Sol, Gaspar de Vasconcellos, cobrindo meio rosto com um lenço branco em que as lagrimas se embebiam. Tinham sido as campainhas das liteiras, que avisaram o moço. Abalado pelo agudo presentir d'amante, desceu á rua a interrogar os liteireiros, e soube que pertenciam ao juiz de Fora de Amarante. Depoz na mão condescendente do arrieiro um cruzado novo, e pediu-lhe espera

Partiram as liteiras a caminho de Barcellos (pag. 43)

d'alguns minutos em quanto elle escrevía duas palavras, para serem entregues, quando fosse possivel, á mais nova das duas senhoras. Negociada felizmente a proposta, Gaspar escreveu no balcão d'uma tenda poucas linhas, que fechou com um fragmento de hostia, e, com outro cruzado novo, entregou o bilhete.

Partiram as liteiras caminho de Barcellos. Antonio de Sousa nem palavra disse com referencia á pertinacia do bracharense, que elle, indignado, vira encostado ao arco.

Exultou o padre Sebastião Godim, quando a casa se lhe encheu de luz com a presença da irman. O sacristão, sem consultar o reitor, foi dar tres repiques nos sinos e sinetas do presbyterio. Os rapazes da aldeia deram de mão á lavoira, e sahiram á rua com rebecas e zabumbas. O mordomo de S. Clemente perdeu o amor a tres mil seiscentos réis, e pegou lume a dose duzias de foguetes que tinha comprado para a festa do santo no domingo proximo. Apinhou-se a freguezia alvoroçada em volta da residencia, e beberam-se alguns canecos de vinho, que mandou comprar o juiz de Fora.

E Joaquina Eduarda, que tão querida era d'aquelle povo, estava triste e aborrecida. Para se furtar aos grotescos comprimentos dos lavradores, desceu ao jardim, cujas plantas semeara ella e desvelára com infantil amor. N'este ensejo, o liteireiro, que a espreitava a geito, fez-lhe signal, e deu-lhe o escripto.

— De quem é? — perguntou ella incendiada na alegria do presagio.

— É do fidalgo que ficou encostado ao postigo do Sol. Se V. S.ª quizer responder, hade ser depressa, que nós, lá pela meia noite, vamos embora. O tal senhor está aquartellado em casa dos srs. Mellos da rua Chan, que eu já lá o enxerguei.

Escondeu-se Joaquina a ler o escripto, que dizia assim:

«*Antes morrer que não tornar a vêr V. Ex.ª Se fôr sua vontade, irei procural-a ao fim do universo. Escreva-me V. Ex.ª Peço-lh'o com as mãos erguidas.* G. DE VASCONCELLOS».

Tremia a formosa creatura. Que visão, que morrer de felicidade para o amante que assim a visse n'aquelle estremecimento em que havia o quer que fosse de embriaguez, de vertigem!

Acolheu ao seio o bilhete: é no coração que ella queria escondêl-o.

Entrou no seu quarto: não tinha papel nem tinteiro. Foi, ás furtadellas, tirar um lapis d'entre as folhas do breviario do irmão; e, n'uma tira rasgada d'um caderno de musicas, escreveu:

«*Se eu podesse vêl-o, seria menos desgraçada. É o primeiro homem que amo, e amarei até ao fim da vida. Fico ao pé de Barcellos, na freguezia de Bastuços. Como heide eu vêl-o, sem ser descoberta? Não sei. Tenho um irmão que hade ser mais severo que um pai. Não me esqueça, e esperemos a sorte.* J. EDUARDA.

Depois d'isto, e entregada prosperamente a carta ao

liteireiro, transfigurou-se o semblante amargurado de Joaquina. Desbordava-lhe a exaltação do seio aos labios e olhos. Sorria a todos, acariciava o irmão, cantava modilhas populares no seu desafinado manicordio, fazia passos do solo inglez, e gesticulava remedando a Giuntini e as truanices do bufão da opera.

Antonio de Sousa estava pasmado; Sebastião Godim aquinhoava d'aquelle doudo contentamento; e a irman, que já se havia mostrado infadada dos enojos de Joaquina, dizia ao marido:

—Desconfio d'este subito contentamento! Aqui ha historia...

—Que historia! Ha a versatilidade propria das mulheres!—dizia Antonio de Sousa.—Esqueceu-se do rapaz! é o que é. Ainda bem.

—Aqui ha historia, Antonio!—instava a senhora.—Fia-te em mim, que sou mulher.

—Por isso mesmo é que não ha historia!—disse sorrindo o magistrado.—Vocês são uns evangelhos muito apócriphos para que a gente se fie.

—Não rias. Lembra-te que Joaquina desappareceu d'aqui um grande pedaço. Passou duas vezes pela sala muito cabisbaixa e pensativa. Dei tento de ella ir duas vezes ao quintal...

—E d'ahi?

—Estará o Gaspar por ahi escondido?

—Valha-te Deus!... Não sabes que pai elle tem! Cuidavas que o rapaz atravessava dez leguas atraz das liteiras sem ser visto!...

— Então é outra coisa: historia é tão certo havêl-a, como dous e dous...

— Serem quatro tolices que tu dizes.

Assim rematou Antonio de Sousa, quando sua cunhada entrou abraçada no irmão.

V

RARAS intermittencias de tristeza assaltaram o jubiloso espirito de Joaquina. Os oito dias, que Antonio de Sousa passou na reitoria, correram sem que sua cunhada revelasse leve pesar de vêr partir a irman para Amarante. O juiz discretamente referiu ao reitor o acontecido com o sujeito de Braga, as inquietações que este episodio lhe dera, e por amor d'isto a pressa com que viera entregar-lhe a irman. Sebastião Godim agradeceu a historia, e mais ainda a restituição da sua filha, como elle dizia, para encarecer o muito que estremecia Joaquina.

— Agora — ajuntou Antonio de Sousa — o mano acautele-se e previna-se.

— De quê? — interrogou com sorriso de galhofa o padre.

— D'alguma correspondencia ou visita inconveniente... O rapaz tem ares de affouto, e ella não me parece que seja das mais timidas. O mano ri-se? Olhe que estes casos não se levam assim...

— Chama-se elle? — perguntou o padre.

— Gaspar, filho do Pedro de Vasconcellos, de Braga.

— Bem sei: este Vasconcellos era um bom amigo de meu pai. Não creio que d'esta familia possa surdir a deshonra da minha; e menos receio que minha irman se descuide de ser honesta. Em fim, eu cá estou... Se ella tinha sahido victoriosa das seducções dos galans amarantinos, e vinha agora n'estes innocentes valles, á sombra de seu irmão, destruir o bom conceito que tem ganhado!... Não pensemos n'isto que me faz mal...

Retiraram o juiz de Fora e mulher para Amarante. Joaquina Eduarda dispoz de pouquissimas lagrimas na despedida, e assim recompensou liberalmente os sêccos olhos da irman. Esta senhora, bem que linda e grandemente mimosa de encantos, desde certo tempo cobrára não sei que louca emulação da irman. Quando Joaquina chegou a casa d'ella, a esposa do juiz fruia a nota de primaz nas formosuras d'aquella villa; porém, o eclypse fôra total com o apparecimento da mais nova. E, posto que a dama casada não queria captivar alguem com suas graças, doeu-se de que lh'as vissem com indifferença. Mulheres! a serpente sempre a sob-rojar-se por entre as mais virtuosas!

Isto assim dá explicação do ar despeitoso com que as vimos no theatro e salões do regedor das justiças, e melhor esclarece a economia de prantos com que se despediram... para nunca mais se verem.

Mais satisfeitos que nunca, douraram-se os dias de Joaquina e de seu irmão. O padre surprehendeu-a com

Uma tarde, sentados na ourela verdejante do córrego... *(pag. 51)*

o brinde de um piano forte, o primeiro talvez que viera a Portugal, d'aquelles que inventara poucos annos antes o celebrado Silbermann. Deu-lhe tambem cadernos italianos de musicas modernas. Quanto elle podéra poupar em anno e meio, tudo empregára na realisação d'aquelle desejo de sua irmã,

E, ao vêl-a, tão distrahida com musica e flôres, o reitor censurava no intimo, e com desagrado, as suspeitas calumniosas de Antonio de Sousa e da mulher.

Uma tarde, sentados na ourela verdejante do córrego, chamado rio Real, conversavam sobre os casamentos deparados em Amarante á irmã. Joaquina ria-se, recordando os dizeres requebrados d'aquelles sujeitos, e a desgraciosa ternura de taes aleijados pelo maganão Cupido. Ria o padre da linguagem pittoresca da irmã; e, azado o ensejo, pela primeira vez falou em Gaspar de Vasconcellos. Vestiram-se de purpura e seriedade as faces até alli joviaes de Joaquina, e então observou o reitor:

—Este nome alterou-te, minha irmã?!

—Foi uma saudade e mais nada—respondeu ella. —Não me censures por isso, que este sentimento não é indigno de almas bem formadas.

—Pois eu não te censuro—tornou suavemente Sebastião.—E, a censurar-te, seria por occultares do teu unico amigo esse incidente de nenhuma importancia.

—Pois por elle não ter importancia t'o occultei.

A sahida era engenhosa; e, por muito engenhosa, suggeriu precauções ao padre.

Não tardou motivo de suspeita.

Sebastião Godim voltava um dia da egreja a buscar a caixa das hostias, que lhe esquecera, e encontrou nas visinhanças da residencia um homem estranho, que mal disfarçadamente, ao avistar o padre, se escoou por um quinchoso, que conduzia á estrada. Trajava jaqueta, chapéo derrubado, e denotava homem da ultima plebe. Aventou o padre, n'aquelle desconhecido, um enviado de Gaspar de Vasconcellos.

Calou-se, porém.

Lançou inculcas e pesquizas. Colheu miudas informações. Aquelle homem já tres vezes tinha vindo amanhecer á freguezia, e parava á porta do reitor, á hora em que este dizia a missa.

Fez-se triste o padre. Ás perguntas da irmã, sinceramente sentidas e desconfiadas, Sebastião respondia com um fingido ar de contentamento, e algumas frivolas explicações de sua melancolia.

Estavam espias embuscadas nos atalhos convisinhos do paçal e casa do reitor.

Um dia, foi avisado o padre, quando se estava revestindo. Desparamentou-se, sahiu da egreja, e metteu por caminho diverso. Surgiu de repente á quina do cunhal da casa, e viu retirar-se o mesmo homem debaixo d'uma janella. Desandou em redor do paçal, e sahiu lhe á frente. Acercou-se do homem, lançou-lhe a mão á lapella da jaqueta, e disse-lhe:

—A carta que levas! Não te demores em dar-m'a senão quebro-te os braços.

.. Lançou-lhe a mão á gola da jaqueta e disse-lhe... *(pag. 52)*

— Está aqui, senhor — disse o homem aterrado, e entregou-lh'a.

— Espera! — ajuntou Sebastião Godim.

Leu a carta, dobrou-a, voltou-se placidamente ao creado de Gaspar e disse-lhe:

— Vem comigo, que não te faço mal.

O homem seguiu-o.

— Espera-me aqui — disse o padre entrando ao quinteiro da residencia.

Subiu ao seu quarto, escreveu em meia folha de papel:

«A carta dirigida por Joaquina Eduarda ao sr. Gaspar de Vasconcellos fica em poder do filho de Fernão Cazado Godim.»

Sahiu ao patamar, chamou o creado, e disse-lhe:

— Entrega isto a quem te mandou.

Joaquina Eduarda, atravês da vidraça do seu quarto, vira o homem, e exclamára:

— Ó Virgem Santissima, que será isto?

O sacerdote voltou ao templo: ajoelhou a reconciliar-se aos pés d'outro sacerdote, e foi para o altar. Disse o ajudante da missa que o sr. reitor, n'aquelles espaços do sacrificio em que o ministro se inleva contemplativo, as lagrimas lhe rolavam das faces, e cahiam sobre a vestimenta.

Á hora de almoço, Joaquina faltou á meza. Sebastião perguntou por sua irmã. Responderam-lhe que a menina estava fechada por dentro, e o quarto ás escuras.

— Chamem-n'a — ordenou o padre.

Passados minutos sahiu Joaquina á casa de jantar. Trazia os olhos roixos de chorar.

— Almoça, se pódes, Joaquina — disse Sebastião.

— Não posso: deixa-me voltar ao meu quarto.

— Vai, que eu logo procuro-te.

Ergueu-se da meza o sacerdote, e foi resar no breviario. Depois, bateu á porta do quarto de sua irmã, sentou-se ao pé do leito em que ella estava sentada, e disse-lhe:

— Não é o caso para tamanha afflicção. A tua carta a Gaspar exprime grande amor, e mais nada. Isto é apenas um erro: crime não o ha. Reprovo o teu procedimento; mas não te lanço da minha alma. Venho perguntar-te se tens força para romper esta impensada alliança com o homem a quem escreves. Se a não tens, mal de ti! Andas com os olhos tapados em volta d'um abysmo. Este homem quer perder-te.

— E porque não hade querer ser meu marido?! — perguntou ella animada pelo ar indulgente do irmão.

— É um filho natural, que cahirá sobre as palhas da miseria, se desobedecer ao pae. Dentro de alguns mezes, Gaspar de Vasconcellos estará casado com uma prima, ou perdido.

— É falsidade! — exclamou ella.

— Não digas isso a teu irmão que nunca mentiu, Joaquina.

— Então estas cartas?! — clamou ella, saltando do leito, e tirando d'entre a roupa d'uma gaveta quatro cartas...

— Dizem-te essas cartas que será teu marido Gaspar?— interrompeu Sebastião.

— Lê-as tu.

— Não preciso: segue-se que é elle quem te mente, e é infame em enganar-te.

— Enganarem-me a mim estas cartas!... Oh!. tu não sabes quanto eu sou amada!... Lê, meu querido irmão, lê estas cartas!

— Nem tocar-lhes.

— Pois tu não intendes que eu possa ser verdadeiramente amada?— bradou ella com orgulho.

— Póde ser que o sejas... E eu me arrependo de ter chamado infame a esse homem. Póde ser que elle medite em sacrificar-te á sua paizão e á sua indigencia. De qualquer dos modos é máo homem. Pergunto de novo: tens forças para te desligares d'esta fatal prisão?

Joaquina meditou instantes, e respondeu soluçante:

— Não tenho!

O irmão levantou-se, e sahiu do quarto.

Meia hora depois, sahia no caminho de Braga.

Pedro de Vasconcellos, quando soube que tinha na sua sala um filho de Fernão Cazado Godim, houve grande jubilo, e mandou pôr na meza mais um talher, e recolher a egua á sua cavallariça.

— Eu volto d'aqui a pouco no caminho de minha casa — disse o padre. — Exponho em pouco tempo a razão de minha vinda. V. S.ª é pai, e eu sou irmão. Vontade e auctoridade de pai podem muito, a de irmão pouquissimo. Tenho uma irman allucinada de amor ao

snr. Gaspar, filho de V. S.ª O sr. Gaspar está no caso de ser esposo de minha irman, com o beneplacito de seu pai?

— Não, senhor: já respondi o mesmo a seu cunhado, juiz de Fora.

— Bem: venho pedir a V. S.ª que defenda minha irman da seducção de seu filho. Venho pedir-lhe que o reduza aos seus deveres, já que eu não posso alumiar as trevas do engano, que elle lançou no espirito de minha pobre irman.

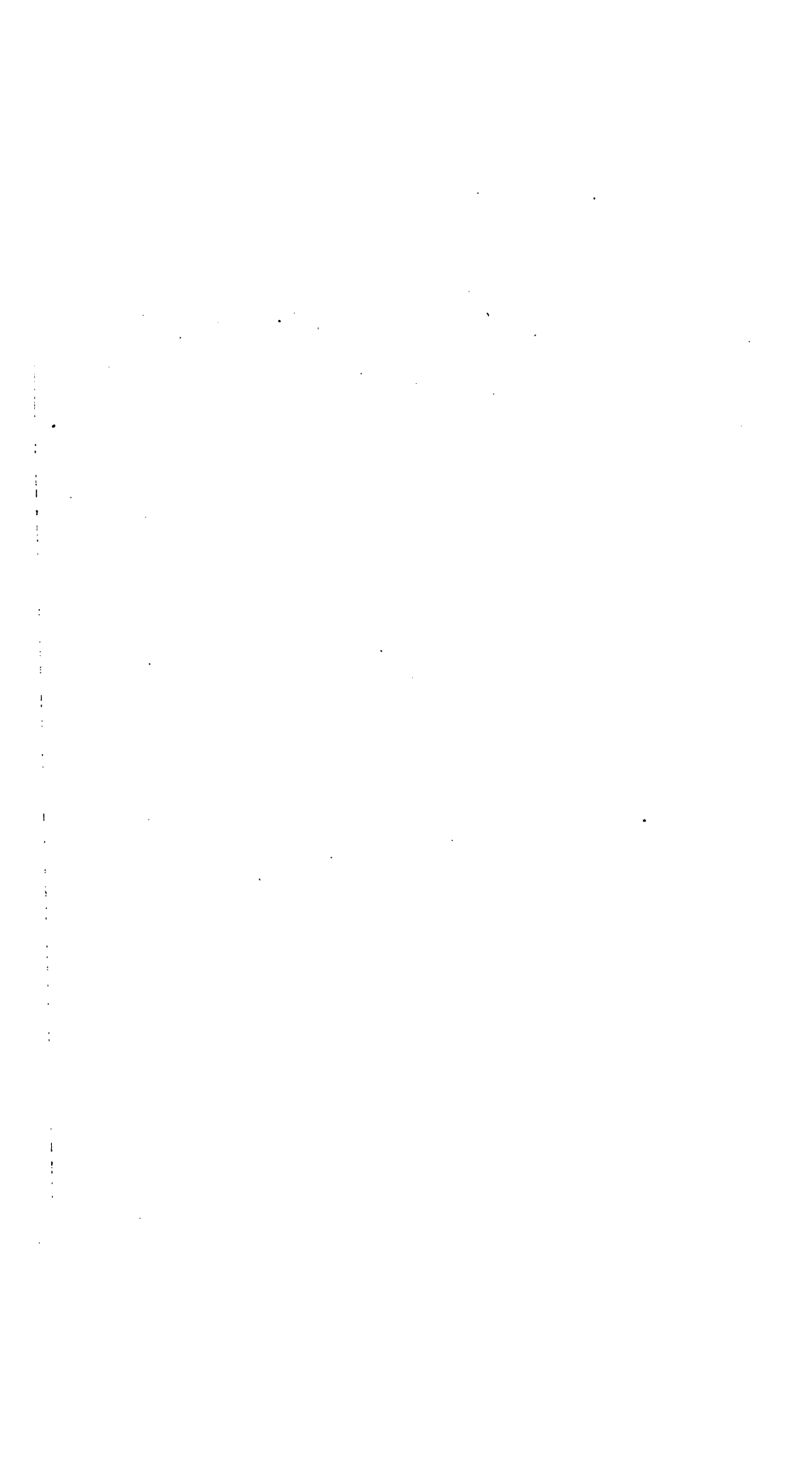
— Pois o malvado continua?! — exclamou o velho. — O patife deshonra-me? quer seduzir a filha de Fernão Godim?

— Já respondi a V. S.ª Agora recebo as suas ordens, e vou-me ás minhas obrigações. A reitoria é pobre, e não tenho coadjutor que m'as faça.

— Pois nem ao menos me aceita um jantar?

— Aceito-lhe a boa vontade, e deixo-lhe em paga — triste paga! — impressa na memoria a tristesa d'um irmão infeliz.

— Vá descançado, snr. reitor — concluiu o velho — que eu sei ser pai com meu filho; mas, se elle deixar de ser filho, serei algoz.

— Não, senhor, já respondi o mesmo a seu cunhado, juiz de Fóra *(pag. 56)*

VI

A mesma sombra affectuosa voltou ao aspeito do padre, que sorria a Joaquina Eduarda. Correspondia ella com ar de amargurada ás alegres expressões com que o irmão parecia desafial-a aos contentamentos antigos, e pedir-lhe perdão de a ter salvado d'um perigo. Mallogrados os esforços que pozera, recalcando no peito a dôr de se vêr assim victimado a uma saudade, Sebastião desistiu de recuperar a ditosa vida que se lhe afigurára duradoura até á doce paz da velhice. Então foi o cavarem-se-lhe as faces, o reconcentrar-se na angustia silenciosa, e o viver com a irman na dolorosa mudez de duas pessoas que violentadas sustentam e soffrem os dolorosos liames da convivencia.

Joaquina, encerrada em seu quarto, contou por lagrimas os arrastados minutos de trinta dias. Já não esperava, nenhum acaso lhe promettia novas de Gaspar. Sabia que elle devia estar já em Coimbra: pensava em escrever-lhe; mas não tinha pessoa de quem confiasse

uma carta, e menos ainda quem do correio lhe trouxesse a resposta.

A este tempo o reitor recebeu carta de Pedro de Vasconcellos, assegurando-lhe que o filho estava a concluir a formatura na Universidade, e lhe jurára nunca mais inquietar a snr.ª D. Joaquina, nem responder ás cartas, se as recebesse. E concluia: «Rogo-lhe muito encarecidamente que me avise, caso meu filho quebrante o seu juramento.»

Despiram-se as arvores, nublou-se o céo, esfusiavam as ventanias de novembro, toldou-se o crystal do Cavado, encharcaram-se as varzeas marginaes dos ribeiros. A tristeza de Joaquina augmentou. Ja não tinha as tardes e alvoradas do estio a dulcificarem-lhe o agro de suas cogitações. Reclusa no seu quarto, ou passeando na sala escura da residencia de velhas e nuas paredes, faltava-lhe ar e sol ao qual muitos pezares, como chumbados n'alma, se diluem. Foi n'um d'aquelles dias, em que o desejo da morte assaltea as pessoas infelizes e solitarias, que Joaquina, abraçando-se ao irmão surprehendido, exclamou com a voz intercortada de soluços:

—Eu quero entrar n'um convento, meu querido irmão. A tia Joanna de St.ª Clara pediu-me muito que fosse para a sua companhia. A santa senhora está pedindo a Deus que me inspire; e este forte desejo, que me impelle, é obra divina.

Sebastião Godim demorou alguns segundos a resposta, inclinando o rosto macerado sobre o peito.

—Não me dizes nada?—instou ella.

—Digo-te que vás, minha irman. Queres professar?

—Como tenho um anno de noviciado, sobra-me tempo de estudar-me e deliberar-me. Por emquanto no que penso é tão sómente em me recolher a uma cella, orar, e chorar.

—Ámanhã iremos para o Porto, Joaquina, se o tempo o consentir. Eu vou rogar um padre que me tome conta da freguezia. Escuso dizer-te que, no caso possivel de te enganar essa tua vocação, querendo tu voltar a esta casa, avisa-me, que eu irei logo buscar-te. Observo-te, minha irman, que nos conventos chora-se pouco, e não se ora muito; pelo menos a efficacia das orações, nos tempos correntes, é moderada. Parece acertada a resolução de entrares em St.ª Clara, se o teu fim é distrahires-te. Lá verás muita frivolidade, muita vaidade, muitas paixões ruins, muitissima hypocrisia ao descahir da vida, e rarissimos exemplos de sincera virtude. Se estes poderem mais em ti que os máos exemplos, abriga-te no seio de nossa tia, e esconde-te lá. Se os máos exemplos te seduzirem, de nada valerá o resguardo e conselhos da tia Joanna. Seja como fôr, Joaquina. Não serei eu que embarace a tua determinação. Já disse, ámanhã iremos, ou no primeiro dia estiado da chuva.

Deu-se pressa Joaquina em arranjar os seus bahus, e andava muito alegre n'esta azáfama. O padre conheceu a transfiguração moral da irman, e disse entre si: «Está alegre!... Medita alguma loucura... Cuida que do convento lhe será facil corresponder-se com Gaspar.... Vou desenganal-a...»

Tirou da algibeira interior do capote uma carta, e disse:

— Joaquina, ha quarenta dias que eu voltei de Braga, e não mais te disse palavra respeito a Gaspar. Deves saber que eu fui perguntar a Pedro de Vasconcellos se seu filho poderia ser teu marido. Respondeu-me que não. Pedi-lhe que empregasse o rigor de pai em desvial-o do caminho da tua desgraça. Não se baldaram meus rogos. Eis-aqui a carta que Pedro de Vasconcellos me escreve. Lê, Joaquina.

Leu, e quando chegou aos termos: «nem responderia ás cartas, se as recebesse», ás faces d'ella ressumaram diversas côres, nos labios desfranziu um sorriso inqualificavel, e logo se abriram n'estas palavras:

— Que me importa a mim o vil?... Que me não responda quando eu lhe escrever. Eu escusava de saber isso, mano Sebastião. Se sou desgraçada, resta-me a dignidade. Um sentimento nobre de amor não estraga os brios. Eu sei o que valho.

— Menos orgulho, Joaquina! — disse brandamente o padre. — Temos visto cabeças coroadas mergulharem na lama das más paixões. Nem dotes, nem formosura, nem fidalguia terão mão de ti, quando houveres de cahir.

— Cahir!... — exclamou ella. — Tu julgas de mim muito pouco, Sebastião! Amar é cahir?

— É fechar os olhos para não vêr a voragem; é cobrir os abysmos de tapetes de flores.

— Não receies. Tive sempre abertos os olhos quando

Ao despedir-se do irmão debulhou-se em pranto... (pag 63

amava; e, se os então fechasse, abril-os-hia agora para nunca mais se fecharem.

—Assim seja—concluiu o irmão.

Ao segundo dia, estiou o tempo, e jornadearam para o Porto. Obtidas as licenças mediante a solicitação da religiosa de St.ª Clara, Joaquina Eduarda entrou no convento. Ao despedir-se do irmão, debulhou-se em prantos, e rompeu n'um soluçar de ultimas agonias.

Era grande angustia e assombro este inesperado lance para Sebastião Godim.

—Queres tu voltar, Joaquina?—bulbuciava elle suffocado.

—Não...—disse ella.—Eu sinto-me passada de mil dôres! Pede a Deus que me salve ou que me mate.

VII

Ao oitavo dia de convento, Joaquina Eduarda principiava a achar assás aborrecida sua tia Joanna com a superabundancia de santos e santas de suas relações Á virtuosa creatura da velhinha afigurava-se-lhe que os papas não tinham canonisado gente bastante para enchimento do seu coração devoto! Esgotados os bem-aventurados do padre Feo e do Ribadeneira, soror Joanna do Rosario resava ás almas de todas as religiosas d'aquelle e d'outros conventos, fallecidas em cheiro de santidade.

No principio, Joaquina, mais delicada que devota, commungou do fervor da tia, mas, ao cabo da primeira semana, tinha os joelhos macerados, o coração esteril de piedade, e a cabeça atordoada do rosmunear monotono da tia; e d'uma alluvião de nomes de martyres, de virgens, de confessores, de doutores, e de freiras mortas e milagrosas, com as respectivas historias.

Emancipou-se ao oitavo dia, dizendo que não podia continuar nas rezas, sem prejuizo da sua saude.

A tia Joanna dissaboreou-se d'isto; mas não a contrariou.

— Será quando poderes, Joaquininha — disse ella com evangelica mansidão e bom juizo.

Estavam no convento umas religiosas de pouco tempo, e noviças recem-chegadas que lastimavam a situação de Joaquina em companhia da beata.

Uma e outra lhe diziam:

— Pobre menina! ao céo vai a senhora, mas da terra pouco tempo hade gozar-se! Reparta melhor o seu tempo. Passeie, divirta-se, coma, durma e reze, que as horas chegam para tudo, e ainda fica tempo de se ganhar o céo. Mais vale uma hora de oração voluntaria, que uma prégação de quatro horas a todos os santos e santas do reino da gloria.

Havia tal qual sensatez e conformidade com o pensar de Joaquina Eduarda n'aquellas tentações. Não foi mister repetirem-lh'as; e, como prova de agradecêl-as, affeiçoou-se ás religiosas que professavam o racional systema da divisão do tempo.

A tia Joanna desagradou-se da intimidade da sobrinha com as religiosas mais desempoeiradas do convento. Fez-lhe praticas um tanto enfadonhas, e cessou de admoestal-a, vendo que se fazia aborrecida.

As freiras de má nota convidaram uma tarde a sua recente amiga a ir com ellas a uma grade chamada de galhofa.

Joaquina, desejosa de distracção, foi á grade. Concorriam á galhofa dois padres loyos, um arcediago,

Concorriam á galhofa dois frades loyos, um arcediago, dois... (pag 68)

12

dois cavalheiros de cabellos brancos trescalando pivetes, e um academico da universidade que viera a ferias de natal. Uma das freiras ardia d'amores do arcediago, outra d'um loyo, e a terceira do outro frade. Os cavalheiros almiscarados eram pretendentes a duas religiosas quarentonas, que, de amuadas, por motivos desconhecidos da minha perspicacia, não foram á grade. O academico era irmão d'uma noviça, que a prevista mestra do noviciado não deixára concorrer com as freiras doudas.

O apparecimento de Joaquina Eduarda lançou o espanto n'aquelles arraiaes d'amor.

Loyos, arcediago, cavalheiros e academico, estavam todos embevecidos n'ella, com roaz desgosto das outras senhoras.

— Ha mezes, disse um dos cavalheiros, que eu vi esta senhora no theatro italiano e no baile do regedor das justiças.

— E a ouvimos cantar divinalmente. — ajuntou o outro. — Não é V. S.ª cunhada do juiz de Fora d'Amarante, Sousa Pereira?

— Sou.

— E chama-se V. S.ª? — perguntou o academico.

— Joaquina Eduarda Cazado Godim — disse ella.

— E' a mesma! — exclamou o estudante — Mal diria eu!...

— Que mal diria o snr. Castro? — perguntou um padre loyo.

— Que vinha encontrar aqui uma senhora por amor

de quem tem estado ás portas da morte o meu condiscipulo Gaspar de Vasconcellos!...

Illuminaram-se radiosos os olhos de Joaquina e volitou-lhe á flôr dos labios um riso de cruel contentamento.

—E V. S.ª sorri-se?—observou o academico.

—Não sei porque deva chorar!—disse ella com jovial desplante.—Eu não creio nas enfermidades do snr. Gaspar de Vasconcellos...

—Creia-me, minha senhora! Juro-lhe pela memoria de minha mãe que o meu condiscipulo chegou a Coimbra, ido de ferias, com febre, e nunca mais se levantou da cama. Eu, como particular amigo e confidente d'elle, ouvi-lhe duzentas vezes a triste historia dos seus amores; e, se V. S.ª não me crê, e consente que eu exponha tudo que sei ácerca da mal fadada paixão de Gaspar...

—Não é necessario—interrompeu ella.—Agora devéras lastimo a enfermidade do seu amigo, e sinto ser eu causa dos seus desgostos: mas bem vingado está elle, que os meus não tem sido menores, e a minha alegria acabou desde a primeira e fatal hora em que o vi. Por causa d'elle estou n'este convento, onde voluntariamente me recolhi, persuadida que a felicidade é já impossivel para mim, e muito possivel, e certa, e até proxima para elle. Agora, peço licença para retirar-me, porque me sinto bastante triste para poder tomar quinhão nos divertimentos de V. S.ᵃˢ

Ergueu-se, fez uma cortezia da melhor sociedade, e

retirou-se, deixando-os a elles estupefactos, e ás freiras satisfeitas.

Fechada na sua cella, Joaquina Eduarda chorou, leu as cartas de Gaspar, e beijou-as com aquelles trejeitos infantis que ensina a paixão.

Volvidos poucos dias, o academico voltou ao convento, e annunciou-se á snr.ª D. Joaquina Eduarda. Correu pressurosa ao locutorio a menina, e aceitou uma carta de Gaspar de Vasconcellos, promettendo entregar no dia seguinte resposta ao mesmo encarregado da ditosa missão.

Gaspar justificava-se até á superfluidade. A sua paixão levara-o aos braços da morte. Preferira agonisar em silencio, a matar-se d'um golpe de suas proprias mãos. Esmagado pela prepotencia do pai, que lhe pozera ao peito o punhal da miseria, nem sequer o céo lhe suggeria meio de fazer chegar uma carta ás mãos da mulher por quem morria. Que, n'aquella cerração absoluta, partira para Coimbra, a fim de acabar sem vêr o tyranno pai á beira do seu leito de paroxismos.

N'este proposito, e conflicto entre as forças da idade e a mortal desesperação, houvera noticia da existencia da sua amada no convento de St.ª Clara, e do que ella a seu respeito dissera, phrases empeçonhadas que elle agradecia, porque lhe approximavam a morte. No entanto, pedia elle a Joaquina Eduarda que lhe escrevesse uma palavra de perdão, perdão para a sua perversa alma que ousára inquietar os dias ditosos d'um anjo de innocencia.

Com os olhos embaciados das pertinazes lagrimas, Joaquina vasou ao papel quanto amor cabe e queima em peito virgem de mulher. Não era perdoar: era supplicar-lhe a vida, o amor, a esperança, o céo, e o inferno com elle.

...galopava á desfilada pela Sophia (pag. 75)

VIII

GASPAR de Vasconcellos, recebida a carta de Joaquina, sentiu aquietar-se o pulso, refrigerar-se o cerebro, e encher-se-lhe a alma de luz. Saltou do leito, pegou da pena, e esperou debalde uma idêa das mil que lhe marulhavam na cabeça vertiginosa. Depoz a pena, contou o dinheiro que tinha, chamou a servente, e mandou-a alugar cavallo para o Porto. Uma hora depois galopava á desfilada pela Sophia, com assombro dos estudantes que o consideravam thysico, nas ultimas vascas.

Chegou ao Porto, e entrou de noite na estalagem da rua de S. Sebastião. Ao outro dia escreveu duas linhas a Joaquina, consultando-a sobre a maneira de procural-a. A reclusa, palpitante de alegria, disse-lhe que procurasse a sua amiga Eugenia de Pombeiro.

Esta Eugenia de Pombeiro era a sua confidente de quarenta e oito horas.

Rebuçado no farto raguingote de castorina com ca-

rapuça de rebuço, entrou Gaspar ao portico de St.ª Clara e recebeu a chave d'uma grade, em que a snr.ª D. Eugenia de Pombeiro o ia receber.

Encontrou Joaquina Eduarda, que tremia e chorava. Era a primeira vez em que se viam de feição a poderem proferir a primeira palavra amorosa. O silencio de ambos exprimia o mais alto amor. A pallidez do môço revelava o atroz supplicio da saudade desesperançada. As faces emaciadas da reclusa, de leve purpuradas de pudor e exultação, testemunhavam os desmaios da passada saudade, e o estremecer da paixão n'aquella hora.

Gaspar tartamudeava, e Joaquina deixava apenas ouvir o arfar do coração sob os relevos tufados do peitilho de estofo escuro.

— Devo-te a vida... — balbuciou o academico. — Bemdita seja a hora em que veio aqui o meu condiscipulo! A não ser este feliz acaso, eu morria nas dores ignoradas, na tormentosa ancia de querer e não poder dizer-te que morria de saudade. Porque me não escreveste d'aqui?

— Como havia de eu suppôr que ainda te lembravas de mim? — disse ella maviosamente. — Eu vi a carta que teu pae escreveu a meu irmão. Promettias não só esquecer-me, senão despensar-me até ao excesso de não responder ás minhas cartas. Como havia de eu escrever-te, Gaspar? Por muito que te amasse, qual mulher, ainda a menos honesta e briosa, te escreveria?

— E tratavas de me esquecer?

— Tratava, para me não deixar succumbir a uma

E recebeu a chave d'uma grade... *(pag. 76)*

(pag. 76)

saudade que me não merecia tamanho ingrato... Mas perdoemo'-nos um ao outro. Acordemos do negro sonho de tres mezes. Como vieste aqui? não receias teu pae?

—Meu pai não saberá que eu vim. Tenciono não procurar ninguem. Demoro-me tres dias. O pai cuida que eu estou de cama. Para ir d'aqui á estalagem ninguem me vê. Faço caminho pelos becos da Sé, e desço á rua de S. Sebastião. E tu consentirás que eu venha aqui todos os dias?

—Magoa-me a pergunta! Que mais posso eu desejar! E o futuro, meu Gaspar? o futuro?

—Tenho pensado... Sabes que eu sou filho natural?

—Sei tudo, sei as condições tristes que te impõe teu pai para lhe succederes na casa... não me falles n'isso que me estala o coração! Ha outra mulher que já te conta por seu esposo

—Deixal-a contar. Nunca o serei.

—Nunca o serás?!—exclamou vivamente Joaquina

—Não! Juro-t'o pela hostia consagrada! Não! Se meu pai me desherdar, lutarei braço a braço com o infortunio. Vou concluir a minha formatura. De alguma cousa me hade servir o diploma de bacharel. Ganharei a vida como os que se formam para viverem das letras. Se vês que eu te mereço, serás minha esposa. Póde ser que meu pai me perdôe a desobediencia; porém, se me lançar de si com a crueldade de que eu não o julgo capaz, serei digno de ti e de mim: trabalharei, repartirei comtigo, e saberei supportar as necessidades com honra

e orgulho: Veja-te eu ao meu lado Joaquina!... Veja-me eu por tuas mãos coroado e galardoado dos sacrificios a que o mundo mais importancia dá!

— Terás coragem, Gaspar?! — perguntou ella, estendendo-lhe os braços através das grades inflexiveis.

— Se terei coragem! O que não fosse coragem, seria infamia!

— Que tempo esperarei n'esta soledade, meu amor?

— Alguns mezes. Depois da formatura, vou a casa. Heide sondar meu pai; heide fazer quanto puder para que minha prima seja a primeira a detestar-me. Se, todavia, se baldarem estes planos, preciso chamar a mim a coadjuvação d'alguem que nos desempeça o caminho de casamento. É preciso que meu pai o não suspeite. Elle póde muito na vontade do arcebispo, e dos desembargadores ecclesiasticos. Pela lucta a peito descoberto não conseguiria eu nada. Quero vêr se o nosso casamento se faz clandestino.

Progrediu o dialogo até que a confidente Eugenia veio offegante á porta da grade avisar Joaquina que a tia Joanna a andava procurando, porque estava o jantar na meza,

— Ao meio-dia! — exclamou Gaspar.

— Vê tu que supplicio! — disse ella sorrindo. — Janto ao meio-dia!

Despediram-se, com promessa para o dia seguinte ás quatro horas da tarde.

Repetiram-se as duas visitas concedidas, ractificaram-se os juramentos, trocaram-se tranças de cabello, enxu-

garam-se as ultimas lagrimas ao incendio da esperança.

Gaspar voltou á Universidade, architectando castellos por todos os horisontes e nuvens do céo, que lhe parecia de primavera, acintemente creada para uso d'elle.

Joaquina Eduarda fechou-se no seu quarto a escrever incansaveis paginas, que iam ser em Coimbra a leitura preciosa e exclusiva do môço que, a fallar verdade, não sabia uma lei do Digesto, nem um artigo das Decretaes.

IX

TOLERA facilmente a saudade o coração feliz e seguro da real remuneração de quem ama.

Joaquina Eduarda, quando se não deleitava escrevendo a Gaspar, foliava e travesseava com as noviças e religiosas mais folgasans. A tia Joanna, cada vez mais desaffecta á indole da sobrinha, carecia já de paciencia para indultal-a á conta de môça creada por bailados e theatros. Primeiro, as reprimendas tinham a brandura christã de uma santa Thereza de Jesus; depois, já iam molestando com os espinhos da severidade; ultimamente degeneraram em rabugem, como lá diziam da santa algumas duzias de peccadoras, que, chegadas á idade de D. Joanna, enganaram o demonio, e morreram como predestinadas, segundo consta dos fastos legendarios de St.ª Clara.

Á força de martelada pela tia, Joaquina calejou. Fugia d'ella; mas, se era apanhada em corrimaças e alaridos pelo pomar ou no mirante, ou á sahida das grades

de galhofa, respondia-lhe com desabrimento, e dizia: «Tenho dezoito annos».

A santa velha, interrogada pelo sobrinho, ácerca do comportamento da irmã, respondia: «Ella por cá vai indo; mas será bom, sobrinho, que não te esqueças de pedir sempre a Deus que a tenha de sua mão». Instava o reitor pela delucidação d'estas palavras, e a tia Joanna ajuntava: «Joaquina está nova, e quer folgar. Freira é que tu não deves esperar que ella seja».

Sebastião Godim attribuia ao beaterio da velha tamanha austeridade de conceito; ora, como elle não desejava que sua irmã fosse freira, nem tinha bastante com que dotal-a, inquietou-se quasi nada com o parecer da tia Joanna.

Chegada a Pascoa, voltou Gaspar ao Porto, onde passou as ferias, com o mesmo recato e prudencia. Eugenia de Pombeiro prestou-se a coadjuvar diariamente duas felicissimas horas aos dois proximos noivos. Amavam-se já com a seguridade, confiança e liberdade de esposos separados por seis palmos de parede-mestra interposta a duas rêxas de bom ferro sueco. Mas os corações saltitavam por aquellas grades, como um casal de canarios nos poisadoiros da gaiola. Não havia nada que ajuntar aos protestos feitos e planos combinados. O casamento havia de fazer-se, o mais tardar, no agosto proximo, dois mezes depois de concluida a formatura do nubente.

D. Joanna sabia miudamente os passos da sobrinha. Delatavam-na as émulas da formosura d'ella, as

Respondia-lhe com desabrimento, e dizia: Tenho 18 annos. (*pag 84*)

.6

tres freiras amadas dos loyos e do arcediago; mas dizia a velha de si para comsigo: «Se ella aqui dentro não procede bem, que fará lá fóra? Vamol-a soffrendo, a vêr se Deus lhe dá juizo.»

Perguntou ella á sobrinha quem era o cavalheiro que a procurava.

— É um morgado da Amarante — respondeu Joaquina.

— Vem passar o tempo á laia dos freiraticos dos meus peccados!

— Não, minha senhora: o seu intento é casar comigo, se eu me deliberar a casar com elle.

— Pois, se elle é homem temente a Deus, e remediado, casa, casa, minha menina, que esta vida de convento não te serve, nem tu agradas ás senhoras virtuosas d'esta casa.

— Ora!... as *senhoras virtuosas!*... — acudiu Joaquina galhofando.

— Tu zombas, porque as não conheces. A gente com quem vives essa intendes tu ás mil maravilhas. Ah! Joaquina, Joaquina! não sei o que me adivinha este coração!...

— Visões da minha tia!...

— Ai! meu irmão! se tu vivesses!...

— Estava eu muito feliz na companhia d'elle.

— Tambem digo, menina, porque serias mais honesta.

— Pois eu sou deshonesta? A tia, com toda a sua virtude, vai-me insultando... — replicou Joaquina impando de orgulho e colera.

— Não te insulto: prophetiso-te grandes desgraças, se não te emendas.

Ouviu Joaquina a prophecia como se a estica e mumificada velhinha se lhe afigurasse uma Cassandra de mosteiros. Foi d'alli em grande corrida para o mirante onde a estava esperando uma chusma de gárrulas senhoras que, voz em grita, applaudiram a chegada de Joaquina.

O divertimento, n'aquella tarde, era ouvir a musica de duas serenatas fluviaes, como é justo que denominemos dois concertos musicaes em dois barcos, alternando-se nas delicias das rebecas, violas e flautas.

Estas festas vinham alli onde agora atravessa a ponte pensil, a galantear algumas das freiras do mirante. A orchestra era executada magistralmente por frades da Serra, que vinham a ser os galanteadores, acamaradados n'aquella innocente folia com outros santos varões oratorianos e loyos. As religiosas acenavam, e os cenobitas, os ascetas, alargando os celicios de sobre os rins por breve espaço, acenavam tambem com lenços brancos.

N'este sobremodo poetico divertimento de frades e freiras, appareceu a casta lua a divertir-se tambem. A loira princeza dos astros retractava-se nas aguas limpidas, por não poder vir pessoalmente abraçar os frades, que tanto se esmeravam em acatar as freiras, irmans d'ella na castidade. Em seguida á lua, chegou um barco, batendo a compasso rijo e rapido o bracejo dos remos. Este barco attracou um dos dois mosteiros fluctuantes, e logo do interior sahiram quatro homens que bateram

.. provaram que eram muito mais expeditos na segunda sova (pag 87)

nos cruzios da Serra com tamanha e desaforada força, que os eccos da quinta do bispo, na margem direita, responderam á toada cava das pauladas que deslombavam os frades. Depois, atracaram o barco dos loyos e congregados que aproavam á ourela direita do Douro, e ahi, apesar da desesperada defesa, os braços aggressores provaram que eram muito mais expeditos na segunda sova. As freiras tinham fugido acossadas pela grita d'aquella refrega naval, e pelo tilintar da sineta gemedora que as chamava ao côro.

Soube-se depois que os piratas da musica fradesca eram quatro militares, que serviam cavalheirosamente um quinto, a quem um frade loyo roubára a sua freira clara.

N'aquelles heroicos tempos o ciume sahia com façanhas d'este jaez· o exercito batia-se com os frades, hasteada a bandeira do amor n'um e n'outro campo. Hoje, consoante diz o snr. A. Herculano, vem ahi o frade brincar com o soldado. «O cercilho e o bigode jogam o futuro sobre o tambor posto em cima da ara[1].»

É máo acabarem as freiras em quanto senão extinguirem o cercilho, o bigode e o tambor.

[1] Prologo ao livro *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal.*

Assediavam-n'a as freiras austeras pedindo lhe que.. (*pag. 91*)

X

De sobra estava D. Joanna informada ácerca do estudante que requestava a sobrinha. Magoou-se entranhadamente da mentira, e cobrou mais desaffeição á incorrigivel môça. Entraram com ella arrependimentos e escrupulos, já por ter sido grande parte na ida de Joaquina para o convento, convidando-a e acariciando-a; já por se não explicar claramente ao sobrinho. Assediavam-na as freiras austeras, pedindo-lhe que tirasse d'alli aquelle máo exemplo d'outras seculares, e braço poderoso do inimigo para perdição das noviças. Contavam-lhe que na cidade ia um fallatorio vergonhoso á conta da pancadaria que os frades levaram, e dizia-se que Joaquina Eduarda tinha um grande quinhão n'aquella desordem, por amor da qûal o bispo andava ás más com o João de Almada, governador das armas.

As santas creaturas para chegarem mais de prompto á razão, como vimos abordaram-se á calumnia. A parte, que Joaquina Eduarda tivera no desastre dos loyos, con-

gregados e cruzios, foi meramente a de rir muito e zombar indiscreta das monjas que se doiam das contusões dos frades.

Tudo, porém, serviu de afiar os escrupulos da velha. Esta carta escreveu ella ao padre Sebastião Godim:

«Meu sobrinho. Acabou-se-me a paciencia, e a espe«rança na reforma de tua irman. Deus me é testemunha «do muito que espacei esta resolução, e da magua com «que obedeço agora á religião, dever e caridade.

«Joaquina Eduarda, como já te disse, nos primeiros «oito dias foi uma maravilha de sesudeza e gravidade. «Resava todas as noites comigo, e não faltava a hora «nenhuma do côro, sendo dispensada de lá ir. Dpois, sem «mais nem para quê, deu em se aborrecer da oração, e «nunca mais lhe vi contas nem livro nas mãos. Come«çou a andar á tuna por grades de galhofa em compa«nhia d'algumas religiosas que são a vergonha do habi«to e do convento. E eu, sobrinho, a reprehendêl-a ora «com brandura, ora com asperesa; mas é prégar no de«serto.

«Depois que eu soube, circumstanciadamente, que «ella tinha chichisbeo que passava as tardes na grade, «e vinha a isso de Coimbra, onde está tomar grão de «licenceado, não pude ter-me que não a reprehendesse «muito, até porque me mentiu sem necessidade. Não fez «caso, e mandou-me tratar das coisas do céo, e não me «intrometter na vida das raparigas. Acho que ella tem «razão; mas eu tambem a tenho para a não querer co-

Esta má nova encontrou Sebastião Godim enfermo (pag. 93)

...e preparava-se para escadeiral-o com um tamborete. . (pag. 97)

«migo, que heide responder por ella primeiro a Deus, «depois e este convento, e por fim á minha consciencia.

«É acêrto a necessidade que tomes conta d'ella, por«que ha menos perigo em guardar uma menina mal ajui«sada n'uma aldeia que n'um convento. Se ella algum «dia se reduzir aos seus deveres, e ao respeito que deve «ao nome de seu pai e de sua mãe, que era uma santa, «volta com ella então, e eu lhe restituirei a minha ami«zade. Se, contra o meu parecer, quizeres que ella se «conserve aqui, em tal caso, Sebastião, eu faço de con«ta que não tenho sobrinha. Devo dizer-te que as meza«das, que me enviaste, e eu guardava por não carecer «d'ellas para alimentar tua irman, não pude deixar de «lh'as dar para vestidos e adornos prohibidos, que, com «magua o digo, ella usa contra os estatutos d'esta casa, «respeito ao trajo das seculares. Não tem rei nem roque.

«Emfim, esta menina tem condão de sorte má. Deus «te guarde, e lhe valha, e todos nós. Tua tia affectiva e «obrigada

Joanna do Rozario.»

Esta má nova encontrou Sebastião Godim enfermo. Esmagou-o este mais que todos pungente desgosto. Abrasaram-n'o impetos improprios de seu ministerio. Se elle, n'aquella hora podesse renunciar ás ordens, e aspar das mãos consagradas o cunho indelevel do sacerdocio, iria a Coimbra desintestinar os figados do academico. Tremulo de colera, escreveu a Pedro de Vasconcellos n'estes termos:

«Gaspar mentiu como villão. Não pode ser filho de «Pedro de Vasconcellos. A mãe devia de illudir V. S.ª «para poder dar nome ao filho d'algum lacaio. Lamen«to-me de ser padre. Mal hajam os acasos da vida e «da fortuna que me agrilhoaram honra e brios ás co«lumnas do altar! Sem mais

Sebastião Cazado Godim.»

O arrependimento sobre-veio logo; mas a carta ia já de caminho, e o portador corria, que assim lh'o ordenára o reitor.

A infermidade aggravou-se com máos symptomas. Umas senhoras de Barcellos avisaram Joaquina Eduarda do perigo do irmão, e pediram-lhe que viesse ajudal-o a morrer ou a convalescer. Affligiu-se extremamente Joaquina, mostrou a carta á freira, queria partir logo; mas faltava quem a acompanhasse. Ao mesmo tempo Gaspar de Vasconcellos dizia-lhe de Coimbra:

«Está aqui meu tio frei João de Vasconcellos, que «vem buscar-me de ordem de meu pai. Teu irmão es«creveu para lá uma carta infernal. Sabe-se tudo. Tenho «a cabeça perdida, e morro só com a idêa de que heide «passar no Porto sem vêr-te. Este frade não me deixa, «e elle ahi vem dizer-me que estão as cavalgaduras «promptas. Tem compaixão do teu infeliz

Gaspar»

Ficou passada de novas e mais dolorosas lançadas a secular. Desconfiou da tia como denunciante, e insultou-a. Raivou contra todas as inimigas, e pediu aos céos que arrazassem o convento, aquelle covil de hypocritas e intriguistas!

Soror Joanna resava a *Magnificat,* e benzia-se a cada injuria que a sobrinha ejaculava dos fumegantes labios.

Eil-a, pois, em angustiosas e desesperadas aperturas. Nem tia, nem irmão, nem irman, nem cunhado, nem sequer o conselho alentador de Gaspar! A seu vêr, o casamento projectado desfaz-se. Pedro de Vasconcellos vai violentar o filho a casar com a prima, ou o encarcéra na cadeia, ou o desampara á descrição da miseria. O irmão resentido e intolerante, por ter sido escarnecido pela deslealdade d'ella, vai tambem despresal-a, ao tempo que a tia insultada a está abominando e que todo o convento conspira a expulsal-a como doida furiosa. Sente-se já torcida e sovada aos pés da desgraça; mas não é Joaquina mulher que se roje aos pés da tia ou da prelada, e das religiosas offendidas. Cae, soçobra, prostra-se no leito devorada de febre; mas não desprende um gemido, que commisere a freira. Regeita alimentos, e consolações da velha creada que a serve. Responde em gritos estridentes ás raras amigas que ousam, a despeito da communidade, procural-a. D. Joanna entra, forçada pela caridade no quarto d'ella, e diz-lhe:

— Venho trazer-te o perdão.

— Quando lh'o eu pedir! — exclama a febricitante, e volta-se contra a parede batendo com a fronte no tabique.

Sai a velha aterrada, e escreve ao sobrinho, entre outras lastimas, esta phrase terminante: «A pobre meni-«na insandeceu. Que faremos d'uma douda n'esta casa? «Vem depressa livrar o convento d'esta afflicção! Esta-«mos todas consternadas!...»

Oito dias depois, Joaquina recebeu novas de Gaspar. O rapaz, logo que chegou á presença do pai, leu o insultante bilhete que Sebastião Godim havia escripto. Abaixou a cabeça com resignação de martyr; porém, o pai, não contente d'aquelle flagicio á sua prosapia, quebrou-lhe nos braços uma grossa bengala da India, e preparára-se para escadeiral-o com um tamborete de coiro, quando frei João de Vasconcellos, piedoso monge de Tibães, cobriu com o habito misericordioso o sobrinho, exclamando:

—Irmão Pedro, esse bater é assaz brutal! Lembra-te das palavras do divino Mestre a outro Pedro!. .

Entre-parenthesis: a narrativa de Gaspar não era assim minudenciosa; mas o rigor chronologico requer que eu, n'este lanço, addiccione as minhas informações particulares á concisa noticia do academico.

Em seguida, o velho declarou que não queria mais vêr o infame que o deshonrava. Fr. João levou-o comsigo para outra sala, e ordenou-lhe que sem demora se recolhesse a uma quinta em S. João de Rey, para onde iria com um servo da confiança de seu pae.

—Rapaz, ajuntou o benedictino, se não tomas tento com a tua vida, estás perdido! Olha que teu pae nomeia a sobrinha successora dos vinculos, e tu ficas sem um ceitil.

Agora, o que segue é textual de Gaspar:

«Aqui estou n'este êrmo, sem ninguem que me veja «as lagrimas. Abafo, tenho o inferno no coração... «Quero morrer, e falta-me animo para voltar contra mim «este punhal, unico amigo que me resta!... E receberás «tu esta carta? Eu dei quanto dinheiro tinha ao caseiro, «e ainda lhe pedi com as mãos postas que me não atrai«çôe. Adeus, adeus, infeliz! Não cessa de entrar aqui o «espião, que meu pae mandou comigo. Como heide eu «receber novas tuas? Não me escrevas pelo correio. Oh! «que horror de vida esta!»

Cada vez mais golpeada e mais ao desamparo d'amigas, desejava Joaquina Eduarda que seu irmão a levasse. Parecia-lhe que já a liberdade do convento lhe era inutil, e que mais provavelmente poderia de casa do irmão fazer chegar uma carta a Gaspar. Como a engenhosa desgraça arma traças de se mascarar com os trajos da prospera fortuna, quando Joaquina pensava em escrever ao irmão, appareceu elle, alvoroçado com a ultima noticia de D. Joanna. Atormentava-o a demencia da pobre menina; já elle a si se arguia de nimiamente zeloso do coração da irman, de intolerante com a talvez involuntaria cegueira dos dezoito annos, e precipitado na denuncia acrimoniosa a Pedro de Vasconcellos. Isto lhe deu vigor e ancia de ir buscar a irmã.

Temia-se ella de desabridas reprehensôes, quando lhe annunciaram o irmão. Entrou na grade a tremer. Le-

vava as faces e olhos tão desfeitos e macerados, e os cabellos em tal desalinho, que o reitor intendeu que Joaquina veramente insandecera. Fallou-lhe amorosamente, e ella, amollecida pelo tom da fraternal piedade, debulhou-se em lagrimas. Os soluços embargavam a voz do padre, em quanto ella, animada pela compaixão estranha, e carecedora de olhos amigos que a vissem chorar, desafogava em gritos a agonia que lhe reserrava o peito.

— Queres sahir hoje mesmo, Joaquina? — perguntou Sebastião.

— Hoje mesmo, se te mereço piedade.

— Piedade e estima, infeliz irman! Não tens mãe nem pai...

— Ninguem tenho, senão a tua commiseração e misericordia... Aborrecida de máos e de bons... Até a tia Joanna, que chamam cá a predestinada, tem-me feito quanto mal póde... Que mal lhe faria eu a esta hypocrita!...

— Cala-te, Joaquina! — interrompeu brandamente o padre.

— Hypocrita, sim! digo-o sem medo de te offender, porque sei que tu o não és. É uma coisa vil a denunciação de actos que não deshonram! Se eu amava um homem tão desgraçado como eu, e lhe cedia da minha vida quanto honestamente podia ceder-lhe, porque foi esta impostora apunhalar-te o coração, e cobrir-me a mim de toda a casta de afflicções!...

— Julgou ella que cumpria um dever... — disse o reitor.

— Que dever, Sebastião? Porque não cumprem as santas d'esta casa o dever de expulsarem d'aqui as freiras professas, que passam as tardes com os conegos e com os frades, e com os militares? Eu, que não fiz voto nenhum e tenho dezoito annos, sou deshonesta porque amo um rapaz, que quer ser meu esposo; e ellas...

— Está bom, Joaquina — cortou o padre. — Não é propria a occasião para dilatarmos estas praticas. Em quanto preparas a tua bagagem, faz saber á tia Joanna que eu desejo vêl-a...

— Que embustes não vais ouvir!... — acudiu Joaquina Eduarda.

— Bem: ouvirei sem me dispor contra ti. Vai, e demora-te o menos possivel, que ainda hoje partiremos.

A conversação de Sebastião com sua tia foi fria e refolhada. Começou ella carpindo-se da loucura da sobrinha; e, como o padre lhe asseverasse que felizmente a irman gosava perfeito intendimento, a freira lamentou que ella tivesse uma indole endiabrada.

— É muito môça... — disse elle.

— É muito malcreada, é o que ella é — emendou soror Joanna do Rosario. — Leva-a, leva-a...

— A isso vim, minha tia; e tambem a agradecer os beneficios que lhe fez, e a paciencia com que a supportou.

— Tem de ser muito desgraçada, digo-t'o eu!

— Ás vezes as pessoas virtuosas, com as suas demasias, concorrem a appressar e a promover a perdição das que apenas venialmente peccam...

— Achas que eu fui demasiada?

— Não, minha senhora; foi o que são todas as pessoas devotas e erradas na justa apreciação da caridade.

— Ora essa!...

— Não se moleste, minha tia; eu quero dizer que se a religião deve ser uma cruz sem alivio, para que é necessaria a caridade?! Se tudo é justiça, podemos banir a palavra misericordia...

— Vens ensinar-me os meus deveres de christan? Louvado seja o senhor!... Elle sabe o que eu soffri a tua irman.

— São louros que minha tia tem no céo.

— Zombas, sobrinho?

— Eu nunca fallo zombando, minha tia.

O dialogo terminou com poucas phrases mais, em que de parte a parte a caridade não era muita.

XI

Sebastião Godim, avisado do destino e castigo que recebera Gaspar de Vasconcellos, impoz-se o dever de não fallar n'elle a sua irman, e de escrever a Pedro. desculpando-se das contumelias do seu bilhete. O orgulhoso fidalgo não abriu a carta do padre, e disse ao portador: «Despréso o villão que insultou as cinzas da mãe de meu filho; diz lá que se Gaspar fosse filho d'um lacaio, já lá tinha ido com a arma do seu officio sacudir-lhe a poeira da chimarra.»

Sebastião Godim ouviu este recado, pouco mais ou menos reproduzido, e disse entre si:

—Eu merecia isto!... Agora, assim castigado, estou mais descpprimido da consciencia.

Reanimaram-se as faces aradas de Joaquina Eduarda. A esperança inflorava-lh'as de novo, desde que um pobre, a quem ella, desde menina, esmolava, lhe prometteu ir a S. João de Rey levar uma carta, com todo o recato. Passados dias, o mendigo voltou á reitoria, a uma

hora convencionada, e recebeu a carta com generosa gratificação.

N'este tempo, estava já relaxada algum tanto a espionagem de Pedro de Vasconcellos. O môço tinha licença de ir á caça, sob condição de não demorar-se mais de duas horas diariamente no monte: clausula que o obrigava a não jornadear mais d'uma legoa, e a sentinella avisaria, se fosse transgredida.

O mendigo chegou ao anoitecer a S. João de Rey, e pediu agasalho ao caseiro dos Vasconcellos. Pernoitou no palheiro, e espertou ante-manhan com os olhos infisgados nas juncturas da porta. Ao repontar do sol, ouviu o latir de cães de caça, e logo enxergou o fidalgo, que d'olhos baixos, e mui triste sombra, passava diante do palheiro, afastando os cães que lhe pulavam ao peito. Abriu de subito o pedinte a porta, e relanceou os olhos ás janellas da casa nobre. Como não visse ninguem, acenou a Gaspar, que se avisinhou com um presagio na alma. O mendigo deixou cahir uma carta ao chão, e desviou-se murmurando:

— Seja pelo divino amor de Deus. O Senhor lhe dê no céo tantos seculos de gloria como os minutos que eu dormi no seu palheiro.

Gaspar apanhou soffregamente a carta, escondeu-se a lêl-a entre um bosque de carvalhos, e d'alli, rodeando por longe, foi sahir ao mendigo no recosto de um outeiro.

Conversou largo tempo com o pobre. Fez-lhe repetir muitas vezes quanto sabia de Joaquina, desde que ella entrara na reitoria, até ao momento em que lhe dera a

O mendigo deixou cahir uma carta. . *(pag. 104)*

carta. Conseguiu que o mendigo se detivesse até ao outro dia n'uma freguezia proxima, e marcou-lhe o local da serra onde deviam encontrar-se. Ao dia seguinte, o portador tomou conta de um volumoso maço de papeis: eram as muitas paginas que o môço escrevera em vinte dias de tortura.

Duas semanas volvidas, appareceu o mendigo na reitoria: azou-se-lhe o lanço de entregar a papelada. Joaquina, alvorotada de jubilo, encarava tão agradecida e affectuosa no velho maltrapido, que se não anojou de lhe apertar a mão.

Está, portanto, reatada a correspondencia: a mão da insidiosa desgraça soldou os fusis quebrados d'aquella cadeia, cuja ultima argola... Deus sabe em que ignominias e catastrophes está chumbada!

Quando aos dois mal-sorteados amantes principiava alvor de esperanças, depois de um mez de escuras angustias, chegou a S. João de Rey o frade de Tibaens com jovial carão.

—Boas novas, Gaspar!—exclamou elle.—Fiz descer teu pai lá dos pincaros do seu agastamento. Está outro homem... Sempre é pai! O sangue brada!... Com que, rapaz, é necessario que venhas hoje para Braga, e te ponhas em joelhos aos pés de teu pai, pedindo-lhe perdão... Parece—continuou o frade attentando no rosto inalteravel, senão constrangido, do sobrinho—... parece que te não alegrou esta noticia?!

—Não alegra nem entristece—disse Gaspar.

—Ó burro!—exclamou fr. João, esmoncando o es-

turrinho do nariz rubro. — Então que belzebuth queres tu, senão a amisade de teu pai?!

— Tão desgraçado heide eu ser com ella como sem ella. Meu pai quer dispor de mim como d'um cavallo sobre o qual se lançam ricos arreios. Faz de conta que eu sou um prego em que se dependura um appellido. Não quer saber se eu tenho alma, se tenho coração, se tenho pensamento. O dilemma é este, meu tio: se cazo com minha prima, sou um infeliz abastado; se não cazo com minha prima, sou um infeliz pobre. Aqui o argumento, a distincção, a estrema é o ouro. Querem que eu ame uma mulher detestada, sómente porque ella póde cobrir a cabeça de perolas...

— E as perolas — atalhou o benedictino — a fallar verdade, são, no dizer de fr. Thomé de Jesus, a sarna das ostras. Mas, sobrinho, não se tracta de perolas nem de mulheres... que o inimigo as subverta todas. O ponto é que tu peças perdão a teu pai, e depois o tempo abrirá caminho.

Gaspar reagia ao largo discorrer do frade, por que já lhe era pouco menos de aprasivel a vida n'aquella soledade, desde que alli chegára a carta de Joaquina Eduarda, e a esperança de outras. Em pouco estava o melhorar-se a desdita do môço! Dous mezes antes, quando elle a via na grade de St.ª Clara, se antevisse uma tal vida, julgal-a-hia incomportavel infortunio.

A ida para Braga era o mesmo que renunciar á facilidade de corresponder-se com Joaquina; e, de mais d'isto, era ir pôr peito a uma lucta cruel com o pai, por

causa da prima. Não obstante, desobedecer a fr. João, n'aquelle conflicto, era desobedecer ao pai, e dar margem a suspeitas de que a vida na quinta lhe era satisfactoria.

A scena estava preparada. Fr. João entrou com o sobrinho na sala de espera; Gaspar ficou sentado n'um escabello, e o frade foi ao interior da casa. D'alli a coisa de cinco minutos voltou á sala, fingindo que enganava o irmão, e o irmão fingindo que vinha enganado. Gaspar levantou-se, e o velho fez um esgar de espanto, e exclamou:

— Que vejo?!

— É teu filho que te pede perdão.

Gaspar, mesurando o passo com o mais natural desenthusiasmo que dar-se póde no drama joco-serio, abeirou-se do pai, dobrou o joelho direito, e disse:

— Perdão!

— Sai da minha vista, ingrato! — bradou Pedro de Vasconcellos.

— Irmão Pedro! — acudiu fr. João, alongando o braço estatuariamente. — Depois da justiça a misericordia. Teu filho peccou; sê tu igual a Deus: perdôa.

— E vem elle arrependido, e disposto a mudar de vida?

— Responde tu, Gaspar! — disse o frade.

— Sim, senhor — tartamudeou o môço.

— Levante-se! — disse o pai. — Vá para o seu quarto.

Gaspar sahiu da sala cabisbaixo. Fr. João voltou-se para o mano Pedro com gesto grave, e disse-lhe:

— Olha que nós ainda não jantamos. Vê lá se a co-

zinha respira alguma boa nova... Estás contente, Pedro?

— Estou! estou! — exclamou o velho com os olhos afogados em lagrimas. — Assim que o vi, tive guinas de abraçar-me n'elle! Eu quero-lhe das entranhas!... É a minha vida toda este rapaz!...

— Está bom, não chores, homem! — atalhou frei João, limpando os olhos ao lenço do tabaco. — Chama a capitulo o que estiver na dispensa, e vê se se amanham por lá umas frigideiras, que eu ando arrenegado por ellas. Quantas me mandas para Tibaens todas me come o dom abbade.

XII

Ao terceiro dia de reconciliação, Gaspar, engenhando astuciosos rodeios, pediu ao pai se o deixava ir passar o restante do estio na quinta de S. João de Rey.

— Que gosto é esse, rapaz?! — perguntou o insuspeitoso velho.

— É a caça. Habituei-me á caça, e faz-me muita falta.

— Pois isso não te contrarío eu; vai; e espera alguns dias, que eu vou tambem lá passar uma temporada.

Gaspar fez-se amarello, e disse:

— Em que hade o pai entreter-se? Aquillo é tão só e triste! Não se vê ninguem com que V. S.ª possa conversar...

— Converso comtigo, e não tenho pouco que conversar... Antes de ir é preciso que vás visitar a Villaverde tua prima e tua tia, que já te não viram ha sete mezes.

— Não será melhor na volta da quinta? observou timidamente o môço.

— Não, senhor: o melhor é agora... Ai! que tu, Gaspar!... — disse com máo sorriso o velho. — Não acabas de cahir em ti...

— Isso é injustiça, meu pai... — acudiu o imprudente, emendando as repugnancias do coração.

— Ora, vamos! Não acabes de me matar — proseguiu com brandura o velho. — Dá-me o prazer maior da minha vida, a minha esperança querida de vinte annos, desde que tu nasceste e que tua tia casou. Ha quatorze annos que tua prima veio a este mundo, e desde então a minha alegria é pensar que os netos de minha irman e os meus hãode ser senhores d'esta casa...

— Eu não estorvo a sua vontade, meu pai; todavia creio que a sua intenção é que eu termine a minha formatura.

— Nada, não é. Formatura para quê? De que te serve a ti o curso juridico? Tens sabedoria que farte para ser o que teu pai e avós foram; um fidalgo independente.

— Mas eu tinha tantos desejos de seguir a carreira da magistratura...

— E quem hade administrar a tua casa e a grande casa de tua mulher? A magistratura é boa para filhos segundos, e nem sempre. A consciencia soffre grandes unhadas, filho. Teu tio avô Gabriel Pereira de Castro, chanceller-mór do reino, os ultimos annos de sua vida viveu-os cortados de remorsos por ter dado uma sen-

tença iniqua contra um tal Fulano Soliz que se deixou morrer por supposto crime de desacato para não descobrir o nome da freira com quem corria amores. Foje de sentencear, meu filho. Não queiras ser victima nem sacrificador da Justiça. Rocolhe-te á tua casa com tua mulher e tua descendencia, e deixa lá o mundo com as suas miserias. A vida melhor que eu conheço, Gaspar, é um homem alegre no seio de sua familia, ou então frade em ordem abastada. Vê tu teu tio fr. João! que santa consciencia!...

— E que santo estomago! — acrescentou Gaspar, sorrindo.

— Dizes bem; e que santo estomago. Pois ahi está! Aquillo é que é viver, quando se não tem precisão de transmittir bens de fortuna e appellidos gloriosos a uma honrada posteridade. O gráo de licenceado em leis de que te serve a ti? Deixa-te de quebrar a cabeça com a livralhada. Já sabes que farte para fallar diante seja de quem fôr. Cuidemos agora em começar theor de vida mais solida.

Tão abstrahido estava o moço que deixou palavrear diffusamente o pae, ácerca das solidas delicias do matrimonio.

N'aquelle quarto de hora de introversão, Gaspar delineou um plano extremo, heroico, e o pessimo de quantos o seu máo anjo podia suggerir-lhe. E sahiu do seu enleio com muita luz e alvoroço nos olhos, como se ideasse alguma honrada traça, que já a consciencia lhe estivesse encarecendo com alegrias do céo.

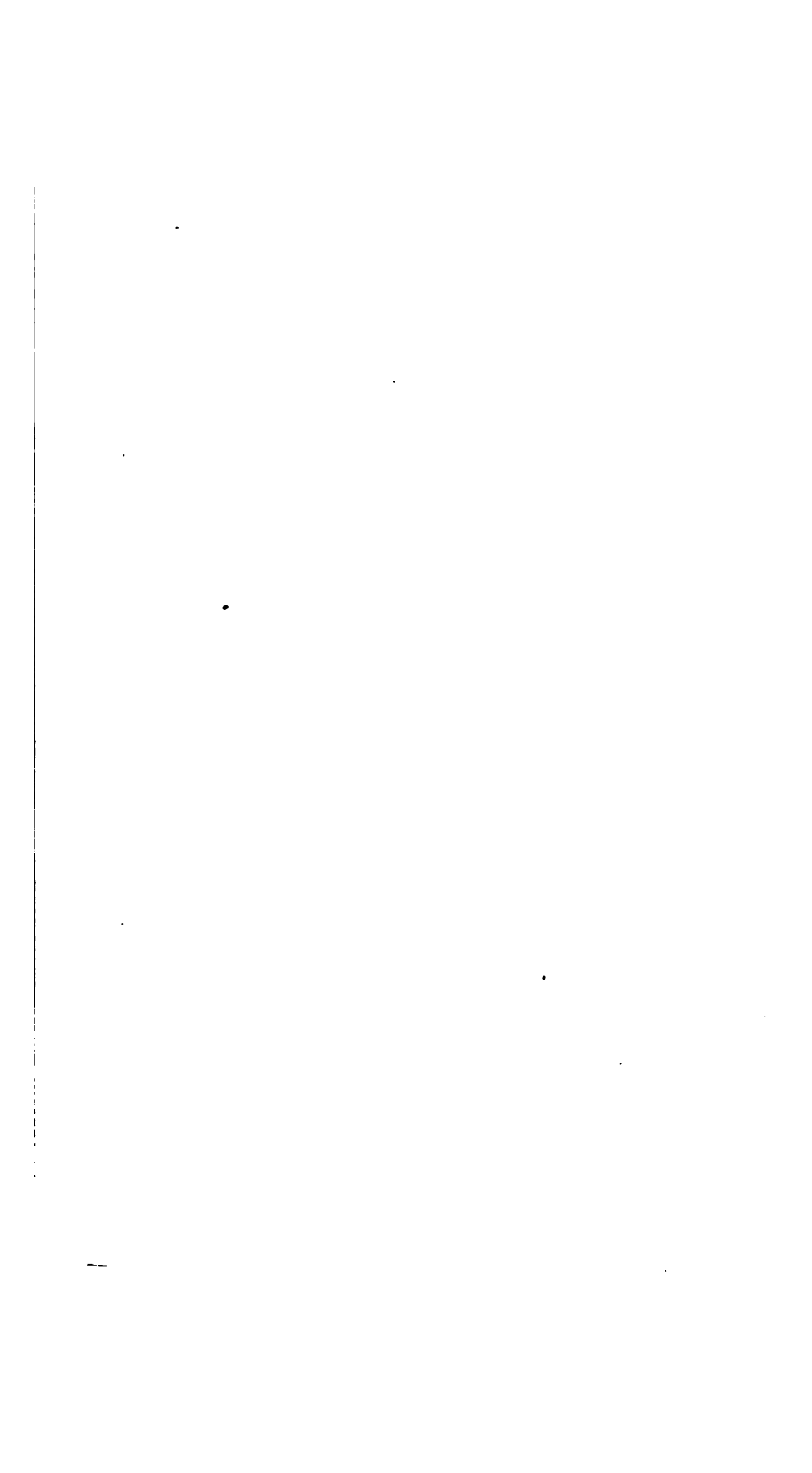
Dias depois, Gaspar e o pae sahiram para a quinta de S. João de Rey. Estava a expirar o praso em que o mendigo promettera voltar. O dessocegado amante receiava que o confidente se houvesse anticipado a rogos de Joaquina Eduarda.

Chegou a almejada carta no dia immediato ao da partida. Pedro de Vasconcellos dormia o somno matinal quando o filho, no mais afogado da carvalheira, lia as interminaveis e ainda assim tão breves paginas do diario d'ella, escripto por noite alta, a salvo d'alguma surpresa do irmão. Na carta de Joaquina estavam umas palavras que eram o applauso ao projecto de Gaspar: «Fujamos: onde poder ser, unamo'nos, e depois Deus será por nós. Se teu pae nos não perdoar, póde ser que meu irmão ou meu cunhado nos dêem abrigo.» O que não entrava no plano do môço era o abrigo esmolado do padre ou do juiz de Fora.

Abraçaram-se, pois, os dois alvitres no essencial, deferindo Gaspar a execução para dois mezes depois, que tanto era necessario á conjuncção de certos accessorios favoraveis ao expediente.

Joaquina achou eterna a demora; porém, conformou-se.

Pedro de Vasconcellos preparava uma surpresa ao filho. No dia em que o môço fazia annos, ao romper da manhan chegaram á quinta os creados carregados de vitualhas. Depois chegou fr. João com mais seis frades, encavalgados em nedeas mulas. Seguiram-se algumas das melhores familias de Braga, parentas dos Vascon-

Depos chegou fr. João... *(pag. 116)*

E a ultima familia que apeou de uma lustrosa e dourada liteira.. *(pag. 117)*

cellos. E a ultima familia que apeou de uma lustrosa e dourada liteira era a irman de Pedro e sua filha, a snr.ª D. Paulina Roberta.

Estava na flôr dos quinze annos: era já alta de peitos, bem conformada, sadia, escarlate, folgazan, e não despecienda em sentido nenhum. Abraçou-se no primo, e exclamou:

— Ah seu ingrato, você porque não tem ido a Villaverde? Chegou de Coimbra, e não deu parte á mãe nem a mim!

— Desculpa-me, Paulina — disse Gaspar. — Cheguei adoentado, e vim aos ares do campo.

— Então porque não fostes para onde a nós, feio? — replicou a graciosa menina.

— A convivencia com um doente deve ser muito importuna, prima!

— Ora! vai-te á fava! Entre primos não ha essas ceremonias.

A menina foi mudar de vestido. Pedro de Vasconcellos disse ao filho:

— Não a achas mui galantita e desembaraçada?

— Está uma mulher de encher o olho! — disse fr. João com applauso dos outros frades.

— Então que dizes tu, Gaspar? — instou o pai.

— A que respeito?

— Onde está a tua cabeça, homem?... Querem vocês vêr que o deus Cupido já o deixou atravessado da doce frecha!...

As damas riram muito da graça mythologica de

Pedro de Vasconcellos, que não sabia de fabula muito mais.

— Perguntava-te eu — insistiu o velho — se não achas a Paulina muito galante e esperta...

— Acho, sim: está muito desenvolvida e bonita — respondeu Gaspar com mal sopeada displicencia.

— Pois alli a tens, que, de mais a mais, segundo diz a mãe, é uma excellente senhora de casa. Que mais póde querer um homem?

— Está proximo o casamento? — perguntou uma fidalga velha.

— Não póde ter grande demora, prima Genoveva — respondeu fr. João. — A proposito de casamento... Lembra-se a prima dos nossos vinte annos?... Olhe que estiveram as coisas muito dispostas para termos a esta hora filhos e netos casadoiros!...

— Tolices do primo João!... — disse a risonha snr.ª D. Genoveva, exhalando por entre o sorriso um suspiro consagrado ás reminiscencias dos seus vinte annos.

Foram festejadas pelo auditorio estas galhofas dos dois primos, e logo outra dama perguntou:

— O noivo vai para Villa-verde, ou vem a noiva para Braga, primo Pedro?

— Hade vir a noiva para Braga, que eu não me separo do rapaz. Já agora, o fim da vida quero passal-o com filhos e netos.

— Está tão calado o primo Gaspar!... — observou uma senhora de vinte annos.

— Que quer a prima que eu diga?

...e sentaram-se nos bancos rusticos... *(pag. 119)*

— Que esteja contente, e que falle.

— Por ventura estou eu triste?!... O silencio é a linguagem dos corações felizes.

— Assim, assim, Gaspar — acudiu o jubiloso pai — Assim é que eu te quero ouvir fallar... Ahi vem Paulina... Olha como ella vem brilhante, a feiticeirinha!

— Que é, tio? — perguntou a menina.

— Estás uma esbelta moça!...

— Ora!.. — murmurou a pudenda Paulina, abraçando-se n'uma das mais novas do rancho para esconder o rubor, posto que relanceasse a vista a Gaspar a fim de vêr se elle reparava no rubor d'ella.

Gaspar, no entanto, estava conversando com um frade litterato ácerca de estudos universitarios.

Passaram á casa do almôço, e depois sahiram a passear nas sombras da quinta.

— Dá o braço a Paulina — disse Pedro ao filho.

No remate do passeio sombreado de parreira, os dois primos acharam-se sósinhos, e sentaram-se nos bancos rusticos que ladeavam uma fonte.

— Esta frescura é agradavel, Paulina — disse Gaspar.

— Isso é: faz muito calor — disse Paulina.

— Eu gosto muito do campo; — tornou o inspirado môço.

— E eu gosto mais da cidade. A aldeia aborrece logo. Tomára-me eu em Braga! Ha lá tanta senhora, tantas brincadeiras e jogos!... Lá em Villa-verde aquillo é um fastio de morte. A mãe senta-se nas escadas da

capella a conversar com a gente do campo, e entretem-se; e eu não sei o que heide fazer.

— Porque não lês, prima?

— Ora! já li dez vezes os *Contos do Trancoso*, e não sei que heide ler mais, se não forem livros de reza!

— Porque não lês a *Menina e môça*, que é uma historia muito bonita, e o *Palmeirim*, e o *Clarimundo?*

— Já lá tive esses livros, que m'os levou o primo Villas-boas de Barcellos. São muito tristes aquellas lastimas da menina que foi levada da casa de seus pais: Eu antes quero casos alegres; e tu?

— O meu genio é triste, prima Paulina.

— Não gosto d'isso, Gaspar. Quando eu era pequenina, e tu foste para os estudos, ainda me lembro que andavas a correr comigo ás costas. Lembras-te?

— Lembro.

— Ainda sei o logar onde brincavamos lá na quinta. Ás vezes ia lá sentar-me sósinha, e lembrava-me de ti com tantas saudades!... Aquelle tempo não volta...

— Sim; a infancia é como esta agua que está descendo da bica, e nunca mais sobe. Mas, passados os gosos da infancia, vem os da mocidade; vão-se os da mocidade, e succedem outros. Podes ser muito ditosa toda a tua vida, prima.

— E tu não?

— Eu, sabe Deus o que serei.

— A mãe disse-me...

Paulina reteve-se, e córou.

— Que te disse a mãe, prima?

— Disse-me... ora... não digo... tu sabes o que é...

— Ah! sim... já sei... fallou-te da nossa união.

— Foi isso.

— Creio que é essa a vontade de nossas familias. E a tua?

— Tambem. Quando é?

— Passados poucos mezes.

— Quantos? — perguntou ella tregeitando amoravelmente.

— Dous ou tres.

— Ai! tanto! E depois vou para tua casa, não vou?

— Sim: é a intenção do pai. Passeemos, prima?

— Pois sim; mas... estavamos aqui tão bem n'esta sombrinha!

— Vamos ao jardim que tem lá umas dhalyas bonitas.

— Vamos.

E, como o braço esquerdo de Paulina Roberta lhe ficava muito perto do coração, a menina authomaticamente pesava um pouco mais sobre o braço do primo.

Pedro de Vasconcellos observava-os com enchentes de gaudio. Remoçavam as faces alegres do bom pai. Então cuidou elle que a imagem de Joaquina Eduarda fôra de todo em todo banida do coração do filho.

E, todavia, Gaspar sentia-se beliscado de remorsos de offender, posto que involuntariamente, a mulher da sua alma, a formosa, ao lado de quem Paulina Roberta

perdia muito, se não tudo, de sua graça e regular compostura.

Correu delicioso o dia. Os noivos foram brindados tantas vezes quantas intalações de lombo e frigideiras os benedictinos desobstruiram com catadupas de vinho.

Paulina Roberta sahiu d'ali meiga e saudosa como se acordasse nos braços do filho da cytherea deusa. Pobre menina!...

XIII

Contente de sua irman, e solicito em divertil-a de lembranças perigosas, Sebastião frequentava com Joaquina Eduarda a fidalguia de Barcellos, onde, no seculo passado, residiam reliquias do antigo e lusido grupo de solares que alli viveram vida de côrte.

Renasceram para a peregrina cantora as ovações e glorias d'Amarante. Para os tristes e apaixonados cantava ella mais meiga e mais do coração em Barcellos. D'antes era a arte: a voz que a si propria se estava ouvindo; agora fallava o sentimento; a alma que comsigo mesmo dialogava.

Accenderam-se paixões subittas nos peitos de numerosos morgados e filhos segundos destinados a frades. Aos primeiros fechavam-se os olhos de Sebastião Godim; mas sobre os segundos lançava precavida attenção. Porém, Joaquina Eduarda não via uns nem outros.

Um dos mais soberbos de prosapia e haveres pediu-a como quem de antemão entende que seria um dever offerecer-lh'a. O padre, lisongeado e alegre com a propos-

ta, revelou-a á irmã, que logo, dando aos hombros, disse:

—É o mais parvo de todos... Logo vi que seria o mais audaz.

—Audaz!—redarguiu o irmão—pois não sabes que é dos Correias de Lacerda, senhores de Farelaens, e que teve um tio secretario de estado?

—Não sabia, nem isso me faz alterar o juizo que faço do homem. Em summa, eu estou bem: não caso.

—Está bom, menina;—disse o padre—nem eu te aconselho, se te repugna o sugeito.

O fidalgo de Farelaens, quando soube que a irmã do reitor o rejeitára, pediu perdão aos manes dos Lacerdas e Correias de haver cahido em tamanha vilta; e para estrondear uma vingança monumental, foi a Lisboa, e voltou de lá casado com uma dama descendente do rei godo Ramiro pelo pae, e do rei godo Recaredo pela mãe. A vingança cumpriu-se em trinta dias.

Joaquina Eduarda, quando viu a descendente dos dois monarchas, disse:

—Muito feios deviam ser os reis godos!

Estas coisas referia ella miudamente a Gaspar na sua regular correspondencia bimensal. E, sem embargo do tom zombeteiro com que Joaquina mettia a riso os seus pretendentes, Gaspar torcia-se de ciumes, e exprobrava-lhe que ella se andasse recreando, em quanto elle se comprazia na solidão e ermos desconversaveis de toda voz humana. Por amor d'estes queixumes, Joaquina resistiu com dissimulados incommodos aos convites do irmão, e encerrou-se entre as suas arvores.

XIV

Na carta da primeira quinzena de setembro de 1763, dizia Gaspar que recebera ordem peremptoria do pai, já impaciente, para recolher a Braga. Pelo quê, o mendigo, quando levasse para alli a correspondencia, no fim do mez, o esperasse á Senhora de Guadelupe. Miudesas são estas necessarias a quem lê convicto da veracidade da historia.

— Vamos a isto! — disse Pedro ao filho, assim que elle chegou. —Tua tia insta pela brevidade do casamento, porque Paulina está doente de saudades. Tens varinha de condão, rapaz! Apaixonaste-a logo. Taes cousas lhe disseste . . .

— Eu não lhe disse nada, meu pai!

— Faz-te tôlo! . . . — tornou alegremente o velho. — Imagino o que tu dirias, maganão! Eu já de lá venho . . . O caso é que a menina, desde que foi aos teus annos, segundo me diz minha irman, não falla senão em ti, e immagreceu. Vamos a terminar isto. A dispensa está re-

querida ha tres mezes: deve estar a chegar. Assim que ella vier, conclue-se este negocio.

— Negocio!... — murmurou o môço.

— Casamento, digo eu: e porque disseste *negocio* tu?...

— Por nada... achei a palavra nada poetica...

— Nós não estamos a fazer versos agora, rapaz! Que tem que vêr com isto a poetica? Hades sempre ter um pedaço de tolice na cabeça, homem! Bem faz teu tio fr. João que te chama ás vezes burro!... Ora, pois. Estamos decididos?

— Estamos: é a vontade de meu pai.

— E a tua?

— Tambem... — gaguejou Gaspar.

— Falla claro: se não queres, não queres! — retorquiu mal assombrado o velho. — Teremos nós o demonio tentador a perseguir-te?

— Não, senhor. O pae está anojado sem razão. Eu que disse para tanta ira?

— Pensei que... Vamos lá... Desculpa esta rabugice... É o medo de te vêr infeliz que me faz injusto ás vezes... Gostas de tua prima, rapaz?

— Gosto muitissimo.

— Assim é que se responde.

— Queres casar logo que chegue a dispensa?

— Quando o pai quizer.

— Acabou-se. Ámanhã vai passar o dia a Villa-verde; vai dar saude á tua noiva.

Gaspar passou o dia em Villa-verde, e achou a prima

a lèr o *Clarimundo* de João de Barros, depois de ter lido o *Palmeirim* do Moraes. A menina, para enfrear o tedio que lhe faziam estas leituras intumecentes, lembrava-se que o primo lhe inculcara os livros. Em verdade, estava ella mais desfeita de rosto e pisada das olheiras. Gaspar, como artista, achou-a quasi galante; mas, como amante de Joaquina Eduarda, pareceu-lhe a prima pouco menos detestavel. A desgraça punha-lhe as mãos nos olhos ao mal-fadado môço! Paulina era engraçadinha, afóra tres vinculos, e um doce coração.

Passou o dia a ler com ella o *Clarimundo*. Gaspar declamou este relanço de capitulo:... «E chegando «(Clarimundo) a Clarinda, foi tamanha a turvação n'ella, «que lhe cahiram as luvas das mãos. Clarimundo ainda «que não menos a tinha, abaixou-se por ellas, e quando «lh'as deu fizeram tão grandes mudanças nos rostos, que «qualquer que n'isso olhara conhecêra suas vontades. E «porque o tempo não consentia mais, passou por ella, e «foram fallar a Lindarifa...»

—Eu gostava de me chamar Lindarifa—interrompeu Paulina.

Gaspar sorriu-se, e continuou:

«... Foram fallar a Lindarifa, e tras elles Fendibal, «que sentiu n'aquelle momento uma novidade na alma...»

—Gosto d'esse dito: *uma novidade na alma*—atalhou a menina e ajuntou:—Tambem eu senti...—e susteve-se.

Gaspar encarou-a com tristeza de bom coração, e proseguiu:

«Nem Lindarifa sentiu menos esta primeira vista, pelo

«que Deus tinha ordenado ou se fez; porque o falso amor «mais se esmera em vontades livres e soberbas contra «elle, que n'aquellas que lhe são sujeitas; de maneira, «que nos faz esquecer honra, parentes, fazenda, e a nos- «sa propria natureza por seguir a quem nunca conhece- «mos, sem a lembrança d'estas cousas terem tanta força «que possa resistir a esta que nos força.»

—Que quer dizer isso, primo Gaspar?—perguntou Paulina.

—A tua innocencia não póde intender estas phrases, prima... Quer dizer que ha paixões que arrastam á desgraça.

—Isso sei eu.

—Sabes?

—Ainda ha mezes me contou a mãe que uma prima d'ella fugiu com um capitão, e depois acabou muito pobre a pedir por Lisboa.

—E tua mãe não lhe valeu á prima?

—Acho que não.

—Então fôra melhor que te não contasse a historia da sua prima...

—Porque?!

—Porque te ensinou que havia n'este mundo o mal, sem te ensinar que havia tambem a virtude da caridade.

—Pareces o tio fr. João a prégar, primo!—disse a menina cascalhando alegres impulsos de riso.

Gaspar concebeu fundo menospreço do intendimento de Paulina, e fechou o livro.

D'ahi a pouco jantaram; passearam depois; e, ao in-

tardecer, o moço despediu-se a trasbordar de aborrecimento.

Perguntou-lhe o pai mil cousas da sua noiva. Gaspar disse que vinha incantado d'ella.

O velho esfregava as mãos, e exclamava:

— Não t'o dizia eu! Aquella menina é a tua felicidade em os todos sentidos! Tomaramos nós cá a dispensa!...

Passados alguns dias, Gaspar, depois de ter dito que estava morto por se vêr casado com sua prima, fallou assim ao velho:

— Meu pai, é tempo de descobrir-lhe um segredo, que por indiscreto pejo tenho calado.

— Que é?

— Nos meus dois ultimos annos de Coimbra confesso que procedi com pouquissimo juiso. Arrastado pelo máo exemplo de estudantes ricos e libertinos, gastei mais dinheiro do que meu pai me dava. Contrahi dividas, e a honra exige que eu as pague, porque é já tempo, e a vergonha incommoda-me.

— Ora eu te digo: — atalhou o pae — quando estavas na quinta, vieram aqui ter duas cartas para ti. Como eu andava desconfiado, suspeitei que fossem de certa pessoa, e abria-as. Uma era d'um alquilador que te pedia trinta e quatro mil réis, e outra d'um estalajadeiro, com a conta de oitenta mil e seis centos réis. Estas contas mandei pagar sem nada te dizer. Se não deves mais pódes dormir socegado.

— Devo muito mais — disse o môço com os olhos baixos — Devo a pessoas briosas que não me pedem o

dinheiro; e por isso mesmo mais me obrigam e confundem. Devo pouco mais ou menos, mil e duzentos cruzados a estudantes de principaes familias do reino.

—E' muito dinheiro!—gastaste dessipadoramente, rapaz!—Paciencia... pagarei essas contas. Diz a quem é que deves.

—Devo a D. Francisco de Portugal da casa de Vimioso e Valença, e a D. Pedro de Mascarenhas, filho do marquez de Fronteira.

—Mandarei pagar.

—Se o pae me quer fazer a vontade n'um desejo nobre, permitta que seja eu o portador das dividas.

—Pois hasde ir a Coimbra?!

—Que tem isso? Vou despedir-me para sempre dos logares saudosos da mocidade, abraçar os dois amigos a quem devo a fineza de nunca me pedirem o seu dinheiro.

—Então, quando queres ir?

—Em outubro na abertura das aulas.

—E demoras-te?

—Seis dias de jornada, dois em Coimbra, oito dias.

—Está bom. Irás.

No dia seguinte, Gaspar de Vasconcellos foi a Tibaens, e disse ao tio fr. João:

—Meu tio, venho pedir-lhe um importante favor.

—Que queres? Pede lá, rapaz; mas olha se podes primeiro comer alguma cousa... Queres lombo de vacca? ou arroz de pato?

—Não, senhor, já jantei.

—Então saibamos o que queres.

— Primeiramente pedir-lhe segredo sobre o que vou dizer-lhe.

— Se o segredo não fizer implicancia com a honra... — estipulou o frade.

— Não faz.

— Se m'o asseveras, prometto segredo.

— Eu devo bastante dinheiro em Coimbra. Desbaratei em dois annos, afora as mezadas, dois mil e quatro centos cruzados.

— Ui! — clamou fr. João — Ó homem! em que afundiste dois mil e quatrocentos cruzados?!

— Joguei.

— Ó burro! pois tu jogas?!

— Não jogo: joguei. Individei-me, e quero pagar dentro de quinze dias. Tive vergonha de dizer a meu pai quanto devia, e pedi-lhe mil e duzentos; e venho pedir ao tio outros mil e duzentos cruzados, com a condição de pagar-lh'os depois do meu casamento.

— O pouco que eu tenho, rapaz, teu é ou será — disse o magnanimo benedictino.—Esse dinheiro conta com elle.

— E com o segredo...

— Isso está tractado. Quando vos casaes?

— Espera-se a dispensa. Eu vou a Coimbra pagar as dividas, e, na volta, naturalmente, casamos.

— Ah! tu vais a Coimbra?... Eu quero dar uma prenda á tua noiva. Hasde comprar-me no Porto algum objecto d'ouro: póde ser uma gargantilha com uma cruz de diamantes, coisa de valor de cincoenta mil reis, pouco mais ou menos.

Assentaram n'isto.

Gaspar disse ao pai que o tio João lhe encommendára do Porto uma gargantilha para a prima Paulina.

—N'esse caso, disse o velho, tambem quero que compres um annel com um bom brilhante com que a brindes, obra ahi de duzentos mil reis.

Somou Gaspar de Vasconcellos as quantias que tinha a liquidar, no acto da partida, e prefez a de 1:180$000 reis.

Feita a operação arithmetica, foi escrever mais um periodo na carta a Joaquina Eduarda.

Resava assim:

«Os recursos, com que havemos de passar um anno, «já eu tenho certos. N'este anno, dará o mundo muitas «voltas, e uma d'ellas será o reconciliar-se o pai com«nosco, e abrir-nos a casa e os braços. Agora o que eu «espero para marcar o dia da partida, é que tu, minha «querida esposa, me esclareças sobre a hora, e mais cir«cumstancias da tua fuga. A mim o mais acertado pare«ce-me que é irem os cavallos do Porto para Barcellos, «e aproximarem-se de noite á reitoria para tu não anda«res muito tempo por máos caminhos.

«N'esta ultima carta, que me escreveste, noto na tua «linguagem certa melancolia. Fallas-me de teu irmão «com saudade, e de não sei que presentimentos amar«gos! Vê tu que differença de ti para mim, ingrata! Eu «de mim não penso em pai, nem em futuro. Vejo-te só«mente, formosa luz de minha vida, e á tua luz todas as «desgraças possiveis me parecem delicias...»

XV

Tractadas as combinações da fuga, e avisinhado o dia almejado de longe, e formidavel ao. perto, Gaspar não podia explicar-se o quer que era de susto, amargura e desalento qne lhe esfriava a resolução. Encarava nas cans do pai, e escondia o assomo das lagrimas; olhava para dentro de si, e via-se deforme e sujo na consciencia e na honra. Mas a este titubear dos espiritos acudia o coração, lampejava a imagem de Joaquina Eduarda, e logo os olhos se enxugavam, a consciencia retrahia-se, e a honra escurentava-se desluzida pelos incendios do amor.

Ao mesmo tempo, a irman de Sebastião Godim, cada vez mais estremecida d'elle, e captiva da magnanima alma com que o seu bemfeitor fingia ter-se esquecido das leviandades d'ella, olhava-o com tão piedoso e quebrado lume d'olhos, que o padre, por vezes, lhe perguntou:

—Que tristeza revela a tua vista! Que tens tu, irman?

—Vontade de morrer!—disse ella, depois de muito instada.

—Por Deus!—clamou consternado o irmão—que ha de novo na tua vida!? Ainda, pouco ha, tão contente, e folgada por esses campos, e já agora desejosa da morte!.. Bem não queria eu que deixasses de conviver com as familias de Barcellos!.. Não podes com esta solidão, Joaquina. Eu bem no sei. Queres outra sociedade, outras commoções...

—Não, meu irmão, não quero.

—Pois então confessa-te ao teu amigo. Que tens?

—Um desgosto inexplicavel... uma enchente de lagrimas no peito... Preciso chorar... Deixa-me chorar, e não faças caso d'isto.

E chorava a sós, em quanto o anjo da desgraça lhe não passava pelo olhos a mão refrigerante, e não afogava no seu tremedal o anjo bom que lhe feria a ella o peito com o toque espertador de suas azas. Depois, era o desapertar-se o peito em doçuras de amante e de esposa, em esperanças de longa vida, com os honestos contentamentos da felicidade conjugal. Mas então que intervallos negros são estes em almas que tanto se entre-amam e uma n'outra se absorvem?! Já o poeta Andrade Caminha perguntava:

Maravilhas do amor quem as intende?
Os segredos do amor quem os alcança?

posto que, no caso sujeito, os segredos são mais da Providencia que do amor.

Gaspar de Vasconcellos recebeu as verbas que perfa-

Aqui se agasalhou Gaspar ate ao escurecer na pousada dos almocreves *(pag. 141)*

ziam a quantia de tres mil e tantos cruzados. O velho madrugou para despedir-se do filho. O filho refez-se de animo para não delatar sua commoção ao despedir-se do pai.

— Oito dias, ouviste? Nem mais um! — disse Pedro de Vasconcellos.

— Oito dias... — confirmou o filho.

A fatalidade sorriu-se.

Chegado ao Porto, Gaspar impontou para Braga o moxilla com as bestas, expediente louvavel para não fatigar os cavallos que seu pai estimava. Depois com outros cavallos, foi amanhecer a uma aldeola de poucos fogos, chamada Fameleão, nome d'um tamanqueiro, que muitos annos antes edificara alli o primeiro cardenho de uma florente terra, que hoje se chama Villa-Nova de Famalicão. Aqui se agasalhou Gaspar, até ao escurecer, na pousada dos almocreves; e por volta de meia noite, chegou a Barcellos. Deu folga e comer aos cavallos por espaço d'hora. Em seguida, metteu por caminhos descalçados e barrocaes até ganhar o alto da serra d'Ayró. Desceu ao valle, e parou á entrada d'uma aldeia, onde se lhe deparou o conhecido mendigo, sentado nos degráos d'um cruzeiro.

Apeou Gaspar, deu as redeas ao arrieiro, mandou que o esperasse, e desceu com o guia por um estreito quinchoso, que terminava no terreiro d'uma casinha, cuja porta se abriu, assim que os passos se approximaram. Gaspar entrou á casa d'uma tecedeira, que lhe offereceu um banco para sentar-se, e disse:

— Agora vou eu a mais o meu homem buscar a menina, que está á espera. Isto é para bom fim, não é fidalgo?

— Decerto é — respondeu Gaspar.

— Não que, se não fosse, eu não me mettia n'isto, que o snr. reitor punha-me nas galés a mais o meu homem. Eu sou a tecedeira do snr. reitor, e a menina ha dias, pediu-me para eu a ir buscar quando o fidalgo cá viesse ter, e ella cá mandasse este homem dizer-m'o.

— Já sei isso, já sei — atalhou Gaspar. — Vão buscar a senhora, que são horas, e o caminho é muito máo para virem depressa.

— Não que a gente não vem pela estrada. Atravessamos umas veigas que vão dar ao passal do snr. reitor, e a menina salta pela janella da cozinha.

Sahiram. Gaspar, gratificando generosamente o mendigo, disse-lhe:

— Quando souberes que eu voltei a Braga, apparece-me que não tornas a pedir esmola. Irás feitorisar uma das minhas quintas com um bom salario.

O pobre beijou-lhe as mãos, e foi á sua vida, contente de haver conspicuamente desempenhado até á ultima a sua missão entre dois amantes d'aquella natureza.

Ficou sósinho o moço encostado ao tear da tecedeira, com os olhos fitos na lua que resplendia com a diurna claridade das noites de outubro. Lembrou-lhe o pai, e confrangeu-se-lhe alma. Viu-o, áquella hora, dormindo os placidos somnos do homem bom, senão era

que algum sonho acerbo, por amor do filho, o agitava.

Mas Joaquina Eduarda!... Que é a imagem de um pai dormindo comparada á realidade d'uma formosa mulher amada e apaixonada?

Joaquina Eduarda!... Aquella mulher linda, singularmente linda do theatro italiano!

Aquella que todos amavam no baile do Governador das justiças!...

Aquella que transportava as almas nos seus cantares! Aquelles altos espiritos da secular de Santa Clara, que o humilhavam a elle, menos eloquente, menos gracioso que ella!

Defronte uma mulher assim com a imagem d'um pai que dorme, e diga a arte, e diga a natureza quem levará a melhor sobre o coração d'um rapaz de vinte annos!

Volvida meia hora, ás duas e tres quartos da manhã, ouviu Gaspar um fremir de folhagem sêcca. Parece que já a viração lhe chegava tepida e balsamica do respirar da offegante fugitiva. Desceu o môço ao terreiro da casa, e viu nas sombras das arvores proximas um perpassar de visão beatifica, e logo ouviu, n'um como suspirar de brisa entre murthas, o seu nome.

Correu com os braços abertos, e apertou Joaquina Eduarda quasi esvahida no deliquio da ventura, que reduz a alma a pouco menos de anniquilada. Sentou-se no combro do terreiro, com ella sobre os joelhos, e pediu uma gotta d'agua á tecedeira. Joaquina, reclinando o pescoço, voltou o rosto á lua, que a beijou com o mais claro dos seus raios.

— Oh! que formosa! que divina! — entre si pensou Gaspar, quasi subjugado pelo instincto exquisito dos beiços no inexcedivel prazer do osculo, do primeiro osculo, quero eu dizer, na face virgem d'elles, ou muito beijada dos cherubins e mais potestades invisiveis.

Foi quebranto de momentos o esvahimento de Joaquina Eduarda.

— Partamos? — disse elle.

— Sim, e já! Eu tenho tanto medo á nossa má estrella!... vamos depressa! — instou ella.

Gratificada fidalgamente a tecedeira... (porque não, se as peças lhe pejavam todas as algibeiras ao fidalgo?!), levou elle a amada quasi em braços, e sentou-a nas andilhas do possante cavallo. O arrieiro bracejando rompeu á frente, e Gaspar seguia Joaquina, que os caminhos vedavam-lhe ir de par com ella.

Rompeu-lhes a aurora na Izabellinha. D'ahi entraram por atalhos escusos cobertos de pinhaes, até cortarem á estrada de Villa do Conde, evitando assim encontro de pessoas conhecidas na estrada real de Braga. Já por noite chegaram ao Porto, e recolheram-se cautelosamente a uma estalagem de Villa-Nova de Gaya.

O arrieiro bracejando rompeu á frente, e Gaspar... *(pag. 144)*

XVI

SAHIU do leito Sebastião Godim, consoante costumava, ao aclarar da alva, para rezar matinas e laudes. Feita a oração, disse á creada que mandasse tocar á missa.

A creada resmungou o quer que fosse. O reitor perguntou:

—Que diz vossê, mulher?

—Estou cá a scismar com a janella da cozinha...

—Que tem a janella da cozinha?

—Achei-a aberta.

—E' que vossê a não fechou.

—Isso fechei eu... Assim se fechem as bocas dos nossos inimigos.

—Seria o vento que a abriu—tornou o padre.

—Vento!... não lhe vejo geito!...

—Fosse o que fosse; falta alguma coisa?

— Que eu saiba, não, snr. reverendo reitor.

— Então deixe lá isso, e mande tocar á missa.

O padre agasalhou-se no capote de portinholas, e foi indo para a egreja, onde tal qual vez o esperavam as confessadas.

De feito, Sebastião Godim deteve-se até ás oito, confessando.

Estava a revestir-se para ir ao altar, quando a creada rompeu pela egreja acima, e de azoada que ia nem se lembrou de ajoelhar e benzer-se diante do altar mór. Caso estranho que levantou borborinho na egreja.

Entrou livida na sacristia a antiga serva e afilhada de Fernão Cazado Godim, exclamando:

— A menina fugiu!

— O quê? — disse o padre, deixando cahir a casula das mãos.

— Está o quarto aberto, e um papel escripto em cima do bofete.

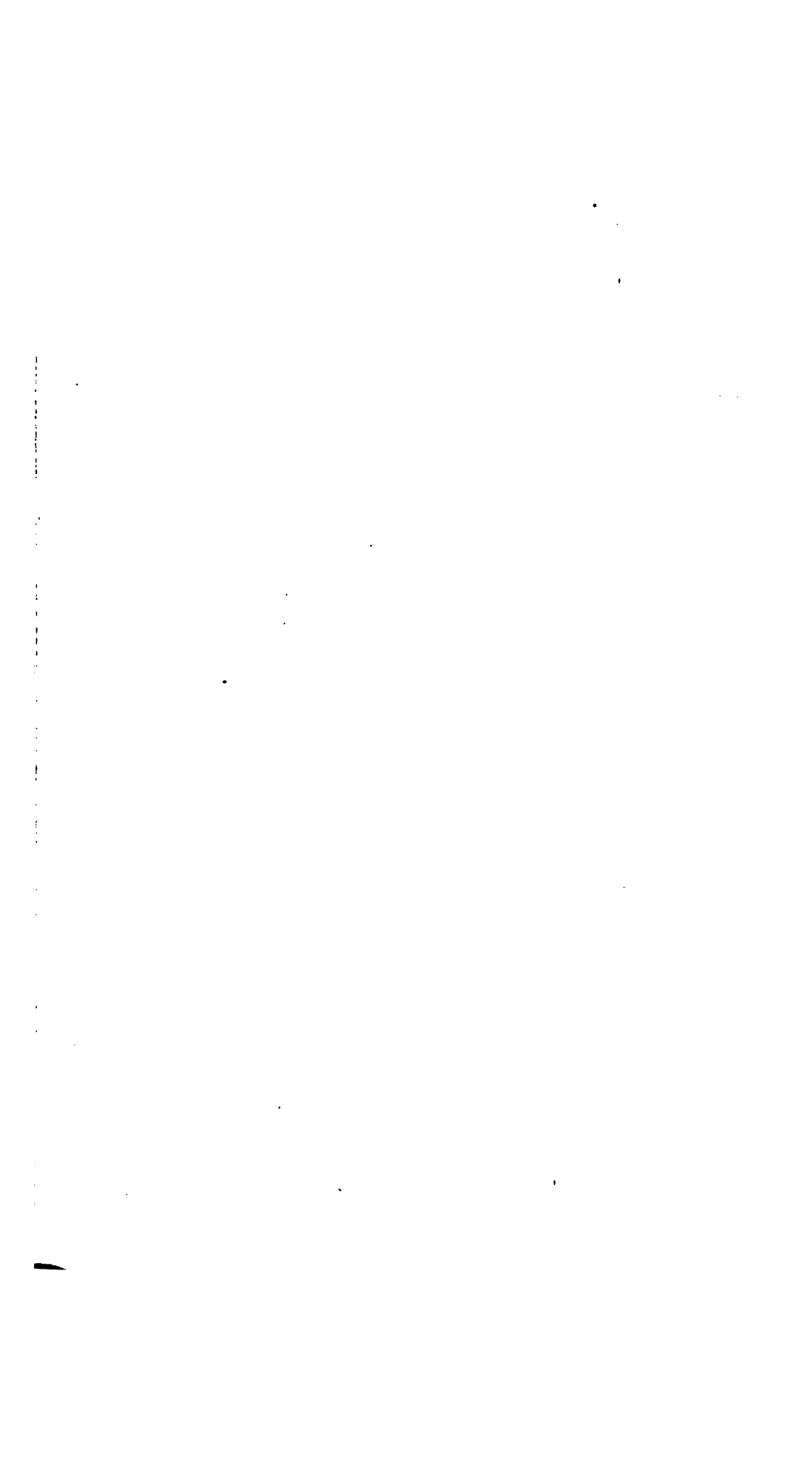
— Deus me valha! — murmurou surdamente o padre; e, voltado ao sacristão, disse:

— Vá vmc. avisar o povo que eu, por motivos urgentes, não posso hoje celebrar missa.

Despiu-se, e sahiu pela porta da sacristia, com os dedos das mãos inclavinhados sobre o seio.

— E foi pela janella da cozinha que fugiu... — dizia a creada, seguindo-o, com as mãos postas na cabeça, e dando ais profundos.

Sebastião entrou no quarto da irman, e foi direito ao bofete. Leu o seguinte:

O que?—disse o padre, deixando cahir a casula.. (pag. 148)

«Perdôa á tua desgraçada irmansinha, não pôde «vencer-se. Escrevo-te cega de lagrimas. N'este mo«mento só a morte podia salvar-me d'um crime. Só as«sim poderia expirar nos teus braços, e no leito de nossa «mãe.

«Perdôa-me, Sebastião, que eu amava muito, amava «sem refrigerio o homem que padeceu muito por mim e «me fez padecer quanto póde uma grande paixão con«trariada por todos. Não me consideres perdida, meu «irmão. Espero ainda entrar aqui, bem quista do mun«do, e de ti, com meu marido que tu hasde amar como «a irmão. Outra vez te peço perdão, em nome de Deus «e da minha fragilidade.

Joaquina.»

— Perdida! prostituida! — exclamou elle. — A minha irman prostituida! Oh! que infame homem aquelle que pôde desgraçar aquella creatura! — E voltando-se hirto e desfigurado á creada, gritou:

— Mande apparelhar a egua, em quanto me visto.

D'ahi a minutos galopava a esporeada egua no caminho de Braga.

Sebastião apeou á porta de Pedro de Vasconcellos. Subiu, sem se annunciar; entrou n'uma sala e n'outra, desvairado, olhando aos lados, até que Pedro inadvertidamente se encontrou de frente com elle.

— O snr. padre Sebastião... — tartamudou o velho.

— Que é de seu filho? — perguntou o padre.

— Meu filho foi antes de hontem para Coimbra.

—Seu filho raptou-me esta noite minha irman.

—Quê!... —bradou n'um rouquejar inexprimivel o fidalgo—raptou ...

—Onde está seu infame filho, snr. Pedro de Vasconcellos?—repetiu Sebastião, com os braços erguidos em convulsões.

—Já lhe disse... que heide eu dizer-lhe?... Mentiu-me o ladrão!... matou-me o amaldiçoado!...

E, bradando, atirou-se sobre uma cadeira, quasi desfallecido.

Sebastião levou as mãos ao rosto, e murmurou:

—Pobre velho!... mas eu sou mais desgraçado!... A deshonrada é minha irman, o deshonrado sou eu!... são os ossos do meu pai!...

E, debruçado sobre Pedro de Vasconcellos, que abafava em soluços, Sebastião tomou-lhe as mãos, e entre si dizia:

— Meu pai não conheceu a angustia d'esta hora!... Graças, meu Deus, por m'o terdes levado d'este mundo, antes de vêr uma filha perdida!

Pedro ergueu-se amparado pelo padre, e disse com tardas vozes:

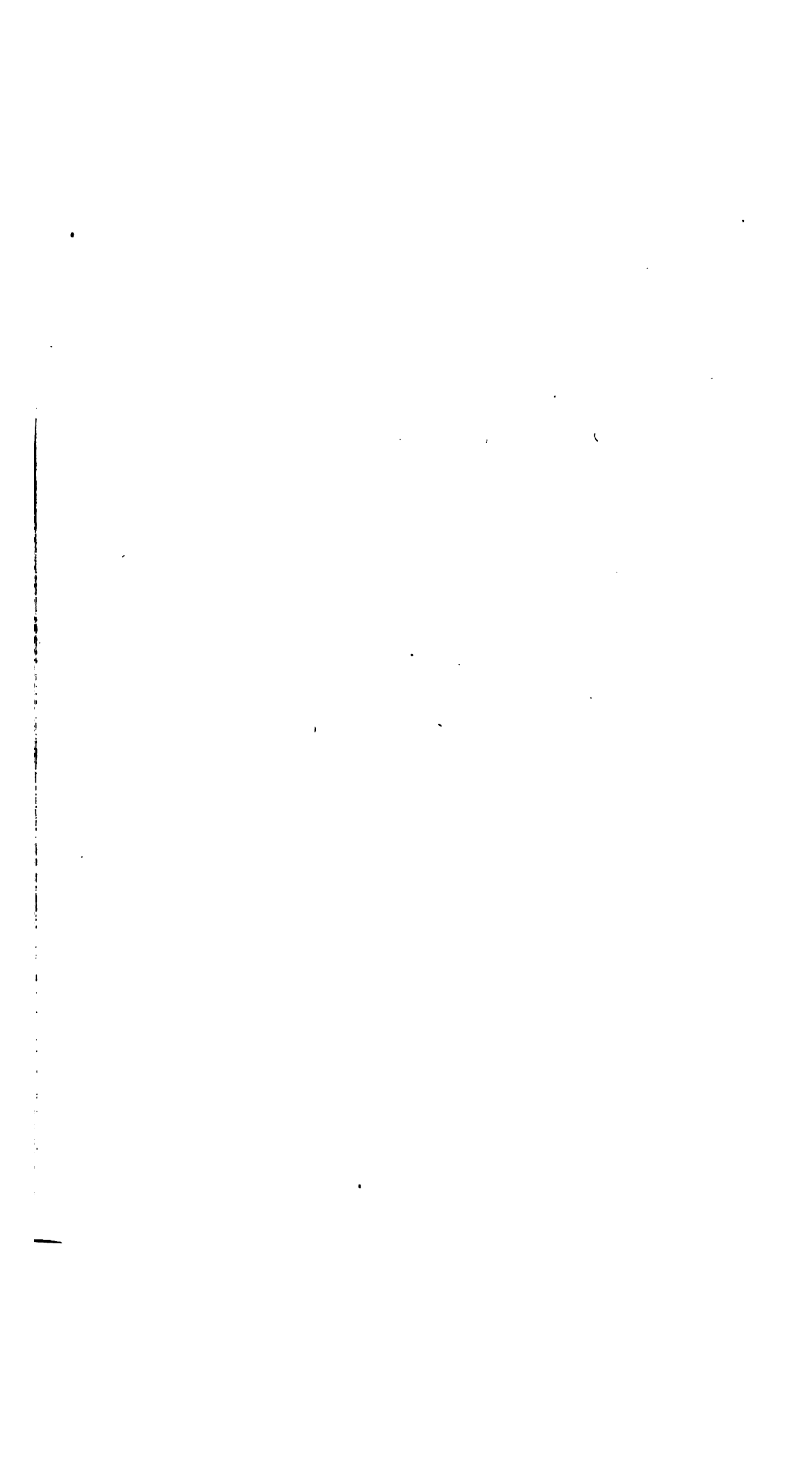
—Como sabe que o maldito raptou sua irman?

—Ella o declara—respondeu Sebastião, mostrando a carta.

Pediu o velho ao padre que lesse a carta; e, depois de ouvil-a, disse:

—Vou dar providencias.

—Quaes, snr. Vasconcellos?

— Está explicada a infamia de seu filho .. *(pag. 151)*

—As do meu dever. Heide pensal-as...

—As do christão dever sei eu que não carece V. S.ª de pensal-as—disse o reitor.

—Quaes são?

—Não lhes impedir o casamento... Perdoar a seu filho, salvar minha irman, e eu, se V. S.ª os despresar, os receberei casados em minha casa, e dar-lhes-hei duas partes da minha subsistencia.

—Pois dê...—exclamou o velho—que eu não tenho filho. Que me importa que elles casem?! Como quizerem...—Reflectiu instantes, e disse com malicioso sorriso:—Então o snr. padre Sebastião sabe onde elles param, para lhes levar o aviso de que podem casar? Isto cheira-me a tramoia!

Ergueu-se de golpe o filho de Fernão Cazado, e disse:

—Está explicada a infamia de seu filho! Explicou-a o Evangelho de Jesus: *é fructo da arvore infame.*

Dlsse, e sahiu sem voltar rosto ás bravas e impotentes contorsões do fidalgo esmagado por duas enormes angustias a um tempo.

Deteve-se Sebastião em Braga algumas horas, colhendo vans informações do local onde Gaspar podesse estar escondido. Esfriado o mais ardente da allucinação, reconheceu o padre que o raptor não vinha aproximar-se das primeiras iras do pai. Desapertou a alma á custa de tirar muito pelas lagrimas, e foi caminho da sua reitoria.

Á hora em que elle vertia novos prantos diante do

leito de sua mãe, e de sua irman, dormia ella o seu matinal e primeiro somno na estalagem de Gaya.

E contava Joaquina Eduarda, dois annos depois, que vira, em sonhos, o irmão ajoelhado diante do leito de sua mãe, pedindo á virtuosa alma, que á mão do Senhor voára d'aquelle leito, que levasse para si a filha.

XVII

Gaspar de Vasconcellos e Joaquina Eduarda não se afadigavam nas jornadas: dir-se-hia que passeavam aprasivelmente no paiz, posto que as carrancas do inverno mal quadrassem a excursões bucolicas de amantes ditosos.

Ao fim de tres dias chegaram a Coimbra. Gaspar apresentou-se ao bispo, beijou-lhe o annel, e disse-lhe:

— Venho ajoelhar perante V. Ex.ª reverendissima, supplicando o sacramento do matrimonio para mim e uma senhora que me acompanha fugitiva de sua familia.

— Não sois aquelle estudante que dançava o minuete da côrte?— perguntou o bispo.

— Sim, senhor.

— Oh!— exclamou o prelado — é impossivel o que pedis!

— Impossivel?!

— Sim: já recebi aviso do arcebispo de Braga; já todos os bispos devem de estar prevenidos. E o mais é que o corregedor do crime d'esta comarca já tem ordem

do regedor das justiças para a captura de Gaspar de Vasconcellos. Ausente-se de Coimbra, sem demora.

Gaspar descórou. Lembrou-lhe Joaquina no lance da captura, e saltaram-lhe as lagrimas. Condoeu-se o bispo-conde, e disse-lhe:

—Não vades pela estrada real... Que destino levais? para onde ides?

—Nem eu sei, senhor!...

—A melhor e mais segura terra é Lisboa: póde ser que lá encontreis no patriarcha o beneficio que eu vos não posso fazer; e talvez que os avisos não chegassem ainda ao cardeal. Apressai-vos na retirada d'aqui, e sede feliz, que eu duvido que possa sêl-o um filho desobediente.

Voltou temeroso á hospedaria o môço, e relatou em ancias o acontecido a Joaquina Eduarda. Enfardelaram de afogadilho as malas, e sahiram. Duas horas depois o meirinho do corregedor fazia busca na estalagem; e, voltando a avisar o magistrado, recebeu ordem de os perseguir no territorio da comarca.

Os fugitivos, obedientes ao conselho do bispo, sahiram da estrada guiados por conductor liberalmente pago até aos arrabaldes de Leiria. D'ahi, fiados em novo guia, venceram os pontos perigosos; e, com quatro dias de jornada, chegaram a Lisboa.

Gaspar de Vasconcellos contava com a protecção de alguns condiscipulos, filhos de valiosos fidalgos de Lisboa. Procurou um dos mais affectos á familia Pombal, e solicitou a licença para o casamento. O patriarcha, já prevenido pelo arcebispo bracharense D. Gaspar de Bra-

gança, denegou a licença e invectivou os protectores do máo filho, que deixára o pai em trances de morte. Verdadeiramente se infere d'esta rede tão depressa urdida, qual era o valimento de Pedro de Vasconcellos com a egreja e com à magistratura, e não menos se delatam as abrasadas entranhas com que perseguia o filho.

Aconselharam-n'o os amigos a que sahisse de Lisboa, antes que o chanceller houvesse denuncia de sua chegada. Gaspar, judiciosamente receoso da captura, e instado por Joaquina Eduarda, — que mais queria o socego sem as bençãos nupciaes, que a perspectiva da cadeia ainda mesmo no goso do sacramento — deliberou entrar em Espanha, e repousar-se emfim de sustos, que lhe agorentavam as delicias do coração.

A cidade mais convisinha, maís propria a devaneios amorosos, e mais poetica residencia de amantes, sorriu ao môço e o chamou a si: era Sevilha. Foram, pois, alegres e descuidados de corregedores e meirinhos, com um passaporte, inventado em Lisboa, no qual os viandantes se chamavam Carlos e Carolina, naturaes de Lisboa, casados, e mercadores.

Mobilaram modestamente uma casa nos arrabaldes, accenderam o fogão, e alli passaram o restante inverno, muito sós, muito queridos, muito estranhos ás coisas da patria e aos desgostos dos seus. Leram *D. Quixote* e o *Grão Tacanho*, e *Lazarilho de Tormes*, e *Gusmão d'Alfarrache*, e o *Diabo cocho*. Riram muito nas noites de dezembro e janeiro com a chavena de chocolate ao lado, e a lenha a crepitar no fogão. Quando a leitura os infas-

tiava, abria-se o piano, ou dedilhava na guitarra o môço, que em Coimbra gosára a primasia de a fazer fallar e chorar. Joaquina ou cantava as modinhas portuguezas ou as seguidilhas espanholas com aquella voz dulcissima que transportava o senhor de sua alma. A's vezes, tocava ella o minuete, e Gaspar executava o passo, como no baile do regedor das justiças; e Joaquina Eduarda perdia-se na musica, de enlevada na agilidade graciosa dos saltos.

Ora, se a felicidade não era aquelle viver, se aquellas delicias não eram o prazer novo que o sybarita não chegou a descobrir, não sei que haja gosar n'este mundo!

Espertaram as aves, degelaram-se os gomos das arvores, tapisaram-se os prados de boninas, o Guadalquivir espelhou-se para retratar as formosas sevilhanas. Sahiram os amantes do seu esconderijo, e andaram pela cidade a vêr os quadros notaveis, os palacios, os jardins, os monumentos, as decorações magestaticas da velha Hispalis.

Em alguma d'essas paragens encontraram uma familia portugueza da Beira, de appellido de Cunhas, Tavoras e Noronhas, aparentada com Tavoras, e fugitiva de Portugal, desde 1758, epoca de supplicio dos duques d'Aveiro, Tavoras, e Atouguias.

Facilmente se relacionaram. Francisco da Cunha Noronha e Tavora tinha senhora e filhas. Vivia com medianas posses, hauridas de alguns parcos bens que sua mulher tinha em Castella. Os grandes haveres d'elle no reino tinham sido confiscados, bem que o fidalgo viziense fosse de todo estranho á tentativa de regicidio contra D. José I.

... quando ella cantava as seguidilhas *(pag. 159)*

Na hypothese de que os seus patricios eram o que elles diziam ser — filhos de mercadores de Lisboa, que viajavam recreativamente — hesitaram, por algum tempo, os Cunhas em se relacionarem com intimidade de visitas; porém, a precipitação de Gaspar denunciou a fidalguia de sua origem, quando, n'uma pratica sobre a restauração de 1640, e da parcialidade do clero a favor dos interesses de Castella, disse elle que odiava seu tio-avô D. Francisco Pereira Pinto, bispo do Porto, por não querer exercer o bispado com a nomeação, que já tinha do usurpador Filippe, confirmada pelo legitimo rei. Francisco da Cunha pediu explicação d'este parentesco; e o môço, que já se não temia da perseguição, e algum tanto se desvanecia com ser considerado nobre, relatou particularmente ao fidalgo beirão a sua epanáphora amorosa.

Vem a ponto a nossa admiração sincera: Cunha Noronha e Tavora hesitava em receber o filho do mercador casado com a filha d'outro mercador; e facilitou a sua casa e intimidade de suas filhas ao descendente do bispo, sem embargo da sua deshonesta convivencia com uma senhora raptada! Incongruencias das raças illustres, posto que Francisco da Cunha era bom homem, e sua familia uma santa gente, meninas bem ageitadas e virtuosas, que não sabiam ler nem escrever nem contar.

Mas não eram insensiveis ás delicias do canto. Abraçavam-se em Joaquina Eduarda a beijal-a, quando ella cantava as seguidilhas, mormente umas, cuja lettra aprendera na *Gitanilla* de Miguel Cervantes Saavedra, romancinho d'onde póde ser que Victor Hugo haja ta-

em obter licença para se rehabilitarem diante de Deus e da sociedade, e principalmente para terem a subsistencia certa, e defendida de contingencias desagradaveis.

Joaquina Eduarda escreveu ao irmão poucas palavras em que revelava certo bem-estar na posição que escolhera. Dizia ella: «... Não te peço piedade que não «ha para que a mereça; qualquer que seja meu destino, «jámais a pedirei; porque, se fiz mal, justo é que me «aguente com os effeitos. O que te peço é perdão das ma«guas que te causei, meu bom mano. E este perdão, peço«t'o em quanto sou feliz. Se alguma imprevista calamidade me esmagar, não pedirei nem sequer perdão...»

Gaspar escreveu longa carta, friamente pensada, com todos os logares patheticos d'uma engenhosa rethorica. Raro romancista lhe ganharia em frieza de animo na redacção da sua commovente narrativa.

Partiram as cartas.

Pedro de Vasconcellos, quando lhe entregaram a volumosa missiva, carimbada em Sevilha, e reconheceu a lettra do filho, mal podia sustêl-a nas mãos convulsas. Resolveu queimal-a fechada. Vacillou ao pé da fogueira, e apertou-a com phrenesi, como se dentro d'aquelle maciço de papel viesse o pescoço do filho.

Abriu-a, depois de esconder-se ás attenções do capellão e dos criados.

Leu, sem laivos de commoção. Apertou-a entre os dedos para espedaçal-a; mas susteve-o a idéa de mostral-a ao mano fr. João.

Veio fr. João de Tibães, chamado á pressa. Leu a carta

em tom declamativo, releu fragmentos, que lhe tocavam, todos encomiasticos, bufou como quem suspira, e disse:

— Não sei o que te heide dizer, mano Pedro. Tu és pai: faz o que quizeres e entenderes. Eu cá, como tio offendido, e christão caritativo, perdôo-lhe...

— Elle a ti que mal te fez? atalhou Pedro, irritado.

— A mim... a fallar verdade... nenhum. Elle é que diz que eu fui para elle sempre bom.

Cumpre saber que o honrado frade cumpriu a promessa de não revelar que emprestara mil e duzentos cruzados ao sobrinho. Pedro ignorava esta ribaldaria do filho.

— Eu, cá de mim, — bradou o fidalgo — não lhe respondo. Diz-lhe tu, se quizeres, que eu morri para elle.

— Isso é superfluo. Se lhe não respondes, entendido está que morreste para elle, mano Pedro. Escuso eu de lhe dar parte.

— Então que quer esse villanaz? — perguntou Pedro ao frade, como se os essenciaes relanços da carta carecessem de clareza.

— Quer licença para casar, e perdão de não casar á tua vontade.

— E pede-me licença o bigorrilhas? Sabe que eu não quero, e intenta obrigar-me a querer?... Esta é de cabo de esquadra, mano João!

— Pedro! — redarguiu o benedictino. — Mui bem sabes que eu fui a Coimbra buscar o rapaz, que eu fui leval-o á quinta de S. João de Rey, e finalmente não perdi lanço de lhe prégar a conveniencia de casar com a nossa sobrinha Paulina. É isto verdade ou não?

— É: quem t'o nega?

— Ora bem: Eu, no meu modo de vêr as coisas á luz da philosophia christan, intendo que o dominio dos pais sobre os filhos não póde estender-se até ao coração, salvo quando a paixão sôlta e desinfreada os leva a praticar actos e allianças deshonrosas para seus pais. Contrariar um rapaz em materia de casamento com fulana para o casar com cicrana, é o mesmo que prival-o de ser bom marido da primeira, e obrigal-o a ser máo marido da segunda. A rapariga, com quem teu filho quer casar, segundo tu mesmo me disseste, é filha d'um antigo fidalgo de Vianna do Minho. Como alliança de sangue, visto está que não suja o teu; como alliança de haveres, questão é essa mui outra, que não tem que vêr com a moralidade do acto... Não te estejas a attrigar, mano Pedro, que eu vou concluir. O teu e meu bom pai, que Deus haja na sua presença, exercitou em mim o absoluto imperio que tu quizeste exercitar sobre a sensibilidade affectiva de teu filho. Assás lembrado deves estar que eu amei com singular affecto uma môça de mediana extracção. O pai, quando me conheceu inclinado n'aquelle rumo, chamou-me a contas, e disse-me: «casar com a prima Genoveva, e já, ou entrar no convento de Tibaens, e já! — Pois seja para o convento de Tibaens, e já — respondi eu. Qual foi o resultado, mano Pedro? Fizeram-me um pessimo frade; a consciencia m'o diz; podendo ter eu sido um excellente marido, se me deixassem casar com a mulher da minha selecção.

— Historias! — exclamou Pedro de Vasconcellos. —

Se casasses com a filha do chapeleiro, a esta hora que serias tu? O pai dos netos do chapeleiro, um valdevinos sem respeito nem dinheiro. Assim és sempre o filho de Simão de Vasconcellos, e vestes o habito que os filhos segundos da casa de teus avós vestiram sempre, excepto os que morreram armados na Africa e India, que foram muitos. Se não foste bom frade, se não és dom abbade de Tibaens, como foram teus tios, é porque não tens querido fazer as asneiras com cautéla e manha como os outros. Em fim, mano João, eu não me estou a affligir á conta d'este amaldiçoado rapaz. Não quero saber d'elle. Paulina é a minha herdeira. Procuro-lhe marido, na roda dos parentes, e heide achar-lh'o digno e excellente. Lá está a pobresinha cheia de paixão: é meu dever remediar o mal que fiz.

— Bem. Não queres mais nada de mim?

— Não.

— Fica-te com Deus, e lembra-te sempre que és pai.

— Ao outro dia, foi Pedro de Vasconcellos a Tibaens.

— De que bôrdo estás? — perguntou fr. João.

— Pensei toda a noite. As tuas palavras: «lembra-te sempre que és pai» abalaram-me.

— Graças a Deus! E então?

— Escreve ao rapaz; diz-lhe que venha para casa.

— E a mulher?

— A mulher...

— Sim: que hade elle fazer á môça?

— Que a metta n'um convento.

— Os conventos não são recolletas de convertidas,

mano Pedro. E quem te diz a ti que ella quer entrar em convento?

— Pois então que vá pôl-a na casa d'onde a levou.

— Valha-te Deus! — exclamou fr. João. — Vejo que as minhas palavras te abalaram inversamente do que eu desejava! O que teu filho pede é licença para casar.

— Não na dou! já disse! — bradou o fidalgo. — E tu, João, pareces-me um homem sem juiso nem probidade!

— Mercês, mano Pedro! — disse seraphicamente o frade. — Pois deixa em paz o homem sem juiso nem probidade.

Pedro de Vasconcellos voltou-lhe as costas, e sahiu.

Sabido é, portanto, que não teve resposta a carta de Gaspar. Quanto á de Joaquina Eduarda, a historia é mais breve. Sebastião leu as poucas linhas de sua irman, chorou, dobrou a carta, e continuou a resar o officio de Nossa Senhora nos versiculos, que diziam:

Deus noster refugium et virtus: adjutor in tribulationibus, quæ invenerunt nos nimis.

Propterea non timebimus dum turbabitur terra: & transferentur montes in cor maris *.

Finda a resa, escreveu: «Filha de minha santa mãe e de meu virtuoso pai! A misericordia do Senhor se amerceie de ti. *Padre Sebastião.*»

* O nosso Deus é refugio e esforço: favorecedor nas tribulações, que com excesso nos tem assalteado.

Por isso não temeremos, ainda que seja commovida a terra, e os montes transferidos ao meio do mar. *Psalmo* 45, *V.* 1 *e* 2.

XIX

NÃO se affligiu Gaspar com o já esperado silencio do pai; nem Joaquina Eduarda se commoveu grandemente das breves e compungentes palavras do irmão.

Reinava ainda o ouro e o contentamento.

Joaquina estava sendo uma nova maravilha na cidade que proverbialmente o é. Indeusavam-na homens e mulheres. Queriam-na em suas tertulias as principaes familias para quem o ignorado enlace dos dois prendados e gentis filhos de Portugal era honestissimo. Gaspar esse então, por amor da levesa dos pés no minuete, andava nas palmas. Os calcanhares, tão fataes para Achilles, eram n'elle dons para muitos amores e triumphos, se elle tivesse corações sobrecellentes para regalo das requebradas sevilhanas.

Derivaram alguns mezes, e o ouro ia escasseando, e Francisco da Cunha, a quem os meios faltavam para

poder abrigar das privações aquella descuidada gente, redobrou de instancias com o môço para abrandar o pai.

— Já tenho pensado n'isso — disse Gaspar com sincera gravidade. — Eu começo agora a vêr a ladeira, e escondo de Joaquina estes pensamentos; mas ella adivinha-os, e principia a entristecer-se. Meu pai não me respondeu. Quem sabe se elle terá morrido? Vou escrever a meu tio fr. João.

Apesar do proposito, Gaspar envergonhava-se de escrever ao tio, por causa d'aquelles mil e duzentos cruzados, que prometteu pagar, quando casasse com a prima Paulina. Aguilhoado, porém, pelos dictames da necessidade ameaçadora, escreveu.

Fr. João de Vasconcellos condoeu-se das, por ventura, encarecidas lastimas do sobrinho. Respondeu, referindo-lhe a pratica e diligencias que fizera com o inflexivel irmão. Acabava por lamentar o seu destino, e chorava-se por não ter mais dinheiro que umas vinte peças, que lhe mandava, promettendo martelar ainda no animo duro do pai.

Gaspar acreditou nas virtudes do tio João, e reforçou a gaveta esvaecida de calor mineral.

Escreveu outra carta ao pai. O benedictino, d'esta vez, não foi consultado. Pedro de Vasconcellos, ouvida a pythonisa da sua chamada honra, escreveu:

«Receberei Gaspar em minha casa; mas solteiro.
«Promptifico-me a dar á creatura, que elle tem comsigo,
«uma pensão annual que a sustente n'um recolhimento,
«em quanto a sua familia a não sustentar. Ou isto, ou

«nada. Não respondo a mais carta nenhuma, contrária «ao que levo dito. — Braga, 20 de Janeiro de 1765. — *Pedro de Vasconcellos.*»

Gaspar desfez com os dentes esta carta. Joaquina apenas pôde ler a palavra: «recolhimento». Pediu e implorou explicação d'aquelle termo. Gaspar, muito supplicado, reproduziu o resumo da carta. Joaquina, sem leve tregeito de dôr ou espanto, disse:

— Onde teu pai escreveu «recolhimento» deveria pôr «sepultura» — local em que eu lhe seria muito menos dispendiosa.

Acceso em ira, o arrebatado môço replicou ao pai d'este theor:

«Gaspar, filho de Maria Pereira, responde ao seduc«ctor de Maria Pereira, que é menos villão que seu pai. «Sevilha 31 de Janeiro de 1765.»

Ao ler estas linhas, Pedro de Vasconcellos sentiu nas fontes as garras da morte, e no seio as do remorso. De feito, Maria Pereira tinha sido seduzida, e a vingança da pobresinha estava alli escripta n'aquelle papel. Pezou-lhe na cabeça a clava de ferro que faz dobrar os joelhos. O velho cahiu para orar; mas o demonio da ira amparou-o na quéda, ergueu-o, e assoprou-lhe á alma incendios de furor.

Corre allucinado de sala em sala; manda chamar o corregedor do crime, e pergunta-lhe se póde fazer prender o filho em Sevilha. O magistrado cita-lhe os tractados negativos, e ministra-lhe boas doutrinas. Exaspera-se o velho, ruge, tarda-lhe a lingua, leza-se-lhe o braço que

vai levantar amaldiçoando o filho e cae abatido pelo primeiro insulto apopletico. É chamada a medicina, e logo a religião, representada pelo benedictino. Cede a enfermidade, aquieta-se o espirito, e volvidos quinze dias, Pedro de Vasconcellos levanta-se convalescente.

Fr. João vira a carta do sobrinho. Escreveu-lhe muito de espaço; a ultima linha dizia: «cada vez te «considero mais perdido, meu desgraçado Gaspar!»

Vão correndo os dias. Entrou a tristeza as portas da casinha em que, quinze mezes antes, os arrobados amantes cuidavam que se alojara com elles a eterna alegria. Surprehendiam-se n'um olharem-se mutuamente com lagrimas. Abraçavam-se, infundiam-se animo, phantasiavam esperanças vindas de acasos, acasos vindos de Deus, d'um Deus benigno que elles imaginavam amparador de duas pessoas boas e infelizes que se amam.

Já as noitadas por salas os intediavam, e com pretextos fugiam d'ellas.

Francisco da Cunha adivinhava a magua que os nobres peitos calavam. E confrangia-se de compaixão, porque estava pobre, e de Portugal, onde elle solicitava a liberdade dos bens e prova de sua innocencia, não recebia alguma nova que o habilitasse a dizer áquelles infelizes: «Vinde para minha casa».

E os dias iam correndo, e as migalhas d'aquelles tres mil e duzentos cruzados já não abonavam á sustentação de um mez.

Gaspar abraçou-se no fidalgo da Beira, e disse-lhe suffocado de soluços:

... e cae abatido pelo primeiro insulto apopletico (*pag. 174*)

— Diga-me em que heide ganhar dinheiro?

— Na patria diria: aqui, não sei. Pergunta é essa que eu tenho feito a mim mesmo, algumas vezes, quando minhas filhas estão remendando a minha roupa branca, e lavando á noite os vestidinhos com que apparecem no dia seguinte.

— Mato-me! — exclamou de golpe Gaspar.

— Miseria! — redarguiu Francisco da Cunha. — Seja homem, senhor! Espere... Eu vou escrever a seu pai.

— Não lhe responderá — disse o môço.

— E eu não me offenderei. Nada se perde, e podemos ganhar.

— Eu não acceito a proposta villan de fechar n'um recolhimento Joaquina, quando elle a repita.

— Póde ser que venha outra mais aceitavel. Espere. O snr. Gaspar está em extremo apuro?

— Não, senhor. Ainda não temo a fome alguns mezes. Joaquina já fechou o piano e quer vendel-o. Arrancou do pescoço e orelhas o ouro, e quer vendel-o. Eu vendo tudo para amparal-a... Vendo-me a mim!

— Que desesperação a sua!... — atalhou o expatriado. — Bem se vê, amigo, que está pouco apalpado pela desgraça. Não sabe ainda o que é a perspectiva d'uma forca, e depois o desterro com esposa e tres filhas creadas na suprema abundancia, e de repente lançadas na pobresa!... Alente-se, Gaspar.

E o mais é que o môço entrou em sua casa animado.

Quando chegou á sala, viu um homem ao lado de

Joaquina Eduarda, contando duzentos duros. Era o comprador do piano-forte, que o havia vendido por quatrocentos.

O comprador sahiu, e Gaspar murmurou com o peito varado de angustia:

— Vai-se o teu piano?

— Que tem isso, Gaspar? Ouvirás a minha voz desacompanhada de musica. E hasde gostar d'ella ainda assim. Ora escuta... E, a sorrir, cantou uma copla da seguidilha dilecta, cuja toada inventára nos dias felizes:

De cien mil modos echizas,
Hables, calles, cantes, mires,
Ó te acerques, ó retires,
El fuego de amor atizas.

E, estreitando-o muito ao seio, exclamou:

— Tu choras, fraco?

XX

O amor dá-se mal nas casas ameaçadas de pobreza. É como os ratos que presentem as ruinas dos pardieiros em que moram, e retiram-se. A comparação é por de mais plebea em materias tão afidalgadas como são estas do coração; todavia, immolemos a polidez á verdade.

O amor é de condição mui desprendida d'umas baixezas que nós razamente chamamos almoço, jantar, ceia, aconchêgo, commodidades, e guarda-roupa abundante. Assim que elle dá tento de que o seu visinho, chamado espirito, cogita distrahido n'aquellas coisas vulgares, começa a infastiar-se, a franzer o sobr'olho, a estorcer-se, a vêr por onde hade fugir. O amor quer o monopolio das faculdades da alma. Se o intellecto o desdenha para se exercitar em estudos graves, o caprichoso arrufa-se, e vinga-se dos sabios fugindo para os corações dos tolos, que, tal qual vez, se senhoream dos espiritos das mulheres dos sabios, desastre de que o sapientissimo

Marco Aurelio se queixava n'uma carta á sua muito deshonesta mulher Faustina. Cito um imperador para consolação da gente mean, ignorante dos eminentes camaradas de infortunio, que a historia lhe offerece.

Quando este despeito se dá com as intelligencias absorvidas pela paixão do saber, que fará com os animos preoccupados do prozaismo da receita e despeza?

Está este lameiral chamado terra infamado de miserias que fazem chorar. Mulheres sem honra nem pão; creancinhas sem mãe nem cama; homens sem coração nem remorsos; lages salpicadas de sangue de desesperados que se matam; bancas de amphitheatros cobertas de cabeças separadas dos troncos; hospitaes que sorvem podridão e revessam cadaveres. A gente vê isto, e passa. Não se inquirem causas. A philosophia viu tudo, e disse: «corrupção congenial da humanidade». A religião viu, e disse: «Caridade e misericordia». Os poetas viram e disseram: «Manon Lescaut, Claudio Gueux, Margarida Gauthier». A philantropia viu e disse: «Não façamos nada a favor dos que pendem á miseria, mas dê-se-lhes asylos e pão, depois que tombarem no abysmo».

Philosophos, religiosos, philantropos e poetas param em volta dos monturos sociaes a contemplarem as fezes. E, porque o aspecto da desgraça tem tal qual magnitude, embora repulsiva, os contempladores não esquadrinham de tamanhos effeitos uma causa, ao dizer, insignificante. Pois eu encaro em tudo isto, e lembra-me o que pensava Francisco da Cunha Noronha e Tavora, observando a

sombra triste de Gaspar e as côres quebradas de Joaquina Eduarda: «É o amor que vai fugindo á vanguarda da pobresa».

Estes pedaços esphacelados da humanidade, estas mulheres que se laceram e não choram, estas creancinhas acamadas na rua que acalentam a fome ao rugido nocturno das carruagens que rodam, tudo isto que está a pedir uma providencia melhor, são as ruinas d'umas galerias luxuosas d'onde o amor fugiu, quando a miseria assalteou os vestibulos. Tudo isto é uma agonia horrendissima de corações que amaram, de filhinhos que não acharam leite em seios onde os corações tinham morrido na garra do desespêro. Oh! que escarneo seria a dadiva do viver, se não viesse com a certeza da morte!

As caricias que Joaquina recebia do seu amado algoz eram já aquecidas pela memoria da paixão extincta. E não se illudia ella. Quem póde enganar a mulher que principia a desconfiar da felicidade no amor? Joaquina Eduarda de si mesma se espantava, sentindo-se transportada pela tristeza aos braços de uma saudade que a levava aos loureiraes do paçal de seu irmão, ás florestas solitarias e rumorosas das margens do Cavado! Tinha dor e pejo d'este sentir. Calava-o, suffocava-o e tão depressa olhava em fito os olhos tristes de Gaspar, que assim aquella amada e maldita saudade lhe tirava do peito ancias sem desafogo.

E passaram dois arrastados mezes n'esta mutua e afflictiva contemplação, raras horas cortadas de intermittentes alegrias, emprestadas pela esperança do bom

successo da carta que Francisco da Cunha escrevera a Pedro de Vasconcellos.

O fidalgo bracharense, prestando homenagem aos heraldicos appellidos que assignavam a carta, respondeu. Apoz breves linhas, em que historiava o procedimento ingrato e ignobil do filho, trasladava o bilhete petulante com que elle respondera á proposta. Depois, acrescentara: «Diga-me V. Ex.ª que homem de bem consentiria que outro homem de bem lhe pedisse por tal filho?»

Francisco da Cunha occultara esta resposta de Gaspar, e replicou em mais pungitiva supplica.

Pedro de Vasconcellos não respondeu; mas o frade de Tibães, conhecedor d'esta correspondencia, enviou ao sobrinho vinte peças, havidas de emprestimo do dom abbade, e escreveu-lhe:

«Não contes com teu pai, nem se cance o honrado «Cunha. Tua prima vai casar. Os vinculos dos Vascon«cellos vão para teu primo Lopo de Villar de Frades. «Teu pai reserva os bens livres, e falla em recolher-se «a Tibães, depois das escripturas nupciaes. Hontem me «disse elle: *Se esse desgraçado voltar aqui um dia, e eu «tiver fallecido, deixarei em teu poder dinheiro com que «elle possa dotar-se e professar n'um convento. Ao menos «que va para onde resgate a alma das penas eternas.* Que «heide eu fazer-te, infeliz? Já me lembrou ir fallar com «o irmão d'essa senhora; mas disseram-me que elle sa«hira da reitoria, e se recolhera ao convento de S. Do«mingos de Vianna, com o proposito de vestir o habito. «Vê tu, Gaspar, quantas mudanças, quantas infelicida-

«des, procedidas d'uma cegueira, que a desgraça te ar-
«ranca dos olhos agora com ferro em brasa!... Se essa
«menina quizesse voltar para o convento de Santa Clara,
«eu iria ao Porto intender-me com a virtuosa tia, e mo-
«veria n'este negocio o bispo D. Antonio de Sousa, que
«foi da minha creação n'este mosteiro. Quererás tu le-
«val-a a essa grande prova de juiso, e compaixão pela
«sorte de ambos? Responde-me...»

Joaquina Eduarda viu a carta, e disse:

— Porque me mostras esta carta, Gaspar?... Queres que eu faça a vontade a teu tio?

— Não — respondeu o môço, com menos intimativa do que esperava Joaquina.

— Esse *não* dos labios — acudiu ella — é um *sim* do coração?!...

— Que suspeita essa tão injusta!... — balbuciou Gaspar.

— Que grande desgraçada eu sou! — exclamou Joaquina soluçando nas palmas das mãos, com que tapava o rosto.

O môço abraçou-a com estremecida piedade, e não proferiu minima palavra consoladora.

— Diz a teu tio que não quero entrar no convento! — exclamou ella de subito, desatando-se-lhe dos braços.

— Direi...; mas porque te afflijes assim? que culpa tenho eu d'esta proposta de meu tio?

— Nem eu te culpo! — tornou ella muito quebrada e quasi desfallecida — E's tambem muito desgraçado,

meu pobre Gaspar!... Sei avaliar as tormentas que vão em tua alma...

A chegada de Francisco da Cunha interrompeu este colloquio dilacerante. Joaquina levantou-se, e entrou no seu quarto. Chorou, em quanto a febre lhe não queimou os olhos. Quando Gaspar a procurou na alcôva, e a quiz tirar á sala onde o fidalgo desejava vêl-a, Joaquina Eduarda já não podia segurar-se em pé. A febre aturdia-lhe a cabeça e abrasava-lhe as faces.

XXI

Se Gaspar necessitasse d'uma alma consoladora, e podesse com ella suavisar as raladoras consumições, Joaquina Eduarda não era certamente dotada da indole branda e paciente que santifica os anjos da bonança á beira das almas atormentadas. Sobejavam-lhe a ella dores, saudades, remorsos, e presentimentos terriveis: carecia de paz e coragem para ser ameigadora de soffrimentos alheios. Logo que o homem, em cujos hombros a debil creatura se amparava, desfalleceu, natural é que Joaquina succumbisse com elle. Se Gaspar, fingidamente ao menos, sustentasse exteriores animados, ella, como todas as mulheres, faria milagres de força e conformidade. Na posição de Joaquina Eduarda, nenhuma mulher seria mais animosa, entrevendo já o abandono, a miseria, ou a esmola recebida, n'um convento, de mão inimiga, que assim lhe pagava a deshonra e o silencio.

Iniquamente Gaspar intendia que a pobre menina devia ser menos egoista do seu bem-estar, e condoer-se

de quem por amor d'ella sacrificara tanto. O desvairado môço não via alli n'aquelle leito a mulher que tantos maridos illustres desviára com o seu desdem para guardar-lhe para elle, e incondicionalmente, um coração com todas as fibras intactas; não via alli a esconder o rosto em lagrimas na dobra da coberta aquella mulher que parecia a divinisação da bellesa, e o galardão dos olhos que a fitavam, e por bem pagos se davam de que ella se deixasse contemplar. Não. O que elle via era a mulher que o fascinára e perdêra. E — oh baixissima villesa da alma do homem! já elle se espantava de sua fascinação e da cegueira com que se deixára perder!

E mais ainda. O desgraçado lembrava-se de sua prima Paulina. Amal-a não podia; mas ouvia uma estupida voz interior a dizer-lhe que devia conformar-se á vontade do pai, e aceitar uma esposa, que lhe não seria jámais na vida empêço aos gosos da mocidade.

E, no entanto, Joaquina, enleiada tambem em seus pensamentos, recordava-se da infancia, das caricias maternaes, das barbas brancas de seu pai, do cadaver que lhe tiraram dos braços, da ternura do irmão, dos silencios d'aquella aldeia que ella, noite alta, quebrava com as melodias da sua voz.

E, ao cahir d'estes assomos onde a levantava a saudade, via-se n'um leito em alcôva triste, e aos pés d'esse leito via um homem com a fronte escondida entre as mãos.

— Gaspar!... — dizia ella maviosamente.

— Que é, menina?

— Tens saudades do passado?

— E tu?...

— Tenho. Pois não heide ter?... Quando eramos ambos felizes... E mais tu pensavas que o não eras... Dizias-me que o inferno se te abrisse aos pés, se eu me desencontrasse do teu caminho... E que mal fizemos, meu amigo... Tanta gente a querer salvar-nos...

— Como o arrependimento te punge!... atalhou magoado o môço.

— E a ti, não, Gaspar?... Que silencio!... Então porque te offendes?!

— Tu não comprehendes a minha vida, Joaquina?! — perguntou elle de sobresalto e n'um tom de reprehensão.

— Comprehendo, comprehendo, Gaspar... Não te irrites.

— Parece que me queres fazer responsavel das más entranhas de meu pai!...

— Eu não...

— Vês que as minhas tristezas, o meu supplicio incessante, é a falta de meios... e accusas-me por que eu não sei como se póde viver sem recursos...

— O que sei é que se póde morrer sem elles — disse Joaquina serenamente, abrindo um sorriso de sincera resignação.

— Ora!... que resposta!... — resmuneou elle acremente.

Joaquina suspirou, e expediu um ai mal abafado com a roupa que puchou para o rosto.

Condoeu-se penetrantemente Gaspar: acurvou-se sobre o leito, e beijou-lhe os olhos, proferindo supplicas de perdão com as mais vehementes expressões da alma que se confessa deshonrada e despresivel.

Joaquina sorriu-lhe cariciosamente, e murmurou:

—Não te afflijas com o futuro que eu morro cedo. Depois irás para teu pai, e elle te restituirá o amor e os bens. Espera mais algum tempo, que eu tenho a alma de minha mãe empenhada no meu resgate e no teu.

—E desejas morrer, Joaquina?—exclamou elle com immensa dôr.

—Desejo morrer, antes que me mates o coração. Quero morrer a amar-te... e presagio que, se viver alguns mezes, acabarei odiando-te.

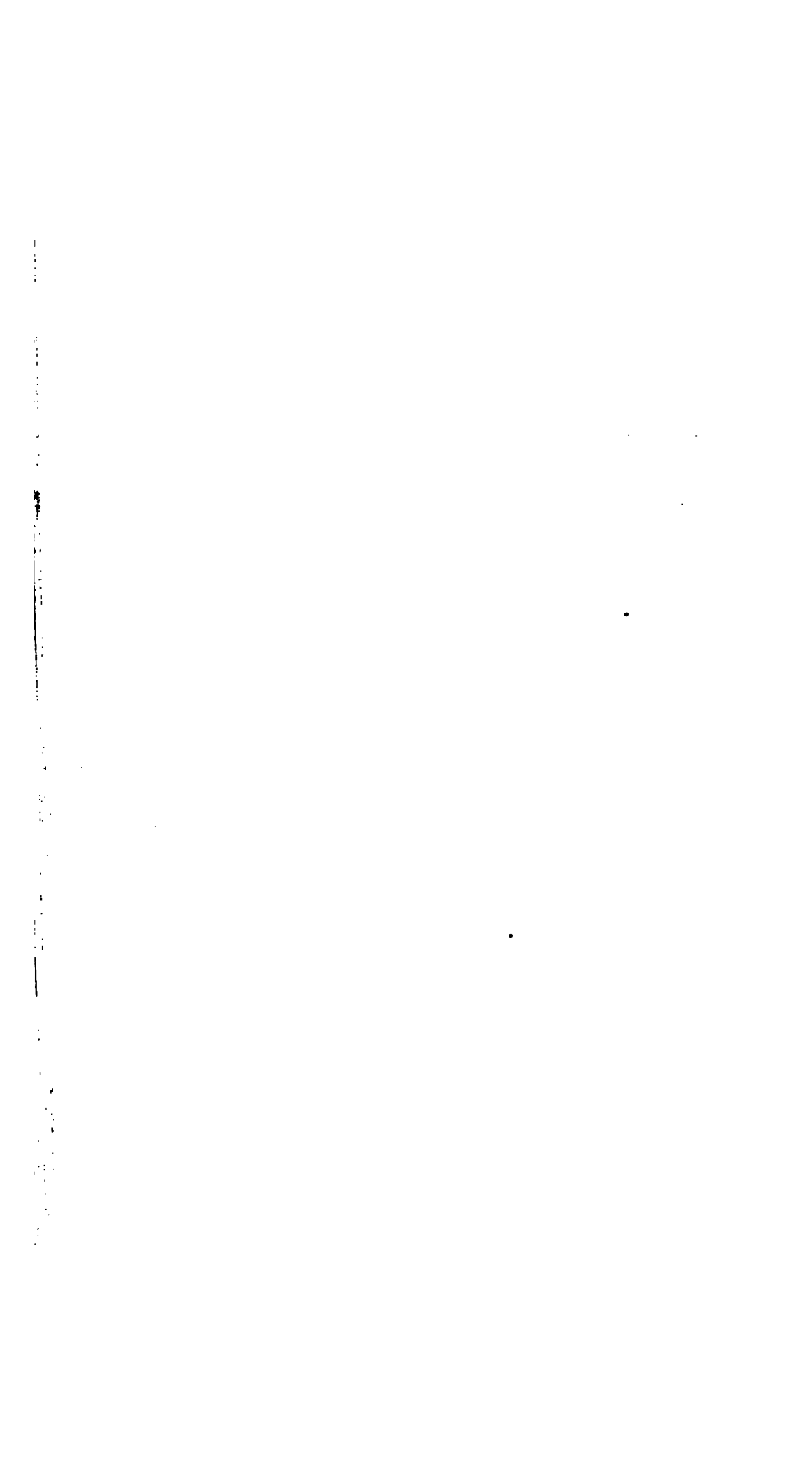
—Porque?

—Porque me hasde abandonar, e hasde fazel-o sem motivo que te absolva. Dantes me dizias que te não fazia medo o infortunio; desafiavas a desgraça a experimentar a tua dedicação. Tinhas valor, quando elle era desnecessario. Hoje, nem queres vêr se podemos descer devagar ao fundo do abysmo... atterras-te e precipitas-me comtigo!...

—Pois que heide eu fazer?! Diz-me o que heide eu fazer, Joaquina?—clamava elle com as mãos postas.

—Não sei... não sei...—murmurou ella anciadissima.—Quem me dera morrer, meu Deus!

—Uma idéa feliz!—exclamou Gaspar de Vasconcellos com vehemente vivacidade—Uma inspiração!... Nós podemos viver trabalhando; mas havemos de sahir

— Uma ideia feliz! exclamou Gaspar *(pag. 190)*

de Sevilha. Aqui, onde representamos e convivemos com as primeiras familias, não faremos rir o mundo com a mudança de vida; mas iremos para outra cidade. Eu ensinarei dança, e tu piano e canto. Luctemos, Joaquina; sejamos nobres aos olhos um do outro, com tanto que a sociedade ignore os nossos apellidos. Tens coragem?

—Tenho! disse ella com transporte.—Reanima-te, meu amor, que a tua enfermidade é o unico impedimento que nos atalha.

—Eu estou boa d'aqui a horas. Olha... não te parece que estou menos febril?! E terás tu valor para prova tão cruel, Gaspar? Poderás soffrer os dissabores da dependencia... tu!... affeito ás pompas, á representação, á liberdade!...

—Tenho. Vou dar esta boa nova ao nosso amigo Cunha. Deixo-te menos infeliz?...

—Deixas-me alegre, meu Ga par!... Vejo que és um homem d'alma!...

Francisco da Cunha escutou o plano, que o enthusiasta expendia com jubilos de bom coração. Sorriu-se e disse:

—E' mais um elo que a desgraça está forjando para a cadeia de duas nobres victimas. Não se illudam. A sr.ª D. Joaquina Eduarda ao quarto serviço que fizesse no solar d'alguma soberba hespanhola, e ao quarto menospreço que lhe fizessem os lacaios das educandas, preferia morrer. E o snr.? Pelo amor de Deus!... o homem que escreveu a seu pai um bilhete, cujo traslado eu vi, poderá tolerar que o pagem d'algum degenerado

neto de Gonçalo de Cordova lhe venha dizer que espere no pateo em quanto o aprendiz de dança não acorda ?! Não se enganem, meus desditosos amigos! . . .

Gaspar não replicou. Voltou com alma espedaçada ao leito de Joaquina Eduarda, e disse-lhe:

Francisco da Cunha despersuadia-me. Pensemos n'outro expediente.

XXII

NENHUM expediente de servir premiou a laboriosa imaginação de Gaspar de Vasconcellos. Todavia, Francisco da Cunha, que não cogitava menos que o seu deploravel amigo, sahiu com o seguinte alvitre, communicado a Gaspar, a occultas de Joaquina Eduarda.

— É bom, dizia o fidalgo, que ella o ignore emquanto o meu amigo se não resolve a pratical-o. Cumpre-lhe, no extremo em que está, romper por um acto extremo, sr. Gaspar. Seu pai está muito offendido: V. S.ª justificou a severidade d'elle, ultrajando-o; e desarmou as pessoas que lhe quizessem agora irrogar a elle demasia de severidade. Beneficios de medianeiros é loucura esperal-os. Terceiras pessoas não vingam obra proveitosa n'este caso. Resta um recurso: é ir o sr. Gaspar lançar-se aos pés de seu pai.

— Por motivos insignificantes, disse o môço, me quebrou elle nos braços uma bengala.

— E depois abraçou-o, e presou-o com mais ternura.

Que tem que elle lhe quebre outra bengala nos braços, com a condição de o remir d'esta má posição?

— E que espera V. Ex.ª de meu pai?

— Que o deixe esposar esta menina, e os acolha em sua companhia.

— Não viu que elle deu a casa a um sobrinho, e vai recolher-se a Tibães, e reserva o preço do meu captiveiro n'um convento?

— Esses designios vai o meu amigo destruir com a sua presença.

— Respeito o seu alvitre; mas espero d'elle mais um lance miseravel da minha infernal vida.

— Se eu tivesse alguma confiança no seu juiso, replicou o velho, desistia do meu projecto; porém, como não tenho nenhuma, insisto em que o tente.

— Cumprirei, se Joaquina o não contrariar.

— Minha mulher é que se encarrega de o propor á sr.ª D. Joaquina Eduarda. A menina vem ser da minha familia, em quanto o sr. Gaspar estiver ausente. Nós a distrahiremos com as esperanças que já se me antolham realisadas prosperamente. Além de que, na hypothese de que o sr. Pedro de Vasconcellos é rebelde ás suas supplicas, V. S.ª lança mão d'um recurso despresado. Commove seu optimo tio fr. João a que lhe dê ou lhe empreste recursos para concluir o seu curso juridico. Assim que o meu amigo obtiver o gráo, já póde ganhar pão mais ou menos abundante na patria. Se eu alguma hora lá tornar, e readquirir os amigos que tive, conte com a minha protecção para entrar na carreira da magistratura. Não se lhe

aclaram mais bonançosos os horisontes do futuro? Diga lá.

— Meu pai perseguir-me-ha em quanto eu não abandonar esta pobre menina.

— Não ouso aconselhal-o a que minta a seu pae — disse pausada e reflexivamente Francisco da Cunha — senão dir-lhe-ia que a sr.ª D. Joaquina Eduarda teria um talher entre os de minhas filhas em quanto V. S.ª carecesse de meios para sustental-a independente de seu pai.

— Beijo-lhe as mãos, meu honrado amigo — exclamou Gaspar, abraçando-o com a effusão do reconhecimento.

— Vai a Braga, não vai? — atalhou animosamente o fidalgo.

— Se Joaquina consentir...

A esposa de Francisco da Cunha passou a manhã do dia immediato com a enferma. Empregou habilmente rodeios que modificassem a impressão da surpresa. Joaquina ouviu-a primeiro com sobresalto, depois com uma serenidade mais dorida que a inquietação. Escutou as ultimas expressões, e disse:

— Elle vai; mas não volta aqui.

— Jesus! que idêa! — exclamou a dama. — A senhora tem receios muito injustos d'este cavalheiro!

— Não é d'elle que eu receio... é da fatalidade do meu destino. Mas que vá, que me diga, sem temor de magoar-me, que vai.

Entrou no quarto depois Gaspar de Vasconcellos, com os olhos humidos. Joaquina accercou-o de si, e disse-lhe:

— Vais fazer um enorme sacrificio: pões debaixo dos pés de teu pai o nosso pobre orgulho. Não importa. Se

tens força, eu a terei para soffrer em minha alma as dôres humilhantes da tua. Eu queria dizer-te que por amor de mim não te aviltasses até haveres pejo da tua quéda; mas temo magoar-te, Gaspar... temo, senão dizia-te: «se a tua felicidade está em me abandonares, abandona-me; obedece a teu pai».

— Vê que me apunhalas o coração! — interrompeu Gaspar, beijando-lhe as mãos.

— Então perdôa-me. Vai, e cumpre o que a tua alma te mandar... Mas eu fico doente, meu querido amigo; fico doente, e muito só n'este mundo... Tornarei eu a ver-te, Gaspar?... Terei eu morrido, quando voltares!?...

E, sentando se afflicta na cama, rompeu n'um chorar que lhe cortava os fios da vida.

E o consternado môço de joelhos sobre o leito, com a face d'ella estreitada ao seio, articulava umas vozes que os soluços entrecortavam.

O primeiro homem e a primeira mulher, que soffreram aquellas angustias, que perguntas fariam ao creador?

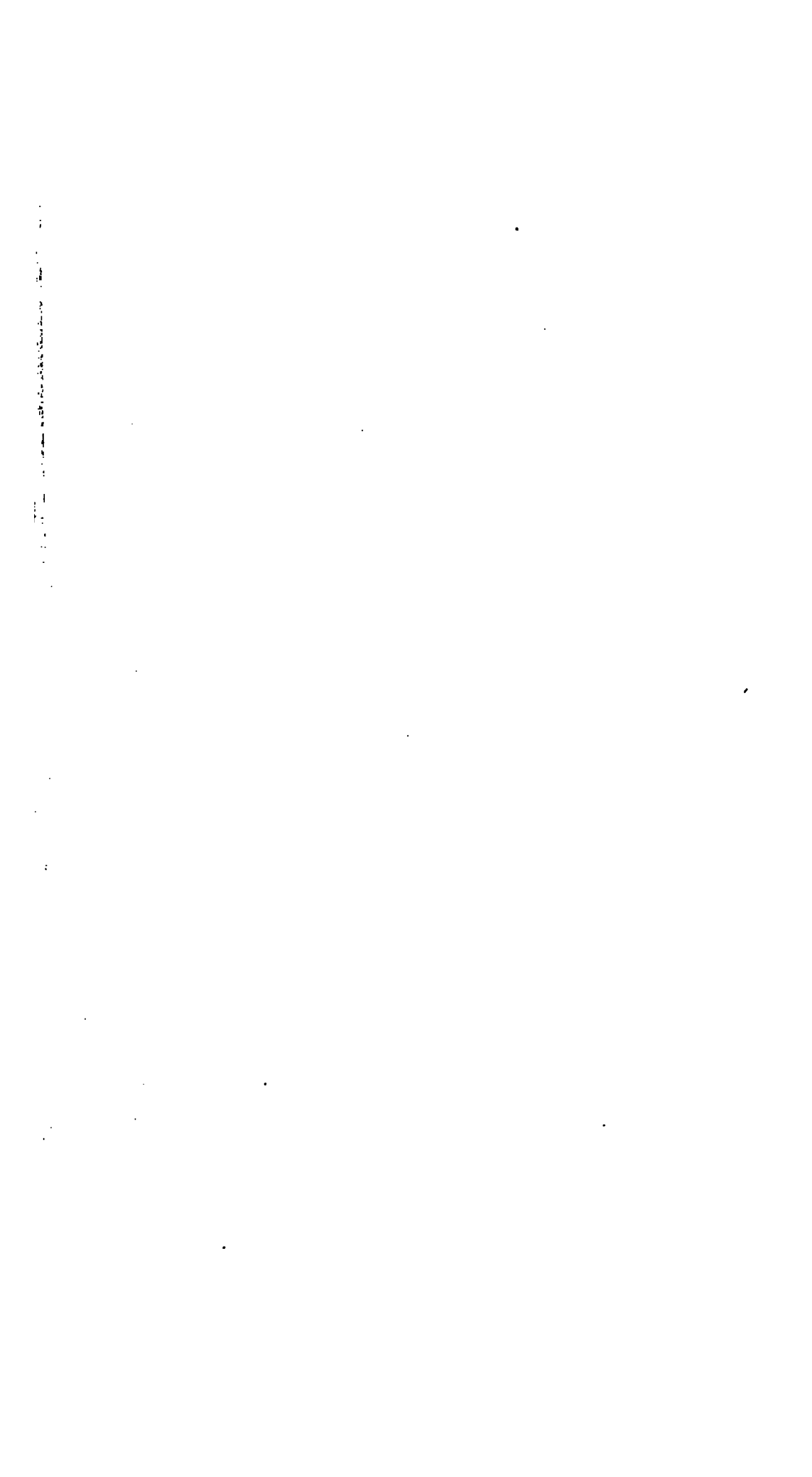
Provavelmente estas, que são d'um santo:

«Porque não morri eu dentro do ventre de minha mãe? Porque não pereci tanto que sahi d'elle?

«Porque foi concedida luz ao miseravel, e vida aos que estão em amargura de animo?

«Acaso tens tu olhos de carne? ou vês tu as cousas como os homens? *

* Job, Cap. III, v. 11 e 20. Cap. X, v. 4.

Gaspar abraçou-se-lhe nos joelhos... *pag. 199)*

XXIII

Chegou á portaria do convento de Tibães Gaspar de Vasconcellos, e perguntou por fr. João. O frade da portaria reconheceu-o, e disse-lhe:

— Seja bem vindo o filho prodigo.

— Queira vossa reverendissima chamar...

— Seu tio ou seu pai?

— Meu pai está aqui?! — exclamou Gaspar.

— Ha seis dias entrou para aliviar aos pés da cruz o fardo das angustias... Deus perdôe a quem lhe encheu a medida do soffrimento... Qual d'elles avisarei?

— Meu tio, se me faz o favor.

— Pois espere que vai abrir-se.

Sahiu o frade, e Gaspar entrou no pateo interior da portaria.

Passados minutos, desceu fr. João. Gaspar abraçou-se-lhe nos joelhos, sem desatar palavra dos labios convulsos.

O frade alevantou-o, e levou-o comsigo para a sua cella, silencioso como as imagens dos santos que pendiam em paineis nas paredes dos longos dormitorios.

Entrados á cella, disse fr. João:

— Já sabes que teu pai está aqui. As escripturas fizeram-se ha nove dias para o casamento de tua prima. Quando, porém, avisaram Paulina de que estava marcado o dia das bençãos, ella respondeu que não casava. Teu pai cobrou d'isto grandissimo desgosto, e para logo mandou preparar aqui a sua aposentadoria para o restante da vida. Encontras, pois, o pobre velho no acume das afflicções, que lhe preparaste. Agora diz-me tu se lhe trazes alguma nova dôr. Queres fallar-lhe? Elle ignora que estás aqui.

— E falla de mim? — perguntou Gaspar.

— Pouco e terrivelmente. Chama-te o azorrague da Providencia divina, o abutre que elle creou no coração para lh'o dilacerares fêbra a fêbra. Vê, pois, n'estas circumstancias, o que vens dizer a este moribundo.

— Venho pedir-lhe perdão — balbuciou Gaspar, trespassado do terror que as expressões e gestos do venerando monge incutiam.

— E depois?... Tu não vinhas aqui simplesmente pedir perdão a teu pai. Vens pedir-lhe recursos? Falla verdade, que a deves á amisade de teu tio.

— Sim, meu santo protector, eu venho pedir a meu pai perdão, recursos, e misericordia, porque a fome já bateu á minha porta.

— Que fizeste á irman de Sebastião Godim?

—Está em Sevilha.

— Recolhida?

— Em casa de Francisco da Cunha, d'aquelle nobre sujeito que escreveu a meu pai.

— Vens, por tanto, pedir recursos para voltar a Sevilha?

— Que hei-de eu fazer áquella desditosa senhora, meu tio?

— Não m'o perguntes, desgraçado. O que te eu direi é que não queiras vêr teu pai, se lhe não podes dar uma nova consoladora.

— Mas eu quero vêl-o, embora seja expulso de sua presença — exclamou Gaspar.

— Verás... Mas não sei se o previna, se o surprehenda. Espera aqui: eu vou ao quarto de teu pai.

Voltou, pouco depois, fr. João, e disse:

— Dorme.

— Poderei vêl-o? — acudiu Gaspar.

— Podes e até quero que elle, ao despertar, te veja.

Entraram pé ante pé na cella.

O velho dormia encostado a travesseiras altas socegadamente com os braços cruzados. Uma das mãos segurava umas folhas de papel manuscripto. Gaspar avisinhou-se subtilmente, e reconheceu a carta supplicante, a primeira que lhe escrevêra de Sevilha.

Foi de bom agouro este encontro.

Contemplou as cavadas feições do pai, que, em dois annos, tinham precocemente envelhecido. As alvissimas

barbas cobriam-lhe o peito. As costas das mãos descarnadas, com os tendões incorreados sobre os ossos, eram cadavericas. As lagrimas derivavam a quatro nas faces do filho. E a consciencia dizia-lhe: «O que tu fizeste de teu pai, e d'aquella mulher feliz e pura, e do irmão virtuoso e extremoso d'aquella mulher... e o que fizeste de ti, algoz de quatro existencias!»

Descerrou Pedro de Vasconcellos os olhos: encarou Gaspar; estremeceu; espancou da fronte a visão d'aquelle sonho; seguiu os menores gestos do irmão e do filho; viu este que ajoelhava, e o outro que estendia o braço e abria a mão sobre a cabeça do sobrinho.

—Que é?... que vejo eu?...—exclamou Pedro, sentando-se de salto na borda do leito.

—É o nosso Gaspar—disse com alegre sombra fr. João.

E Gaspar, approximando-se do pai, ia a tomar-lhe a mão.

O velho saltou ao pavimento, desviou-se, e recuou ao filho que o perseguia de joelhos.

—Alto ahi!—bradou o velho, alongando contra elle os braços.—Que quer este monstro? que vem aqui fazer este parricida?—Proseguiu Pedro, interrogando fr. João, e outros frades que tinham entrado, attrahidos pelos brados.

—Pedro!—disse o benedictino—Jesus Christo não repulsava assim os peccadores...

—Snr. Vasconcellos, pois que é isto?—Perguntava um dos monges, postando-se á direita do môço ajoelhado.

O velho saltou ao pavimento *(pag. 204)*

N'este trance de incomportavel angustia, entrou fr. João de Vasconcellos, dizendo:

— Lá deixei o dom abbade com teu pai. E' um santo varão que tem instincto do céu nas palavras que diz. Entretanto, conversemos, Gaspar. Ainda não percebi bem o teu intento n'esta vinda. Tu que queres, filho? Pensas em te reconciliar com teu pai?

— Pois decerto... se eu o conseguisse...

— Mas... essa senhora.. que parte ainda tem ou terá na tua vida? Falla-me verdade como a Deus: estás solteiro.

— Como a Deus, lhe juro que estou.

— E pensas em casar com ella?

— Se o pai m'o consentir...

— Ora ahi está! Justo seria que o consentisse; mas não falles em tal... Se teu pai te dissesse: «recolhe-te á minha casa de Braga; estás perdoado» que farias tu?

— Que faria eu?... que faria?... — repetiu Gaspar sem poder estremar resposta das confusas idêas.

— Sim: pergunto — insistiu o frade — se voltarias para Espanha, ou chamarias a tua desgraçada companheira para Portugal.

— Pois que poderia eu fazer senão uma d'essas cousas? — perguntou o môço afflictivamente.

— Em tal caso, a reconciliação seria de má fé por tua parte, e o odio depois recrudeceria. Dou-te um conselho, infeliz môço: vai-te nas boas horas: não caves mais na sepultura de teu pai.

— Mas eu careço de subsistencia! — bradou Gaspar

com ousadia que dão as torturas. — Tenho fome, tenho direito a pedir a este homem, que me deu o nascimento, que não me deixe morrer de fome e vergonha!

— Falla menos rijo, sobrinho — atalhou brandamente o frade. — Tu és réo, e assumes catadura de juiz. Humildade, humildade, se não está tudo entornado. Continuêmos a conversar placidamente: senta-te, e não chores. Guarda as lagrimas para melhor azo. Ora diz-me: essa senhora não está fatigada de ser infeliz? A Providencia ainda lhe não abalaria o animo para desandar d'este máo caminho em que de mãos dadas vocês se lançaram? Nunca te mostrou desejo de recolher-se n'um convento com a sua subsistencia segura, como tantas damas illustres hão feito, como o fez em nossos dias aquella sr.ª D. Marianna de Sousa, que houve dois filhos do infante D. Francisco, e morreu nas ruinas da sua cella de Sant'-Anna de Lisboa, quando foi do terramoto?

— Eu não sou o infante D. Francisco, meu tio — contrariou Gaspar. — Sou um homem igual em nascimento a D. Joaquina Eduarda Cazado Godim, e valho menos do que ella, porque não tenho appellido de mãe...

— Eu não estou debatendo genealogias, rapaz — retorquiu fr. João com apostolica serenidade. — O sabido é que não desistes de casar com ella...

— E' um dever, um preceito de Deus.

— E'. E mais te digo, filho, que se eu podesse remediar as tuas necessidades, dizia-te: «casa com a senhora a quem deves reparação.» Mas tu que já sabes minha pobresa fradesca, e por ventura saberás que devo o pou-

co com que te remediei as mais urgentes faltas, não é para mim que vens, é para teu pai. Em verdade te digo que não sei artes nem eloquencia com que possamos trazêl-o da braveza, em que o viste, aos teus interesses, e desejos, aliás louvaveis. Farei sentir ao prelado o teu intento; elle que se empenhe em tiral-o a limpo, que eu de mim não sei nem valho para tanto. Volto a teu pai, e depois aqui. Olha lá: queres tu jantar, homem?

— Não me falle em comer, meu tio.

— Tu comerás, filho. O estomago é despota entranha que protesta contra as paixões das outras.

XXIV

O dom abbade ordenou que fosses agasalhado na hospedaria do convento — disse fr. João, quando voltou. — O prelado quer que vás á sua casa. Vem comigo.

— Já sei o que vou ouvir, meu tio — observou Gaspar. — Venham todas as angustias! Vamos.

— Ouvirás, e farás o que intenderes. A ordem não é dominicana. Espero que te não ponham no potro da tortura... — redarguiu fr. João sorrindo, sem descompor a gravidade do aspeito.

Acolhido benignamente pelo dom abbade, que o conhecia desde menino, Gaspar beijando-lhe a mão, disse:

— Espero que V. reverendissima não esteja do lado dos meus inimigos.

— Quem são os teus inimigos, páteta? Anda para aqui, senta-te ahi, e conversa comigo emquanto fr. João vai para junto de teu pai. Vamos a saber: a desgraça apalpou-te deveras, não é verdade?

— Sou muito infeliz...

— Pois então basta de o ser. Entendes tu que a tua felicidade está em casar com a mulher que seduziste ou te seduziu? Responde.

— Devo fazêl-o...

— E queres fazêl-o?

— Certamente.

— Pois então eu me responsabiliso pela inteira indifferença de teu pai n'este casamento. Casa quando quizeres. Eu mesmo faço saber ao serenissimo D. Gaspar que teu pai não impede, nem quer saber que impedimentos possam existir. Se vieste ao conseguimento d'isto, venceste a demanda.

— Mas, snr. D. Theotonio... — balbuciou Gaspar.

— Que é, menino?

— Eu sou pobre como V. reverendissima sabe...

— E então?

— Esperava que meu pai se condoesse d'esta situação, e me désse as migalhas que lhe sobejam.

— São, por tanto, duas as pretensões com que vieste: licença para casar, e dinheiro para subsistir. É isto?

— Sim, senhor.

— O segundo requerimento é indeferido. Teu pae não te dá nada.

— Positivamente?

— Positivamente nada.

— Bem! — disse Gaspar erguendo-se de golpe. — Não tenho que fazer aqui. Desejava despedir-me de meu tio, e retirar-me.

— Senta-te.

— Gaspar hesitou: o dom abbade puchou-o pelo braço, e sentou-o.

— Teu pai não póde viver muito — continuou o prelado. — Engana-o, que eu absolvo-te, homem. Diz-lhe que esqueceste essa creatura, contemporisa em quanto elle vive; e, fallecido teu pai, casa, porque terás grandes haveres, com que premiar a dedicação e o sacrificio da senhora. Sacrificio digo, por que é mister que ella, no entanto, esteja recolhida em convento. Se lhe faltam meios, têl-os-has abundantes que lhe dês. Entras na administração dos bens de teu pae; sobejar-te-hão recursos com que a tenhas mimosa em convento de primeira ordem. Que me dizes?

— Mentirei a meu pai — respondeu sem espaçar meditações.

— E' a mentira louvavel, d'onde promanam tres boas acções: restauras a tal qual alegria de teu progenitor; sanas a chaga do remorso que te deve lavrar nas intranhas; e, dando desde já posição honesta á senhora que amas, asseguras-lhe um porvir honrado, considerado, e abundante dos bens da fortuna. Estás, pois, resolvido?

— Estou, snr. D. Theotonio; mas necessito que a vontade de minha pobre amiga se não revolte contra este alvitre.

— Se se revoltar, não te ama: quer perder-se e perder-te.

— Não é assim, perdoe-me V. reverendissima.

— E' assim, perdoe-me vossa toleima. E, se te quer

perder, tem tu dignidade que te salve. Escreve-lhe. Disse-me teu tio fr. João que está muito na vossa intimidade um honrado e sizudo fidalgo. Dá-lhe procuração para que elle corra lá com as despezas do raciocinio se fôr necessario convencêl-a em juiso de que o não tem.

— Respeite o infortunio, senhor! — clamou com fidalga altivez o môço. — As suas palavras são facetas de mais quando se tracta de uma mulher para cuja morte eu estou conjurando.

— A isso não respondo — redarguiu severamente o dom abbade.

— Mas perdôa — tornou brandamente Gaspar.

— Perdôo. Se eu podesse rir-me dos infelizes, não sahia da minha casa a negociar estas transacções que destoam do meu officio.

— O officio dos virtuosos é baixarem a todos os abysmos d'onde sahem gemidos — disse Gaspar, abraçando-o.

— Ámanhã espero conseguir que teu pai te receba. Gaspar, fita-me bem!... Olha que eu vou mentir áquelle ancião. Faz que Deus me não puna o crime, pondo tu a virtude nos effeitos d'elle... Vai para a cella de fr. João. Escreve. Tens o teu quarto na hospedaria. Até ámanhã.

Gaspar escreveu até noite alta.

———

XXV

Na vinda para Portugal, o saudoso viandante escrevera de todas as paragens a Joaquina Eduarda e a Francisco da Cunha.

Sem embargo da vehemencia amorosa das phrazes, Joaquina, de cada carta que lia, murmurava sempre:

—Elle não volta cá.

O fidalgo beirão argumentava com as rasões tiradas do contexto mesmo das cartas.

—Não volta cá!—recalcitrava a pobresinha, com os olhos de vidente cravados n'uma visão hórrida que lhe vasava n'alma as feses da desesperança, esta quinta-essencia dos tormentos dos condemnados. Raros dias se levantava do leito, onde a rodeavam as filhas de Francisco da Cunha. Joaquina, contemplando-as uma vez, disse:

—Que immensa caridade!... O poder da religião!... Como estes anjos de pureza se avisinham de mim... da mulher...

E sentiu-se como estrangulada.

As meninas Cunhas inclinaram-se-lhe sobre o seio, e enchugaram-lhe as lagrimas.

Contava ella os dias em que já podia ter a primeira carta de Braga. Chegaram duas muito volumosas. O prudente fidalgo leu primeiro a sua, e exultou. O plano de Gaspar, ideado pelo dom abbade, pareceu-lhe excellente. Era pensamento que elle, pouco mais ou menos, já tinha aventado. Correu alegre a entregar a Joaquina Eduarda, que n'esse dia se erguêra menos alquebrada, a sua carta.

Joaquina leu, e disse:

—Prophetisei! Não volta cá. Não me enganei, meu Deus, não me enganei!

Esta exclamação, com os braços estendidos ao céo, foi seguida d'um subito accesso de phrenesi.

E então bradava:

—Convento!... convento!... a esmola do convento!... Não quero! já disse que não quero!... Atira-se com uma mulher para dentro d'umas grades com uma ração de pão!... Para que? Para esquecêl-a!... Infame piedade!...

—Oh senhora!...—exclamou o velho, sahindo-lhe de frente nas voltas vertiginosas que ella dava.—Attenda-me, snr.ª D. Joaquina!...

—Eu sabia... sabia isto!—proseguiu ella, como surda e cega ás vozes e movimentos do espavorecido fidalgo.—São os costumes da fidalguia!... Fecham-se na clausura as mulheres que estorvam os planos da ri-

queza e da representação!... Isto é atroz!... Mas eu não aceito a morte de agonias mais prolongadas. Morrer é um instante. E, morrer sem o ferrete d'uma vil dependencia, é morrer nobremente, é morrer como elle, o ingrato, não póde viver!... Não lh'o disse eu, snr. Francisco da Cunha?... não lh'o disse eu?... O meu Gaspar não volta cá!...

E lançou-se ao seio do velho debulhada em lagrimas.

Francisco da Cunha expendeu convencido quantas rasões favoreciam o projecto de Gaspar. Leu-lhe a sua carta que, mais logica e concludentemente, esclarecia as vantagens de esperarem, pouquissimo tempo, uma felicidade segura. No tocante ao convento, dizia o môço que faria muito por que fosse Vairão, onde, todos os dias, se podiam trocar as cartas, e talvez fallarem-se.

Joaquina Eduarda, ouvidas com apparente serenidade a carta e commentarios do velho, disse com ar de zombaria:

—Tudo isso que ahi está escripto é uma miseravel embuscada á minha crença. Pois eu não dei direitos a ninguem de julgar-me nescia... Snr. Cunha, Gaspar respirou o ar da antiga liberdade, sentiu estremecer o coração ás reminiscencias da sua mocidade... vê-me aqui ás suas sôpas, meu bemfeitor, e tem piedade, e talvez sente o desaire de me deixar assim... No auge da sua magnanimidade, dá-me um convento, como Pedro de Vasconcellos dera ha vinte annos um convento á pobre seduzida, mãe d'aquelle filho. Aqui tem o exemplo

da virtude paternal! É o que é!... Mas eu não sou Maria Pereira: sou Joaquina Eduarda, filha de Fernão Cazado Godim!...

— Que deliramento, menina! — atalhou Francisco da Cunha. — Eu começo a duvidar da sua rasão!

— Não duvide, por quem é! — replicou a desvairada. — Eu só aceito a piedade dos meus. Vou escrever a meu irmão, a minha irman, a meu cunhado e a minha tia. Elles que se combinem todos para me darem uma enxerga e um caldo... Mas não! — bradou ella com exaltado exaspêro. — Não peço nada a ninguem, não quero nada de ninguem! Quero morrer, porque a minha vingança é morrer!...

As filhas e esposa de Francisco da Cunha seguravam-na n'aquelles impetos em que os cabellos lhe saíam arrancados entre os dedos. Consideravam-na já atacada de loucura, e ora faziam pé atraz de atemorisadas, ora com meiguices de muito amigas e impulsos de compaixão a tomavam nos braços. Ao cabo de infreniziado debater-se, Joaquina Eduarda cahia desfallecida para o seio d'ellas.

Esperavam as intermittencias do socêgo para lhe abrirem o intendimento ás rasões plausiveis de Gaspar. Pediam-lhe que animasse o seu extremoso amigo a não desistir do intento. Que não entrasse no convento, e vivesse em companhia d'ellas, até á hora em que a Providencia lhe recompensasse as dores da ausencia.

Joaquina beijava as faces e mãos das condoídas senhoras, e murmurava:

As filhas e esposa de Francisco da Cunha seguravam n'a . (pag 220)

—Não me demoro n'este mundo. A desgraça não hade gosar-se muito tempo da sua victima. Resignam-se com o abandono as infelizes que perderam pouco; mas eu perdi meu irmão... aquelle santo!... Que escura vida lhe deixei!... Em que desamparo!... Lá está amortalhado no convento, d'onde vê as janellas da casa onde nascemos. Vê a varanda em que nosso pai se assentava olhando sobre o mar, contando das suas batalhas aos amigos e aos filhos. Vê de lá a gelosia do quarto em que elle expirou. Fui eu que o fechei alli n'aquelle sepulcro ao meu pobre Sebastião... E porque, meu Deus? porque me perdi eu assim!...

A pertinaz surdez de Joaquina Eduarda a reflexões e alivios seria motivo de enfado para Francisco da Cunha, se n'elle o condoimento não excedesse a pauta ordinaria da commiseração.

XXVI

VOLTEMOS ao mosteiro de S. Martinho.

Gaspar de Vasconcellos atirara-se vestido sobre o cátre ao romper da manhã, pontualmente quando os proverbiaes sinos de Tibães principiavam a dobrar a finados. N'aquella noite passára d'esta vida um monge.

Triste alvorada aquella! O coração em trevas, o espirito quebrantado da prostração corporal, e aquelle pungentissimo ulular do bronze, e a toada lugubre dos monges no sahimento ao longo dos dormitorios!

Gaspar abriu a janella da sua alcova, e sorveu ar com o peito em arquejos, como se o ambiente do quarto lhe empestasse os pulmões. O céo estava nubloso, e o vento suão regelava-lhe as faces, sem lhe refrigerar o ardor da cabeça. A hospedaria tinha sahida para a cêrca, e lá pelas clareiras do arvoredo se tinham passado alegres dias da meninice de Gaspar, quando o tio o levára a estudar humanidades n'aquelle colmeal de sciencias. O

môço discorreu por entre as arvores, sem attentar nos logares conhecidos, ou fugindo-os instinctivamente. Figurava-se-lhe desterro, e paradeiro de condemnados aquelle ermo contemplativo do qual fr. Bartholomeu dos Martyres dizia que alli era o logar de respirar e beber vida, louvando o creador de tudo.

O creador, n'aquella hora, para Gaspar de Vasconcellos, era um principio de ironia barbara, um arbitro de caprichosa flagellação.

Já o frio lhe coava aos ossos. Era de dezembro a manhã, e o vento ramalhava nos esgalhos desfolhados da mata. Fr. João entrára de manso á casa hospedeira, para não despertar o sobrinho. Como o não visse, mandou-o procurar na cêrca. Encontraram-no tiritando e encolhido no ôco de uma arvore, onde, vinte annos depois, Francisco Justiniano Saraiva, que o leitor melhor conhece por fr. Francisco de S. Luiz, ministro, patriarcha, e cardeal, se comprasia de sestiar nas tardes de Julho. Emerso do seu turpor, Gaspar foi conduzido á cella do tio, que se espantou do rosto macerado do môço.

—Que olhar é esse, Gaspar?! Não dormiste?—perguntou o frade.

—Não dormi... Quem adormeceu docemente foi o frade que está sobre a terra... Tomára eu tambem cahir n'aquelle somno...

—Pois eu não, rapaz—disse fr. João—apesar da monotonia da minha já muito comprida vigilia em redor das lages da claustra... Já fui saber de teu pai: encontrei lá o dom abbade; deixei-os ficar. O semblante do

Encontraram-n'o tiritando e encolhido .. (*pag 224*)

môço discorreu por entre as arvores, sem attentar nos logares conhecidos, ou fugindo-os instinctivamente. Figurava-se-lhe desterro, e paradeiro de condemnados aquelle ermo contemplativo do qual fr. Bartholomeu dos Martyres dizia que alli era o logar de respirar e beber vida, louvando o creador de tudo.

O creador, n'aquella hora, para Gaspar de Vasconcellos, era um principio de ironia barbara, um arbitro de caprichosa flagellação.

Já o frio lhe coava aos ossos. Era de dezembro a manhã, e o vento ramalhava nos esgalhos desfolhados da mata. Fr. João entrára de manso á casa hospedeira, para não despertar o sobrinho. Como o não visse, mandou-o procurar na cêrca. Encontraram-no tiritando e encolhido no ôco de uma arvore, onde, vinte annos depois, Francisco Justiniano Saraiva, que o leitor melhor conhece por fr. Francisco de S. Luiz, ministro, patriarcha, e cardeal, se comprasia de sestiar nas tardes de Julho. Emerso do seu turpor, Gaspar foi conduzido á cella do tio, que se espantou do rosto macerado do môço.

—Que olhar é esse, Gaspar?! Não dormiste?—perguntou o frade.

—Não dormi... Quem adormeceu docemente foi o frade que está sobre a terra... Tomára eu tambem cahir n'aquelle somno...

—Pois eu não, rapaz—disse fr. João—apesar da monotonia da minha já muito comprida vigilia em redor das lages da claustra... Já fui saber de teu pai: encontrei lá o dom abbade; deixei-os ficar. O semblante do

Encontraram-n'o tiritando e encolhido .. *(pag 224)*

môço discorreu por entre as arvores, sem attentar nos logares conhecidos, ou fugindo-os instinctivamente. Figurava-se-lhe desterro, e paradeiro de condemnados aquelle ermo contemplativo do qual fr. Bartholomeu dos Martyres dizia que alli era o logar de respirar e beber vida, louvando o creador de tudo.

O creador, n'aquella hora, para Gaspar de Vasconcellos, era um principio de ironia barbara, um arbitro de caprichosa flagellação.

Já o frio lhe coava aos ossos. Era de dezembro a manhã, e o vento ramalhava nos esgalhos desfolhados da mata. Fr. João entrára de manso á casa hospedeira, para não despertar o sobrinho. Como o não visse, mandou-o procurar na cêrca. Encontraram-no tiritando e encolhido no ôco de uma arvore, onde, vinte annos depois, Francisco Justiniano Saraiva, que o leitor melhor conhece por fr. Francisco de S. Luiz, ministro, patriarcha, e cardeal, se comprasia de sestiar nas tardes de Julho. Emerso do seu turpor, Gaspar foi conduzido á cella do tio, que se espantou do rosto macerado do môço.

—Que olhar é esse, Gaspar?! Não dormiste?—perguntou o frade.

—Não dormi... Quem adormeceu docemente foi o frade que está sobre a terra... Tomára eu tambem cahir n'aquelle somno...

—Pois eu não, rapaz—disse fr. João—apesar da monotonia da minha já muito comprida vigilia em redor das lages da claustra... Já fui saber de teu pai: encontrei lá o dom abbade; deixei-os ficar. O semblante do

Encontraram-n'o tiritando e encolhido .. (*pag 224*)

môço discorreu por entre as arvores, sem attentar nos logares conhecidos, ou fugindo-os instinctivamente. Figurava-se-lhe desterro, e paradeiro de condemnados aquelle ermo contemplativo do qual fr. Bartholomeu dos Martyres dizia que alli era o logar de respirar e beber vida, louvando o creador de tudo.

O creador, n'aquella hora, para Gaspar de Vasconcellos, era um principio de ironia barbara, um arbitro de caprichosa flagellação.

Já o frio lhe coava aos ossos. Era de dezembro a manhã, e o vento ramalhava nos esgalhos desfolhados da mata. Fr. João entrára de manso á casa hospedeira, para não despertar o sobrinho. Como o não visse, mandou-o procurar na cêrca. Encontraram-no tiritando e encolhido no ôco de uma arvore, onde, vinte annos depois, Francisco Justiniano Saraiva, que o leitor melhor conhece por fr. Francisco de S. Luiz, ministro, patriarcha, e cardeal, se comprasia de sestiar nas tardes de Julho. Emerso do seu turpor, Gaspar foi conduzido á cella do tio, que se espantou do rosto macerado do môço.

—Que olhar é esse, Gaspar?! Não dormiste?—perguntou o frade.

—Não dormi... Quem adormeceu docemente foi o frade que está sobre a terra... Tomára eu tambem cahir n'aquelle somno...

—Pois eu não, rapaz—disse fr. João—apesar da monotonia da minha já muito comprida vigilia em redor das lages da claustra... Já fui saber de teu pai: encontrei lá o dom abbade; deixei-os ficar. O semblante do

Encontraram-n'o tiritando e encolhido .. (*pag 224*)

môço discorreu por entre as arvores, sem attentar nos logares conhecidos, ou fugindo-os instinctivamente. Figurava-se-lhe desterro, e paradeiro de condemnados aquelle ermo contemplativo do qual fr. Bartholomeu dos Martyres dizia que alli era o logar de respirar e beber vida, louvando o creador de tudo.

O creador, n'aquella hora, para Gaspar de Vasconcellos, era um principio de ironia barbara, um arbitro de caprichosa flagellação.

Já o frio lhe coava aos ossos. Era de dezembro a manhã, e o vento ramalhava nos esgalhos desfolhados da mata. Fr. João entrára de manso á casa hospedeira, para não despertar o sobrinho. Como o não visse, mandou-o procurar na cêrca. Encontraram-no tiritando e encolhido no ôco de uma arvore, onde, vinte annos depois, Francisco Justiniano Saraiva, que o leitor melhor conhece por fr. Francisco de S. Luiz, ministro, patriarcha, e cardeal, se comprasia de sestiar nas tardes de Julho. Emerso do seu turpor, Gaspar foi conduzido á cella do tio, que se espantou do rosto macerado do môço.

—Que olhar é esse, Gaspar?! Não dormiste?—perguntou o frade.

—Não dormi... Quem adormeceu docemente foi o frade que está sobre a terra... Tomára eu tambem cahir n'aquelle somno...

—Pois eu não, rapaz—disse fr. João—apesar da monotonia da minha já muito comprida vigilia em redor das lages da claustra... Já fui saber de teu pai: encontrei lá o dom abbade; deixei-os ficar. O semblante do

Encontraram-n'o tiritando e encolhido .. (*pag 224*)

teu juiz pareceu-me de bom agouro. A nossa batalha é apagar o feixe de raios que tu accendeste com aquella maldita carta!... Que demonio te inspirou aquillo?... Abriste a ferro o coração do velho, e verteste-lhe a peçonha do remorso na chaga! Para que lhe fallaste de tua mãe, cuja morte elle tanto chorou, e por tanto chorar te amava a ti como doudo!? Valha-te Deus!... Aquillo não se escrevia a um ancião de setenta annos, que muitas vezes acordava lavado em lagrimas, de sonhar com tua mãe, seu affecto unico n'este mundo!...

—E, ainda assim, não me perfilhou!... —interrompeu Gaspar.

—E não sabes porque, homem? Eu t'o digo: não foi a philaucia do nascimento nem a transmissão dos vinculos que motivou essa apparente desconsideração para comtigo. Foi persuadir-se teu pai que, não te legitimando, te dominava mais e tinha debaixo da mão, e assim evitava que a tua mocidade se desbaratasse em paixões ruinosas da alma e remordentes da consciencia na velhice. Esta foi a mal pensada precaução de teu pai. Oh! tu não sabes como elle te quiz e quer! Poupa este resto de vida ao lastimavel velho. Não sacrifiques tudo á mulher, que amas; dá a teu pai um pouquinho do teu coração. Ella é nova, e elle está á beira da sepultura. Essa senhora que espere, em quanto o ancião se encosta ao teu seio filial!

Os olhos de fr. João reviam lagrimas. Gaspar não chorava; mas o abalo interno impellia-o a ajoelhar com sincera dôr diante do pai. Joaquina Eduarda figurava-se-

lhe victima muitissimo menos credora de lastima, defrontada com o velho, em fins de vida, sem hora de contentamento, esperando a morte debaixo d'aquellas abobadas, cercado de homens já amortalhados. N'estas cogitações, afervoradas pelo dizer pungente de fr. João, o encontrou o recado do dom abbade que o chamava ao quarto do snr. Pedro de Vasconcellos.

— Optimo! — exclamou o frade contentissimo. — Optimo! Viva a natureza e o dom abbade que fizeram o milagre! Vamos, Gaspar.

Abeirou-se o môço do leito do pai, que o fitava serenamente. Ajoelhou, beijou-lhe a mão, e balbuciou muito commovido:

— Meu pae, se póde perdoar-me...

— Posso — disse o velho. — O que eu não posso é padecer por mais tempo. Se vens assistir ao meu trespasse com pena d'este cadaver que estás vendo, o Senhor te abençôe; se me reservas mais outro golpe, Deus te leve para longe da minha agonia.

— Juro-lhe, meu querido pai, que serei digno do seu perdão! exclamou sentida e conscienciosamente Gaspar.

— Sobre este Christo! — disse solemnemente fr. João tomando o crucifixo do oratorio.

— Juro! — proferiu Gaspar, pondo a mão sobre a imagem.

E, n'este lance, a imagem de Joaquina Eduarda figurou-se-lhe ao lado da imagem do Salvador. Foi visão que lhe traspassou o seio, e nublou de negro a vista.

— Ajudai-me a vestir — disse Pedro de Vasconcellos.

Sahiu do leito, sentou-se anciado, e chamou para junto d'elle o filho, que o abraçou pela cintura, ajoelhando-se. O velho inclinou o rosto á fronte do filho, e chorou.

Assomou o dom abbade com mesurado e solemne passo, e disse:

— Ireis hoje para vossa casa, meus amigos. Já mandei apparelhar a minha carruagem. Não vos quero hoje aqui, porque é dia triste; os responsorios e os sinos é coisa importuna em Tibães. Lá para a primavera vinde aqui passar uma temporada, se quizerdes, com vosso irmão e tio, e com toda esta fradaria que vos presa. Toca a vestir, snr. Pedro de Vasconcellos, que vai o almoço para a meza.

XXVII

Recolhidos á casa de Braga, ao segundo dia da festejada reconciliação, Pedro de Vasconcellos fallou ao filho d'esta fórma:

— Gaspar, eu sei que a irman de Sebastião Godim está em Sevilha, favorecida pelo expatriado Francisco da Cunha, cujas virtudes admiro. Não approvo que essa senhora continue a viver na dependencia d'um estranho. O dom abbade disse-me que ella, aconselhada por ti, se recolheria n'um convento de Espanha ou de Portugal. Deixo á tua escolha o convento, com tanto que não seja em Braga. Dirás o dinheiro que queres remetter a Francisco da Cunha para assegurar boa casa e tença abundante a essa senhora.

— Não tenho a certeza, meu pai, de que ella aceite a proposta do convento — disse Gaspar.

— Mal faz, se a regeita — volveu o velho. — E, regeitando-a, que farás tu?

— Não posso responder-lhe, meu pai... Farei o que a sua boa alma me disser que faça. Esperemos a resposta.

A resposta de Joaquina Eduarda eram quatro linhas incluidas na longa carta do fidalgo beirão. Diziam:

«Agradeço a piedade dos teus. Não entro na clausu-«ra. Não tenho coração que dar a Deus. Como não sou «estorvo á felicidade de ninguem, deixem-me chorar li-«vremente fóra de ferros, e esqueçam-me. A mim, para «te esquecer, basta-me a separação d'uma pedra, que é «a porta da eternidade. Adeus, Gaspar.»

Alguns periodos da carta de Francisco da Cunha explicavam o laconismo acre de Joaquina. Resavam assim:

«... A primeira impressão da sua judiciosa proposta «foi irritante; nem podia ser outra. O tempo e a refle-«xão espero eu que suavisem o espirito da snr.ª D. Joa-«quina Eduarda. Não cesso de aproveitar o ensejo de «advogar a causa de ambos. No proximo correio póde «ser que eu lhe dê melhores novas. Não desanime V. S.ª «no seu salutar projecto. Eu não vejo caminho mais des-«abafado por onde fujam d'esta angustiada situação.

«A snr.ª D. Joaquina, a meu vêr, escreve-lhe palavras «afflictivas. Tenha paciencia: desconte-as na vehemen-«cia da paixão, e espere que os ventos caiam, e o cora-«ção acalme.

«Faz-me grande dó vel-a tão alquebrada de côres, e «recolhida n'um scismar que d'antes lhe não via; isto, «porém, é dôr passageira. As minhas filhas promettem «arrancal-a da tristeza.

«Hoje tive animadoras noticias de Lisboa. O mar-«quez de Pombal mostra-se inclinado a ouvir os defen-«sores da minha innocencia. Se os acreditar, mandará

«levantar o sequestro dos meus bens. Acontecendo isto, «pedir-lhe-hei ao meu amigo que escolha o convento em «Vizeu, porque a sr.ª D. Joaquina será alli frequente«mente visitada por minha familia. Se assim tivesse «acontecido, V. S.ª e ella teriam em minha casa, depois «de legitimarem a sua união, logar de filhos...»

Gaspar mostrou lealmente as duas cartas ao pai. Leu Pedro de Vasconcellos as linhas de D. Joaquina Eduarda, e disse:

— E' caprichosa esta menina!... As mulheres que devéras amam costumam sacrificar-se mais. Pouco ou nada se lhe dava a ella que a pobreza e a ignominia te despenhassem!

Gaspar não proferiu um monossilabo.

D'ahi a pouco, o velho, que estivera lendo reflectidamente a carta, continuou:

—Eram muito mais sinceras as minhas lagrimas e saudades, filho!... Que tom de orgulho!... *Como não sou estorvo á felicidade de ninguem, deixem-me chorar livremente fóra de ferros, e esqueçam-me.* Digna de ser esquecida é a mulher que prefere chorar onde a vejam... fóra de ferros. Que amor tão avaro da paz, da honra, da felicidade do homem amado!...

E o moço não contradizia nem com o gesto ás reflexões algum tanto injustas do pai.

Leu Vasconcellos a carta do expatriado, e confirmou o bom conceito que o fidalgo lhe merecia, lastimando não obstante que um pai de familia, protegendo tão affetuosamente uma menina fugitiva com um filho desobe-

diente, estivesse dando um ruim exemplo de tolerancia a suas filhas.

Já Gaspar ouvia desagradavelmente as considerações do velho, bem que proferidas com brandura e delicadesa, como se desconfiasse da cura radical do filho.

Passaram alguns dias sem notavel successo. Veio nova carta de Sevilha, volvida uma semana. Francisco da Cunha lastimava-se de não poder arrancar Joaquina da solidão do seu quarto, e receava desmancho no juiso da pobre senhora. Referia alguns dizeres disparatados d'ella, e accessos de raiva contra as proprias meninas que a rodeavam de caricias e disvelos, descahindo depois da exaltação em ternuras e chôro, pedindo de mãos postas que lhe perdoassem.

Gaspar não mostrou esta carta ao pai. Assaltaram-no ancias de fugir para Sevilha. Chegou a meditar no furto de porção grande de dobroens, que deviam existir nos contadores do velho.

Subjugou-lhe a reflexão os impetos, a reflexão que já póde subjugar corações apoz dois annos de amor e de infortunio. Cogitou em lançar-se aos pés do pai, supplicando-lhe licença para casar com Joaquina Eduarda. Foi a Tibães, e confessou ao tio o seu intento. Fr. João levou-o ao quarto onde estivera o pai, tirou o crucifixo do santuario, e disse-lhe:

—Juraste sobre este Christo!

—Qual Christo?—bradou blasphemando Gaspar. —Não ha Deus! Este horror da minha vida é a negação da Providencia!...

Fr. João poz-lhe a mão na bocca, e disse com solemnidade magestosa, realçada pelo habito:

—Essas impiedades nunca sahiram de bocca de homem debaixo d'estas abobadas! Cala, cala, miseravel, que és o mais eloquente testemunho de que ha Deus! Cuspiste nas cans de teu pai, perdeste uma mulher, envenenaste a vida inteira do irmão d'essa mulher... e querias ser feliz? Ha Deus, ha Deus, blasphemo! verme insultador! atomo de lama que ousas chegar á face do Altissimo! Ajoelha, covarde nos infortunios que voltaste contra ti, ajoelha, e immudece a lingua impia! Resistes? não te prostras, alma embrutecida por paixões baixas? Eu peço a Deus que se digne perdoar-te!

E ajoelhou fr. João com o Christo nas mãos, e os labios inclinados sobre a face ensanguentada da divina imagem.

Bagas de suor frio ressumbravam do rosto de Gaspar.

Foram cinco pavorosos minutos de sua vida aquelles!

O môço achegou-se do tio, e quiz levantal-o nos braços. Parecia extasis o olhar comtemplativo do monge no rosto de Jesus. Não cedeu ao impulso, nem aos rogos. Gaspar retrahiu-se um pouco transido de religioso terror. Passados minutos, ergue-se o frade, e disse:

— Eu pedi a Jesus redemptor que te resgatasse d'esse captiveiro da alma, ou t'a separasse do corpo que t'a quer perder.

— Não, meu tio! — exclamou Gaspar. — Eu quero salval-a! quero honrar a mulher que perdi...

— Mas matas teu pai...

— A responsabilidade d'esse delicto involuntario não me faria réo diante do tribunal divino.

— Então os parricidas são laureados no reino da gloria? E os trangressores dos juramentos podem jámais nobilitar-se n'este mundo?

A argumentação do monge claudicava n'estas duas interrogações enfaticas. Fr. João era mais sublime na oração que admiravel na dialectica.

XXVIII

O dom abbade, ouvindo ler as cartas vindas de Sevilha, aconselhou friamente, obrigando o môço ao cumprimento da sua palavra. Presava-se elle de conhecer bastante o coração dos homens, e alguma cousa o coração das mulheres; rasão de ter entrado no mosteiro aos trinta annos, para não vêr mais no mundo uma perfida alma que vestia peregrinas fórmas, e fizera barato d'ellas ás seducções d'outro homem.

Claro é que o sexo das delicias e das perfidias não podia contar com um estrenuo defensor na pessoa monastica e avelhentada de D. Theotonio Moniz Barreto. Mulheres mortas de paixão, dizia elle que não conhecia nenhuma, tendo vivido dez annos na côrte e na roda mais susceptivel de morrer d'amores por não ter objecto serio para distracção. «Que esta doudice dos amores — dizia elle, citando Sá de Miranda — nasce da ociosidade e n'ella se mantém.»

— Olha, Gaspar amigo — continuava o dom abbade, sacudindo a piparotes o tabaco da manga. — Eu entrei aqui n'este mosteiro com uma cara de inforcado ao sahir

do oratorio. Cuidei e todos cuidaram que vinha largar quatro ossos que trazia a carregarem-me sobre a alma. Os primeiros quinze dias passei-os a caldos temperados com lagrimas. Ao cabo do primeiro mez, em vez das lagrimas, tomava a galinha com o caldo. No fim de tres mezes fez-se-me uma pelle nova e elastica, ao ponto de se me avolumar esta barriga, que vês, no fim do noviciado. Quando professei, rapaz, vivia tão alegre que a minha vontade era subir ao minarete da torre, e gritar de lá *urbi et orbi* que se fizesse toda a gente frade bento se queria ser feliz. Dir-te-hei mais que eu era litteralmente um asno. Fazia versos á imitação dos do padre Chagas de infausta memoria como poeta, e de eterna veneração como santo. Diliciava-me de o ouvir encarecer o pé d'uma mulher com aquelles versinhos, que eu achava invejaveis e bastantes a crear a reputação d'um Camões epico de pés pequenos. Olha que ainda me recordo!... Por mais que tenhas dito d'um pequenino pé, hasde ficar envergonhado d'isto:

> *Instante de jasmim, conceito breve,*
> *Átomo de assucena presumido,*
> . . . .
> *Suspeita de crystal, susto de neve.* [1]

[1] Declara-se em honra do varatojano Antonio das Chagas que estes e outros versos escreveu elle, quando se chamava Antonio da Fonseca, e apalpava *as suspeitas do crystal*, e não tinha ainda lido a vida de St.ª Gertrudes, que lhe alumiou algum tanto o espirito escurentado pelos galhardos vicios do capitão de cavallos, com seus *fumos de Marte*, como diz o seu biographo Manoel Godinho.

Já chamaste a um pé *suspeita de crystal?* e *susto de neve?* e *instante de jasmim?* Pois eu, meu homem, sou do tempo em que se amavam mulheres que tinham assim os pés, e pude esquecêl-as todas, e correr-me de pejo das parvoiçadas que escrevi talhadas por estes moldes da *Fenix renascida*. Cheguei aqui abarrotado de estupidez, e encontrei grandes lettrados, sabios herdeiros dos thesouros do grande seculo de D. Manoel e João 3.º Comecei a estudar as sciencias desde o alphabeto; e, se não vinguei dar pela barba aos mestres, consegui renovar o coração em amor á sabedoria, e olhar do outeirinho onde se alteou a minha alma instruida para as mesquinharias que deixei lá em baixo na lama dos caminhos trilhados pelo commum dos homens. Não vás tu cuidar, môço, que eu te estou convidando a ser frade. Em tempo aconselhei teu pai a que te deixasse crear e crescer muito entre nós, a vêr se te affeiçoavas a estes costumes; porém, assim que te demos prompto de humanidades, parecias melro de bico amarello que pilhou a porta da gaiola aberta. Bom foi que te revelasses a tempo, e máo foi que o tributo ao mundo tão cedo e usurariamente o recebesse o desengano!... Ora pois, meu Gaspar, isto redunda em dizer que a snr.ª D. Joaquina não morre de saudade. E' a minha opinião. Se tão cedo recomeças a mortificar teu pai com lastimas, eu não te quero vêr mais, porque és máo homem, e mentiste-me. Não sei que mais te diga, a não ser que esperes, e cuides em procurar alguma diversão. Tens tu livros? Vai á bibliotheca, e escolhe por lá. Sobre receitas para curar o amor relê o

Ovidio, que é cathedratico na materia, e o bispo Guevara que cita em abono das suas optimas doutrinas Samocracio e Nigidio, que não escreveram nada, que se conheça. Se queres consultar os casos funestos do amor, estuda Hercules e Mitrida, Meneláo e Dorta, Pirro e Helena, Alcibiades e Dorbeta, Demofonte e Philis, Annibal e Sabina, Roderico e Florinda, Antonio e Cleopatra, Gaspar de Vasconcellos e Joaquina Eduarda. Emfim, menino, *disce puer*. Estuda nos livros, e em ti. E, se ainda te lembra o teu Virgilio, applica ás mulheres o que o mantuano diz dos ramos da arvore consagrada á Juno infernal: *Primo avulso non deficit alter*.

Gaspar sorriu-se, e disse:

— Obrigado a V. reverendissima, snr. D. Theotonio. Se não vou feliz da presença de V. reverendissima, vou instruido!

— Então vmc. joga-me ironias, seu ingrato! — acudiu de boa sombra o prelado. Ora venha merendar comigo e com seu tio fr. João na minha cella.

— Graças, snr. dom abbade. Meu pai espera-me com o jantar. Eu perdi o habito de merendar em janeiro.

— Isso é epigramma ao estomago dos frades? — tornou o jovial D. Theotonio. — Pois vai com Deus, e volta com santa Maria, quando quizeres... Agora muito serio: juiso!...

Seguiram-se-lhe ao desamparado môço dias de abafadora tristeza, e noites de cruelissima insomnia. Difficil lhe era já trasladar ao papel as negruras da alma. Era um atormentar-se que lhe infernava todas as horas, e nem

sequer lhe deixava uma com o preciso socego para escrever. As noites, sobretudo, eram-lhe incomportaveis, as noites infinitas, no seu quarto, sem voz humana que piedosamente lhe abrisse d'alma torrentes de lagrimas, o sangue d'ella! Ouvia, apenas, no quarto proximo, o suspirar e gemer do pai, que tambem velava as noites, como todos os velhos, e mormente os tristes, que parecem estar esperando alvoraçados o arraiar do dia eterno. Nas vigilias de Pedro de Vasconcelos era grande parte o vêr elle augmentar-se a tristeza do filho, o refugiar-se nas solidões da casa, e desmedrar cada dia a olhos vistos, passando alguns em que nem de leve provava alimentos.

E compadecia-se.

Mas não tinha o céo um anjo que baixasse ao coração d'aquelle homem? Não seria de Deus o toque, a inspiração que o levasse a dizer ao filho: «dá-me essa pobre menina como filha! Vai trazel-a, como sol da tua alma, ás trevas d'esta casa e d'este viver! Que eu não morra, sem que vos veja a estudar no meu rosto a alegria reflectida da vossa, a consciencia radiosa da felicidade que vos dei!»

Não: o anjo não desceu. Aquelle homem devia contas a Deus, e precisava do supplicio de duas creaturas para saldal-as. A expiação d'um que delinquiu arrasta victimas, que o exemplo despenhou. Altos segredos!

XXIX

Joaquina Eduarda recebia cartas breves, mas successivas. Transluzia n'ellas froixa luz de esperança, porque, em verdade, no sentimento de Gaspar pouquinha luz vasquejava. A morte do pai era um lampejo que, a intercadencias, lhe alumiava futuros. Mas moderadamente exultava o môço ao vêl-os a tão incerto e rapido clarão. Ja se lhe haviam esfriado n'alma os enthusiasmos. Quebrara-o a desgraça, e póde ser que tambem a insoffrida, unica e injusta carta de Joaquina. O infortunio não vingára totalmente acalcanhar-lhe o orgulho, que a desconsideração da infeliz lhe ferira. Não obstante, escrevia-lhe com a verdade e angustia da saudade e do remorso.

As suspeitas de Francisco da Cunha eram acertadas. Joaquina desvairava por visualidades e deliramentos de conversações com as filhas. Algumas vezes desatava em risadas convulsas, referindo casos jocosos do convento de Santa Clara, principalmente o da sova que levaram

os frades no rio Douro, e outros episodios irrisorios dos amores das freiras. De subito, passava á descripção da sua fuga, e aos sustos da jornada por atalhos e fragoêdos. Depois, pedia á imagem do irmão que a não perseguisse, e a deixasse morrer encostada ao seio d'elle. Ria-se-lhe em seguida o semblante, e cantava as seguidilhas da Gitana do Cervantes. Por ultimo, cahia em syncope, e adormecia anciada. Ao despertar, tinha recobrado o juiso, e conversava com serenidade não menos temerosa que a excitação da loucura.

A medicina contemplava o espectaculo miserando, e dava aos hombros confessando-se inefficaz. «Só póde restaural-a a presença do homem que a reduziu a isto» diziam os medicos.

— As novas são excellentes, snr.ª D. Joaquina—disse-lhe o fidalgo. — Seu futuro sogro está doente, e é de presumir que não dure muito. Brevemente aqui nos apparece Gaspar.

— Não volta aqui! — disse ella. — Porque não vem elle?

— Se viesse já, ficavam sem recompensa os sacrificios que ambos teem feito! Que é uma demora de dois ou tres mezes? Eu não julgo necessario que a menina entre em convento. O melhor é esperar em nossa companhia que elle venha. Provavelmente estaremos em Vizeu, quando os estorvos desapparecerem. Robusteça-se para irmos embora. Os meus negocios em Lisboa vão decidir-se favoravelmente.

— Deus permitta! — accudiu Joaquina. — Eu queria

deixal-os muito felizes, quando morresse. São tão dignos de o serem!

— E sel-o-hemos todos. Gaspar hade mudar a sua residencia para Vizeu. Conviveremos lá como convivemos aqui.

— E eu heide cantar muito — interrompeu ella, tirando alegres notas da voz sempre clara e forte, como no vigor da saude. Eram as trevas da demencia que lhe cahiam na alma.

E então choravam as senhoras, e o velho fugia com o coração lanhado, já resolvido a pedir a Gaspar que, a todo o custo, viesse salval-a.

N'um d'estes trances, bateu á porta de Francisco da Cunha um frade dominicano. Conduzido á sala, disse:

— É em casa de V. S.ª que está uma senhora portugueza chamada Joaquina Eduarda Cazado Godim?

— É aqui onde está essa senhora. Vejo que vossa reverencia é portuguez.

— Sou portuguez, senhor. Ser-me-ha permittido vêr Joaquina Eduarda, minha irman?

— Sua irman! — exclamou Francisco da Cunha. — É o irmão d'ella! o chorado d'aquella afflicta alma!..

— Pois ella sabe que eu vivo?.. Não me terá ella já ouvido para me correr aos braços?

A esta pergunta respondeu o cantico das seguidilhas.

E fr. Sebastião, com assombro, disse:

Muito feliz é ella que póde cantar!.. Cuidei que a viria encontrar muito quebrantada pela desdita!..

— Sua irman tem intervallos de demencia, senhor; agora está n'uma d'essas horas negras.

— Demencia! — clamou o frade, com as mãos postas. — Posso vêl-a, snr. Cunha?

— Sim, senhor. Vamos.

Avisinhou-se da alcova fr. Sebastião. A douda encarou n'elle com os olhos cravados, e um geito de afastar a cabeça. Aproximou-se mais o irmão, e ella fugia-lhe até encostar-se á parede. Sebastião apenas disse:

— Minha irman! — e cahiu sobre uma cadeira, murmurando muito baixinho: — Mataram-m'a, está morta... já não é ella!

— Minha irman! — repetiu Joaquina — Que voz!... que som de voz!..

Levantou se o frade, tomou-lhe as mãos ambas, e por entre soluços, balbuciou:

— É a voz do teu Sebastião! Joaquina, olha bem para mim... Eu sou teu irmão, o teu querido amigo, o teu eterno amigo, o teu segundo pai, a voz misericordiosa do Senhor que te falla pela minha bocca! Joaquina!..

E ella, expedindo um grito estridente, atirou-se ao seio do irmão, arrancando vozes inarticuladas.

Seguiu-se o habitual desfallecimento. Sebastião transportou-a ao leito, e sentou-se á beira do travesseiro, com a barba ajustada ao peito, e as mãos nas fontes.

As senhoras olhavam-no com religioso respeito. Francisco da Cunha hesitava de espertal-o d'aquella lethargia.

Approximou-se mais o irmão... *(pag. 252)*

Volvida a si, Joaquina encontrou os olhos do irmão. Saltou do leito, e ajoelhou-se-lhe aos pés inclinando a face ao pavimento. Sebastião levantou-a, sahiu com ella do quarto, sorriu com muitissima brandura. e disse-lhe:

— Aqui me tens, minha pobre menina. Queres voltar ás nossas arvores do Minho? Vamos. Vem recomeçar a vida no paraizo, que eu despirei este habito para tornar comtigo ás solidões onde fomos felizes.

— Pois sim: vamos... — murmurou ella com olhar spasmodico, e um sorriso pouco menos de idiota.

Sebastião olhava fitamente n'ella com indisivel assombro. Aquelles gestos e ar de sua irman não tinham que vêr com os espiritos, vida e graças d'outro tempo.

Poucas mais palavras se trocaram os dois desaventurados. Fr. Sebastião sahiu a hospedar-se no convento dos dominicanos, promettendo voltar no dia seguinte para combinarem o dia da partida. Joaquina ouviu isto insensivelmente, e já quando o irmão descia as escadas, foi depoz elle para lhe beijar soffregamente as mãos.

Á tarde, Francisco da Cunha procurou o frade no convento, e disse-lhe:

— Venho visital-o; mas um objecto mais importante que a cerimoniosa urbanidade me traz aqui. Peço licença para intervir nas suas deliberações, respeito a levar para Portugal sua irman. Não cuide V. reverencia que a snr.ª D. Joaquina Eduarda esqueceu Gaspar de Vasconcellos...

— Não?! — interrompeu o frade. Fui enganado então... E eu refiro a V. S.ª o que ha passado. O prior

do meu convento de Vianna recebeu recado do dom abbade de Tibães, para que eu lhe fallasse em um determinado dia.

Muito longe de conjecturar esta chamada extraordinaria, fui a Tibães, e ahi soube da exposição do prelado que minha irman estava em Sevilha e Gaspar em Braga; que a fome os tinha separado, e tão sómente uma maior desgraça os reuniria; e acrescentou que eu christanmente devia estender mão piedosa a minha irman — conselho que eu dispensava. Ouvido isto, voltei a Vianna a pedir licença ao meu prior para esta jornada, e aqui estou.

— O dom abbade — disse Cunha — não mentiu, a meu vêr. Foi omisso em explicação, e V. reverencia prompto em interpretar o mais natural, quando estes desenlaces se fazem. Sua irman está, segundo o juizo dos medicos, a descahir em completa loucura; todavia, se Gaspar de Vasconcellos aqui viesse, a infeliz restaurava-se. Suppondo que V. reverencia a conduz para o Minho, ha grande perigo na reincidencia dos passados desatinos, porque, repito, não se separaram inimigos: houve uma convenção a que não faltou Gaspar; e da parte de sua irman uma suspeita que a reduziu á lastima em que a vê. Claro é, penso eu, que ella ainda o ama muitissimo, e que o avisinharem-se um do outro n'esta occasião é avisinhal-os ambos de mais fundo abysmo. Além de que, sua mana está em muito melindroso estado de saude; não a considero capaz de jornadear, nem V. reverencia está, julgo eu, nas especiaes circumstancias de velar a

convalescença d'uma louca, não fallando no deperecimento das forças, e grave achaque de peito que se vai declarando. Venho, pois, instar com o snr. fr. Sebastião a fim de que permitta o demorar-se mais algum tempo sua mana em companhia de minha mulher e filhas. Brevemente vamos todos para minha casa de Vizeu, porque muito proximo espero sentença que me restitue a patria e bens. Logo que a snr.ª D. Joaquina Eduarda se recupere, eu e alguma de minhas filhas vamos acompanhal-a onde V. reverencia ordenar. Isto lhe peço em nome da razão e do melindre que requer o curativo d'esta senhora.

— Condescendo muito agradecido á sublime caridade de V. S.ª — disse o frade. — Não ha duvidar: aproximal-os é grave erro; minha irman ficaria a tres pequenas leguas distante de Braga. Forra-me V. S.ª a mortificações maiores, e á pobresinha dá-lhe uma familia que a defende nos seus caridosos braços. Em virtude d'isto, sur. Cunha, irei ámanhã receber as ordens de V. S.ª, e despedir-me de minha irman.

— E não dispensaria V. reverencia despedir-se?... — perguntou o fidalgo — São afflicções inuteis. Eu lhe direi a ella que seu irmão voltou a Portugal a preparar-lhe acommodações, visto que as antigas já não existem. Esta esperança póde converter-se-lhe em pensamento fixo, e, como tal, divertir-lhe o animo da lembrança de Gaspar. Quem sabe se o melhor comêço de cura é este? Experimentemos, snr. fr. Sebastião.

— Pois sim, meu respeitavel senhor; — obtemperou

o frade, — eu não irei despedir-me d'ella; mas V. S.ª terá a bondade de lhe entregar este pouquinho dinheiro, que me é desnecessario na jornada e no convento. — E, dizendo, offerecia-lhe um embrulho de moedas d'ouro.

— De que lhe serve o dinheiro a ella? — atalhou o fidalgo, recusando aceital-o. — Talvez dissessem a V. reverencia que eu vivia pobremente?... É certo: apenas livrei do sequestro uns bens insignificantes que minha mulher herdara em S. Thiago, e d'elles temos vivido com severisissima economia, e relativa miseria. Sem embargo, os amigos de Lisboa, ao verem aproximar-se a restauração dos meus haveres, offereceram-me dinheiro, e eu já fiz os saques, por maneira que ouso pedir a V. reverencia que me não prive da satisfação de ter sua irman por hospeda.

Sebastião Godim inclinou a cabeça, e apertou ao seio o magnanimo beirão, o typo que ainda se não perdeu dos lusitanissimos fidalgos d'aquellas montanhas, gente d'um coração tão á flor dos labios e tão lavada alma, que não os vêdes sem estranhesa, nem os deixais sem saudades.

XXX

GASPAR de Vasconsellos recebia esta carta dias depois:

«Meu amigo. Aqui veio fr. Sebastião Go-«dim, no proposito de levar sua irman. Annunciaram-lhe «o desamparo em que ella estava, e desligação de V. S.ª «Consegui que o excellente homem deixasse ficar sua ir-«man em nossa companhia até convalecer da enfermi-«dade d'alma e corpo. Obtive o consentimento, e fr. Se-«bastião voltou ao seu mosteiro de Vianna.

«Agora, snr. Gaspar, corre-me obrigação rigorosa «de lhe dizer que, em quanto o futuro se não prosperar, «é da honra de V. S.ª não perturbar o socego que por «ventura os meus cuidados possam restituir aos atribu-«lados espiritos d'esta infeliz.

«Qualquer passo que V. S.ª dê, que não seja legiti-«mado pelo casamento, é inconvenientissimo, e despro-«positado. Causar meu amigo a morte de seu pai, sem «com isso ganhar o melhoramento de sua fortuna e da

«snr.ª D. Joaquina, será uma crueldade das que se não «podem desculpar com a palavra amor. Pouco sei do «coração dos homens: todavia, offerece-se-me cuidar «que V. S.ª já não está cego d'esta paixão, porque a «desgraça lhe alumiou os olhos. E, por tanto, confor«me-se, e triumphe, como homem, dos seus instinctos «de piedade, que, no caso sujeito, são nocivos. Não «roube terceira vez a esta senhora o mais sagrado esteio, «unico e só que ella tem — o esteio fraternal.

«Breve iremos para Vianna. As suas cartas em toda a «parte as prezarei devéras, e mais gratas hão de ser-me «quando V. S.ª me disser que é feliz, sem causar dissa«bores a ninguem. Que a felicidade, á custa de lagrimas «alheias, é uma traição aos nossos gosos: é um licor sa«boroso em taça de prata, com as feses no fundo, feses «que a final somos obrigados a tragar. Deus o guarde «por muitos annos, meu estimado amigo, e sou, etc.»

Foi n'uma d'aquellas horas de torvo desesperar, que esta carta passou fechada das mãos de Pedro de Vasconcellos ás do filho. Leu-a o môço, e impedreniu-se, cravando os olhos cegos de lagrimas no papel que não podia reler. O velho observava-o anciado.

— Que é? — perguntou o pai. — Que è, filho? Deus não se compadecerá de ti?

— Compadeceu! — disse Gaspar — acabou tudo! Aqui tem... — E, dando-lhe a carta, passou a fechar-se no seu quarto. Ahi se deteve alguns minutos, e sahiu de impeto, com o rosto abraseado, em demanda do pai. Encontrou-o relendo a carta — diga-mol-o tristemente —

com intimo contentamento. Poz-se-lhe em joelhos o filho, e exclamou:

— Ainda é tempo, meu pai! ainda é tempo!... Deixe-me casar com essa desgraçadissima senhora.

Pedro de Vasconcellos encarou-o sem vislumbre de piedade, solevou-se da cadeira em tremuras, e bradou com voz desencavernada:

— Caza! Caza na capella d'este edificio porque lá está o meu jasigo. Quero que se abra a minha sepultura ao mesmo tempo!

— Oh! qne entranhas!... — clamou Gaspar, e fugiu da presença do pai, bradando no interior do palacete: — Que entranhas!... que coração de ferro!...

Por noite alta, Gaspar de Vasconcellos ainda não tinha recolhido ao seu quarto, e o ancião passeava na vasta sala dos retratos, monologando phrases incongruentes, e olhando como apavorado, para a sua sombra. A luz froixa d'um castiçal verberava lampejos tremulos no retrato de Simão de Vasconcellos, pai d'elle. Acaso, circumvagando a vista, Pedro encontrou os olhos coruscantes d'aquelle retrato, os quaes o seguiam sinistramente d'angulo para angulo do salão. Parou, contérrito e transido, o velho, preso d'aquella fascinação dos olhos penetrantes de seu pai. Então lhe entraram como frecha na memoria da alma os padecimentos d'aquelle velho, nos seus ultimos annos, infligidos pela vida libertina do filho, pela deshonra a que elle victimára uma familia honesta, roubando-lhe a filha unica, a mãe do filho que lhe era agora amor e flagello. Fugiu d'alli, como a esconder-

se no seu quarto, e na passagem, chamou para a sua beira o capellão, que pela primeira vez de sua vida fôra interrompido no somno das duas horas da manhã.

O padre estremunhado ouvio-o tres quartos de hora em silencio.

—Que diz a isto, padre Joaquim?—perguntou o velho:

Arregalou o padre os olhos piscos, e respondeu;

—Fidalgo, o melhor é deixal-os casar. É o que eu fazia no caso de V. S.ª

—Vá-se deitar!—replicou o colerico Vasconcellos. —O capellão levantou-se, fez uma cortezia, e foi-se deitar, murmurando:

—Tanto se me dá que casem como que os leve a breca! Já se não póde dormir n'esta casa!

XXXI

Ao romper da manhã, Gaspar de Vasconcellos entrava na quinta de S. João de Rey, e escrevia ao pai estas linhas:

«Se meu pai consente que eu me recolha a um quarto «d'esta casa, aqui esperarei a morte. A minha presença «é-lhe odiosa, porque eu não pude ainda reduzir a cinzas «o coração. Eu de mim tambem me convenci de que meu «pai é cruel, e não posso amal-o. Reduza-me á fome, se «quer. Da miseria me não temo eu já, porque sou sósinho «a soffrêl-a. A desgraçada achou um irmão, eu não achei «ninguem. Dizem-me que minha mãe tinha um irmão que «fabricava chapéos; se me faltar valor para soffrer a fo- «me, irei pedir pão ao irmão de minha mãe. Beijo-lhe as «piedosas mãos, senhor, como filho e escravo. *Gaspar.*»

Lida a carta, partiu, como era de esperar, um lacaio com a liteira para Tibães. Fr. João era o sempre invocado nas tragedias da familia. De Braga, seguiu a liteira para S. João de Rey.

Gaspar tinha ido para a serra, e recolheu por noite. Encontrou o tio a cear a mais gorda gallinha da capoeira, e a lasca de presunto menos entreviado. Sentou-se a um canto da casa, e assistiu silencioso á silenciosa deglutição do monge.

Acabado o repasto homerico, e entoada a acção de graças, o frade disse ao sobrinho:

—Vamos lá, se estás para conversar.

Fecharam-se na sala. Fr. João disse, espivitando os dentes com um palito de marfim:

—Vi teu pai na cama, vi a carta do Cunha, e vi a tua carta. Teu pai está alli, está na sepultura. D. Joaquina, mais dia menos dia, está com o irmão. Saibamos agora o que vai ser de ti. A minha paciencia está quasi esgotada. Tu és o homem mais trabalhoso que veiu a este globo!... Que queres fazer?

—Quasi nada: morrer.

—Não se morre assim.

—Em Roma e Grecia morria-se por menos. Eu li Catão e Seneca.

—Cala-te, pagão! tu devias ler o Evangelho.

—Tambem li essa historia: acho-a menos verosimil que Seneca e Catão.

—És um burro! Quem te deu as *Cartas philosophicas* e as *Cartas inglezas* de Voltaire, que estão no teu quarto?

—Provavelmente comprei-as.

—Fizeste bem... Mata a fé, e veremos o que te fica, desgraçado!

—Fica-me a certeza.

—De que?

—Do nada.

—Isso é muito saudavel... Vamos, porém, á questão principal. Ficas aqui?

—Se meu pai me não manda expulsar...

—Não manda; pede-te, e não te ordena, que vás para Braga.

—Se não ordena, fico aqui.

—E, se eu te peço que vás, Gaspar?

—Que vou eu fazer em Braga, meu tio? A vida lá é-me insupportavel. Aqui estou só, fatigo-me, despedaço-me de rochedo em rochedo, atiro-me aos fragoedos d'essas serras, e consigo adormecer de prostrado. Nem este desafogo me querem deixar?

—Fica pobre rapaz! És digno de muitissima piedade!... Fica: eu de madrugada irei com essa má nova a teu pai.

E decorreram seis mezes sem que Pedro de Vasconcellos avistasse o filho, com quanto lhe enviasse criados, cavallos, armas, e dinheiro superabundante.

Gaspar via com indifferença estes preciosos enfeites das vidas felizes.

Ao abrir da manhã, com um pouco de pão e queijo na bolsa de caça, galgava aos visos dos montes, e por lá se ficava até noite. De volta, ceava outro pedaço de pão e queijo; recolhia-se ao seu gabinete, e dormia escassamente.

Longo espaço de tempo havia que não chorava. Um dia, porém, como encontrasse na serra o mendigo, que

XXXII

SOUBE Gaspar de Vasconcellos que Joaquina Eduarda estava perdida. Esta nova já lhe não achou coração vivo. Foi colôsso de ferro que lhe esmagou cabeça e peito.

Viram-no, uma noite sahir de casa, os criados. Era já no inverno de 1766. Rugia a tormenta fóra nos arvoredos. Os servos seguiram-no de longe, porque o temiam, e podiam seguil-o de perto, que a negridão do céo, o estridor do vento e das cachoeiras não os denunciavam. Viram-no subir uma encosta, ao cimo da qual se achava a lomba da serra, até descahir sobre um barrocal profundo. Estugaram o passo, receosos de que o amo se despenhasse. Elle presentiu-os, e aperrou uma clavina. Fizeram pé atraz, e proferiram palavras supplicantes. Gaspar arrojou a clavina, e despenhou-se.

—Está morto!—conclamaram todos, correndo á borda do precipicio. Alguns mergulhavam a vista nas trevas, em quanto outros desceram a quebrada para rodea-

rem o outeiro até entrarem á garganta. Não o viram, nem ouviram gemidos.

Conjecturaram que o amo tinha ficado entre a penedia, que se interpunha a meio do alcantil, sobresahindo ao nivel da aresta. Desceram os mais corajosos retorcendo e cravejando os dedos nos sargaços, e fendas das rochas. Encontraram o corpo de Gaspar entalado na cavidade aberta entre duas fragas. Ergueram-no elles, e sentiram-lhe o calor do bafo. Escorria-lhe sangue da cabeça e do pescoço. Uns correram a buscar cordas e escadas para guindarem o moribundo ou o cadaver, em quanto outros foram chamar cirurgião, e avisar o pai.

Foi custoso içar aquelle corpo inerte, que, a cada impuchão que lhe davam, arrancava um grito rouco, e reversava golphos de sangue.

Transportaram-no ao leito. O cirurgião curou-lhe as feridas principaes; declarou, porém, que se não morresse logo, pouco viveria, porque tinha, entre o queixo inferior e a clavicula uma saliencia, que o cirurgião denominou tumor sanguineo, e nós hoje denominariamos aneurysma. As fracturas da cabeça, com quanto profundas, não lhe amolgaram o cerebro.

Gaspar assistiu silencioso á cura das feridas: não desprendeu sequer um suspiro, que parecesse gemido. Quando, porém, viu entrar o pai offegante e quasi em braços dos lacaios, fechou os olhos, e murmurou palavras inintelligiveis. Em seguida ao pai entrou fr. João, e chamou-o. Gaspar encarou n'elle, e disse:

— A expiação é maior. O seu Deus não está ainda

Encontraram o corpo de Gaspar entalado... *(pag. 272)*

satisfeito... e fechou novamente os olhos, quando o pai se aproximou.

Fr. João olhou para o espaldar do leito, e viu debaixo do travesseiro um livro, que tirou. Estava aberto, com uma pagina dobrada. Eram as cartas de Seneca. A pagina assignalada dizia:

Ha nada mais estupido que ser delicado no morrer? Digno e generoso é o homem, cujo acabar de sua mão está. Vêde-o com que bravura se imbebe um punhal! A coragem com que se elle despenha ás profundezas do mar, ou d'alto a baixo por sobre espantosos fragoedos! Quando todos os recursos lhe escasseavam, ainda tinha de seu com que dar-se a morte, para ensinar ao universo que o morrer está no querer. Pensem o que quizerem d'esta acção; mas concedam que a mais torpe morte é preferivel á mais brilhante servidão[1].

O frade fechou o livro, e disse entre si:

—Tinha perdido a fé!... E não teve mãe, cujas orações lhe lembrassem n'aquella hora!...

Pedro de Vasconcellos mandou sahir os creados do quarto. Abeirou-se do filho, e disse-lhe:—Casa com Joaquina Eduarda, e vem com ella para a companhia de teu pai.

Gaspar, sem descerrar as palpebras roixas, disse:

—Não venha escarnecer sobre dois cadaveres!... Joaquina Eduarda está morta, e eu vou morrer.

---

[1] Epist. LXXI.

—Pois ella morreu?!—exclamou o velho voltado para o irmão.

—Doida sei eu que está... Verdadeiramente está morta...—respondeu o frade.

—E que me querem agora?—perguntou Gaspar exagitado, revolvendo a lingua pelos labios ressequidos.—Que me querem agora?

—Salvar-te a alma, se não podermos mais—respondeu fr. João.

—A alma!...—replicou o suicida, sorrindo ferozmente—a alma é este sangue maldito que me abrasa as arterias!... Eu queria uma pessoa que me ajudassse a morrer! Eu queria minha mãe!... Onde está minha mãe, snr. Pedro de Vasconcellos?... onde está a filha do chapeleiro?... a Maria Pereira?!... Unja-me o rosto com algumas das lagrimas que ella chorou aos seus pés!...

—Jesus, valei-me!—exclamou o velho.

—Gaspar! tem piedade!...—supplicou fervorosamente o frade.

—Pois deixem-me! deixem-me, que eu quero morrer desamparado como ella, sem pai, sem mãe, sem amigos!

Pedro de Vasconcellos estrebuchava na sala proxima prostrado sobre um escabello em ancias de morte.

Fr. João ajoelhára aos pés do leito do sobrinho, e orava com a face de rojo.

XXXIII

PEDRO de Vasconcellos e o irmão assentaram residencia em S. João de Rey. O pai escutava a respiração do infermo; do limiar da porta, encoberta pelo reposteiro, não passava. Os medicos recommendaram-lhe a remoção de causas que excitassem o doente, sob pena de sobrevir uma febre thraumatica. Ora, o apparecimento do pai incendia-lhe o rosto, e exasperava-o em contursões e vertigens.

Fr. João era o enfermeiro, e o apostolo. Ministrava-lhe os linimentos do corpo e da alma. Os primeiros iam operando efficazmente; os outros pareciam a semente da parabola que cahiu sobre pedra. As chagas fecharam; mas o distendimento da arteria subclavia não se retrahiu. A aneurysma estava formada. Tinha alli a morte certa para uma hora imprevista. Poderia viver mezes, ou ainda annos, se o não sobreexcitasse alguma forte commoção phisica ou moral.

Ao fim de trinta dias, levantou-se.

Fr. João, como lhe visse no semblante insolita serenidade, disse-lhe:

—Teu pai quer vêr-te.

—Aqui estou ás ordens de quem quizer vêr-me— respondeu Gaspar.

—Não o tractes com desabrimento—observou o frade.

—Meu pai está castigado: é necessario que dois reus do mesmo crime se abracem, e não se dilacerem.

Sahiu o monge e voltou com o irmão.

Gaspar levantou-se da poltrona, e inclinou a cabeça diante do pai, que lhe incutiu dó.

Era a decrepitude repulsiva. Já parece que as herpes lhe corroiam as faces.

—Venho despedir-me de ti, filho—disse commovido o ancião.—É tempo de acabar... Deixo-te, e vou para Braga.

O filho apertou-lhe a mão compadecido, e murmurou:

—Adeus, meu pai. A tragedia está finda. Digamos agora como os actores romanos «applaudi, homens!» Se meu pai me antecipar na sahida d'este mundo, rogo-lhe, em nome de minha mãe, que me deixe uma esmola com que eu possa recolher-me a um convento.

—Convento!—exclamou fr. João.—Por ventura desceu um raio da graça divina á tua alma, Gaspar?

—Não desceu raio de coisa nenhuma—respondeu Gaspar.—Escolho o mosteiro porque é lá a solidão e o

esquecimento; porque não verei lá mais as testemunhas d'esta enorme calamidade, d'estes vestigios de sangue, que hão apagar-se á porta do mosteiro dos paulistas da serra d'Ossa.

—Serra d'Ossa!—contraveio o monge.—Que idêa é essa? Convento pobre e austero...

—Que tenho eu com as riquezas dos outros conventos? Em quanto á austeridade, eu não tenho já liberdade que sacrificar.

—Essa idêa hade desvanecêl-a a supplica de teu pai. Quererás que eu ajoelhe a teus pés?—disse Pedro de Vasconcellos.

—Não, senhor: não me humilhe, nem me faça mais desgraçado com a sua humildade, meu pai. Por que me não hade consentir que eu viva só, e procure n'um mosteiro um pouco de socego para esta pobre alma?

—Embora o faças, meu filho; mas escolhe outra casa, e outro habito.

—Que faz a differença das mortalhas?... Bem... eu tiro a partido que não seja Tibães, nem mosteiro em cidade.

—Irás para Grijó... serás conego regrante de S. Agostinho; mas enterra-me primeiro.

—Poupemo-nos, meu pai—redarguiu Gaspar. Irei para Grijó; e, se lá o raio divino me alumiar, pedirei a Deus que lhe alongue os dias, e lh'os doure de contentamentos.

Pedro fitou os olhos aguados no irmão. Frei João, como inspirado a subitas, disse:

— Deixa-o ir, Pedro; deixa-o ir: é Deus que o encaminha.

E, com effeito, era Deus que o encaminhava... Em poucas horas se aviaram licenças para a entrada do noviço no mosteiro dos Cruzios de Grijó.

A fatal nova chegou á quinta de Villa Verde, onde uma menina de desenove annos, aquella Paulina Roberta, de tão alegre condição e exuberante saude, se definhava e ia como anjo corrido da desgraça a esconder-se na sepultura. Ninguem fallára d'ella a Gaspar, nem elle perguntára pela doce alma que regeitára o esposo eleito pelo tio.

A mãe tinha-a entre os braços, e a via de dia para dia o ir-se apagando a sua luz, a sua filha unica.

Chegou, pois, a nova do destino de Gaspar a Valverde.

Paulina pediu á mãe, que a levasse a despedir-se do primo. E ajuntou:

— Não lhe pedirei mais nada n'este mundo.

Entraram á casa de Vasconcellos, quando Gaspar se despedia do pai e do tio.

Fr. João, chamado fóra, voltou a dizer que estava na sala sua irman e Paulina, para se despedirem do primo e sobrinho.

Gaspar entrou na sala; e, ao vêr Paulina Roberta, estremeceu.

— Espantou-se!... — disse a menina sorrindo — Admiras-te de me vêr assim, Gaspar!... tambem tu estás muito mudado!

Foste tu que mataste minha filha... *(pag. 283)*

—Vejo que padeces, prima... Que é?—disse elle.

—Ha tres annos—respodeu a mãe—Ha tres annos que a vejo finar-se... Foste tu—rompeu a mãe em gritos e lagrimas—foste tu que mataste a minha filha!...

—Oh mãe!—exclamou a menina, impedindo-a de proseguir.

—Em que a matei, minha tia?...—objectou Gaspar.—Por ventura, Paulina...

—E' minha mãe—acudiu a menina—que tem aquellas ideias... Que culpa tens tu da minha doença, primo? Mãe... pelo amor de Deus, não chore assim, que me faz peorar!

—Santo Deus!—exclamou Gaspar com as mãos agarradas na fronte.—Santo Deus, que mal fiz eu á Providencia para perseguição tão incansavel!...

E, como delirante, fugiu da sala, afogado de soluços, e desceu ao pateo, onde o esperava a liteira, e dous lacaios com os machos á redea.

O esbofado Fr. João de Vasconcellos seguiu-o, e ajudou-o a embarcar na liteira.

Quando sahiu á rua a locomotiva abriu-se uma janella do palacete, e Gaspar ouviu a voz da prima, que lhe dizia:

—Primo, olha que eu vim para me despedir... E então... adeus! meu primo, adeus!...

E recolheu-se, amparada nos braços da mãe.

Sete dias depois d'esse tranze, o cadaver de Paulina Roberta descia ao jazigo da familia, situado na capella d'aquelle palacio. A mãe conseguiu do irmão que lhe ce-

desse um quarto, com porta para o interior do coreto d'onde os fidalgos assistiam á missa. Duas vezes cada dia foi ella vêr do rotulo do côro, o marmore que fechava os ossos de Paulina; mas, ao fecharem-se tres mezes de saudade, a pobre mãe mudou de quarto para o leito glacial da filha.

XXXIV

Fr. Sebastião Godim, no correr do anno de 1767, passou em Vizeu duas temporadas, hospedado em casa de Francisco da Cunha. Eram sensiveis as melhoras de Joaquina Eduarda. Os desvairamentos d'aquella abrasada fronte applacavam-se quando a mão do frade lhe tocava; as syncopes eram menos espaçosas, se a inferma cahia extenuada nos braços do irmão.

Esperançou-se a medicina, aconselhando fr. Domingos a permanecer o mais tempo que podesse junto da irman.

Quizera elle transferil-a para a casa paterna de Vianna; mas a familia Cunha contradizia o intento allegando, com o beneplacito dos medicos, que a desconvivencia d'uma familia carinhosa lhe seria nociva ao progredimento da cura, e que a posição captiva do irmão a forçaria á soledade, e, pelo conseguinte, ás reminiscencias aggravadoras da loucura.

Como disse, voltou segunda vez a Vizeu o frade. Mais sensivel se manifestou a cura de Joaquina. Exultaram todos, quando ella, depois de estar-se recordando attentativamente com dois dedos ajustados aos labios, perguntou de golpe:

—Mano Sebastião, que é feito de Maria Amalia?! Ha muito tempo que não sei nada de minha irman...

—Está em Pernambuco, para onde nosso cunhado foi despachado corregedor.

—Nunca te escreve?

—Tive uma carta.

—Pergunta por mim?

—Pergunta...

O frade mentira discretamente.

Maria Amalia, conscia da fuga da irman, recebeu ordem do marido para não mais fallar, nem consentir que lhe fallassem.

Este requinte de honra não contrariou a esposa. Maria cumpria á lettra as ordens do marido, e apagára de sua alma os derradeiros vislumbres de amizade e piedade da irman.

Começou Joaquina, depois que o irmão a enganou, a recordar a belleza de Maria Amalia, o donaire da sua presença, as alegrias de sua vida, bem que tivesse um marido muito mais idoso. Notou os defeitos que maculavam algumas excellentes qualidades d'ella, e observou que a soberba de ser formosa a cegava a ponto de cuidar que as outras mulheres eram tão soberbas como ella.

Estas reflexões justas indicavam inteireza e claridade de juizo. Fr. Sebastião deliciava-se, escutando-a.

É verdade que, n'algumas conversações, passava bruscamente do acêrto ao disparate, ainda assim, as nevoas eram passageiras, e o espirito desnublava-se assim que o irmão a espertava d'aquelle adormecer-se d'alma em escuridade subita.

Decorridos dezoito mezes, depois que Joaquina Eduarda passara de Sevilha para Vizeu, fr. Sebastião, confiado na quasi completa cura de sua irman, tractou com Francisco da Cunha ir ao Minho, a fim de secularisar-se, reassumir a posse da sua reitoria, recompor como n'outro tempo o interior da residencia, e levar a irman para si. O fidalgo accedeu, vencido pelas razões terminantes de fr. Sebastião, tirando a partido que iria elle e uma sua filha acompanhal-a, segundo estava promettido.

Deliberado assim, por assentimento de Joaquina Eduarda, o frade despediu-se alegremente da irman, e foi ao Minho deligenciar as coisas que se retardaram tres mezes.

Em fevereiro de 1768 avisou elle Francisco da Cunha de estar tudo a ponto de receber os seus presados hospedes e a sua pobre irmansinha.

Escrevendo a Joaquina dizia elle «...O tempo está «agreste; mas d'aqui a pouco florecem as tuas arvores. «Mandei alimpar os canteiros que estavam a monte. Lá «encontrei ainda as raizes que tu semeaste ha seis annos. «Novamente as enterrei: quero que ellas te festejem ainda,

«e te reconheçam n'esta primavera. Anda-se agora em «construcção d'aquelle tanque entre os loureiros, com «que tu andavas sempre a fantasiar delicias. Lá para Ju-«nho já has de tel-o rodeado de escabellos de cortiça e «coberto de maracujás. Já sacudi o pó do teu piano, que «o reitor meu substituto guardou, e respeitou com tal «excesso de milindre que as aranhas urdiram pacifica-«mente as suas teias em volta delle...»

Leu Joaquina, com lagrimas, estas cariciosas amizades do irmão, e sentiu ancias de se vêr no seu ermo, a sós com o amparador, com o enviado do Senhor misericordioso.

Preparou-se para a partida, com promessa de voltar a Vizeu no inverno seguinte.

Alguns cavalheiros concorreram a despedir-se de D. Joaquina Eduarda desde a ante-vespera da sahida. Entre estes, faltou o mais assiduo nos saráos de Francisco da Cunha, aquelle Mello e Napoles em cujo seio flammejara o primeiro amor á formosa cantora, á douda divina, que fazia chorar com os threnos de Jeremias, e rir com as seguidilhas de Miguel Cervantes. Perguntou Joaquina Eduarda por elle, em cujos olhos tantas vezes se vira espelhada nas lagrimas. Disseram-lhe que vivia muito incerrado na sua camara, e muito dessaboreado da vida.

—Pois diga-lhe—rogou ella ao cavalheiro interrogado—que eu nunca me hei de esquecer de que o vi chorar por mim.

—E de que foi amada por elle como ninguem mais o será nem foi n'este mundo—ajuntou o cavalheiro.

Joaquina spasmou os olhos no semblante do sujeito, e desatou uma casquinada de riso arripiador, e logo exclamou:

— Amada! amada eu!... Eu! fallarem-me a mim em amor!... Pois eu não me perdi?!... eu não fui atirada ao asco da lama por aquelle môço gentil que não voltou mais...

O delirio proseguiu. Recahira a infeliz nos accessos desde muito apasiguados. Seguiram-se dias terriveis, e tornaram as desesperanças da cura. Dilatou-se a partida para mais tarde. Já o padre Sebastião Godim se dispunha a voltar a Vizeu, quando recebeu a fausta nova das melhoras da irman, bem que os medicos davam como impossivel a perfeição da cura, conjecturando lesão cerebral irremediavel.

XXXV

O noviço de Grijó passára o anno do noviciado, entre os companheiros e os mestres, com a reputação e respeitos d'um grande desgraçado. O arcebispo bracharense D. Gaspar recommendára ao dom abbade de Grijó que se houvesse mui singularmente com aquelle noviço, não o compellindo a resas e ceremonias. Acrescentava que era prudencia e caridade esperar que a divina Providencia influisse no animo de Gaspar de Vasconcellos o amor ás coisas de Deus e á vida propriamente.

Com recommendação de tal porte, o noviço nem levemente era espertado do seu turpor e abstrahimento.

Concluido o praso do noviciado, Gaspar vestiu o habito, com a indifferença de quem muda de trajo. Acolheu-se outra vez á sua cella D. Gaspar, conego regrante de Santo Agostinho.

Depois de professo, poucos dias decorridos, recebeu carta de fr. João de Vasconcellos, pedindo-lhe que acudisse ao chamamento do pai que estava em perigo de morte, com um terceiro insulto apopletico. O frade cruzio, no mesmo ponto, pediu licença ao prelado, mostrando-lhe a carta do tio. Aprestou-se a liteira do mosteiro, e partiu.

Aproximou-se do leito da agonia do pai, e ajoelhou, beijando-lhe a fronte. Ergueu-se, tomou da mão de um frade carmelita um livro chamado o *Director funebre*, e folheou até achar a pagina intitulada: *Do modo de ajudar a bem morrer*. E leu, voltado para o crucifixo, que dois castiçaes alumiavam:

Delicta juventutis, et ignorantias ejus, quæsumus, ne memíneres, Domine: sed secundùm magnam misericordiam tuam memor esto illius in gloria claritatis tuæ[1]. E proseguiu, até ao final do psalmo: *Retribue servo tuo.*

Pedro cerrára as palpebras como para arrancar da vida. D. Gaspar aspergiu agua-benta sobre o leito e sobre os circumstantes. Os sinos dobraram á agonia na egreja proxima, e logo em todas. O moribundo já não podia dizer a palavra *Jesus*, que o filho proferiu tres vezes. Aqui falleceu a coragem ao môço. Dobraram-se-lhe os joelhos, e inclinou-se com os labios sobre os do pai que já não bafejavam. Ajoelharam todos, e fr. João de Vasconcellos, com a voz convulsa, entoou os formidaveis versos do *Responsorio:*

Subvenite sancti Dei, occurrite Angeli Domini, suscipientes animam ejus. Offerentes eam in conspectu Altissimi... [2]

Cessou o troar da agonia nas torres, e começou o dobre a finados.

---

[1] Não te lembres, ó Senhor, dos delictos e cegueiras da mocidade d'elle Antes, confórme á tua grande misericordia, lembra-te d'elle para o acolher ao esplendor de tua gloria.

[2] Vinde santos de Deos, correi anjos do Senhor, a receber esta alma, e a depôl-a na presença do Altissimo.

XXXVI

Quinze dias volvidos depois d'este successo, sahiram de Vizeu, em direitura a Barcellos, D. Joaquina Eduarda, Francisco da Cunha, e uma filha.

A enferma cobrára muita lucidez de espirito na semana ultima e anterior á jornada. O fidalgo sahiu animado pelos medicos, e mais ainda pela quietação e judiciosas ideias de D. Joaquina.

Ao terceiro dia de jornada anoiteceu-lhes nos Carvalhos; e, como chegassem por volta das dez horas a Villa-nova de Gaya, resolveram pernoitar na estalagem da terra, como coisa indifferente a viandantes que não tinham demora no Porto.

Joaquina Eduarda reconheceu, logo á entrada, a hospedaria em que pernoitara na primeira noite da fuga. Mostrou certa hesitação em subir as escadas, e um revolvêr temeroso de olhos, em que reparou a filha do fidalgo, que a levava pelo braço, ao lado da lanterna do estalajadeiro.

Subiram ao sobrado da estalagem. Joaquina dispensou-se de cear, e recolheu-se ao seu quarto com uns ares de conturbação ou medo, cuja explicação ella não deu ás reiteradas perguntas de Francisco da Cunha.

Ora, o quarto que lhe deram, aconteceu ser pontualmente o mesmo em que tinha passado a primeira noite da fuga. Assim que entrou, e deu d'olhos no leito, cobriu-os com as mãos, e esteve assim quieta, immovel, largo espaço n'aquella postura. Sentou-se, quando se sentia vergar ao chão desamparada, deixou pender os braços, e logo o rosto se lhe cobriu de gotas de suor frio. Os olhos não ousava ella erguel-os sobre o leito; mas, relanceando-os temerosa, aos angulos da parede, viu um painel da Senhora das Dores. Ajoelhou; e, como não podesse orar, abateu o rosto até ao pavimento, e abafou os gemidos collando os labios á tabua. Esforçou-se para levantar-se e fugir d'aquelle quarto. Erguida, sentiu um vágado que a fez cahir sobre o leito. Resaltou vertiginosamente como se a mordesse a farpa d'uma vibora, e foi de encontro ao castiçal, que se apagou no roçar do vestido. Palpando as paredes, e proferindo já palavras desatinadas, esbarrou com as mãos no espaldar do leito, e refugiu gritando, até bater de costas na porta, que facilmente cedeu ao empuchão.

Accudiram ao ruido e aos gritos o fidalgo, a filha, e a gente da estalagem.

Encontraram-na cahida no corredor, com a face ensanguentada: ferira-se na chave de uma porta, quando a syncope a derrubou.

Tomaram-na em braços a senhora Cunha com as mulheres da casa, e trasladaram-na para sobre o leito de que ella fugira. Com breve demora de lethargo, Joaquina, espertando, circumvagou os olhos pavidos; e, como reconhecesse o local, escabujou nos braços da amiga, exclamando:

—Morro, morro aqui!...

Não na entendiam; porque ella cessava de gritar e revolver-se, e dizia extravagancias com o seu timbre de voz natural, e cantava as seguidilhas gesticulando com os braços á feição de bailarina sevilhana.

Francisco da Cunha, prevenido pelos medicos, sahiu a comprar uma poção opiada, e ministrou-lha em chá. Joaquina Eduarda bebeu cantarolando, e ficou, d'ahi a pouco, prostrada.

A senhora Cunha passou a noite á beira do leito, e o pai a passear no proximo corredor.

Ahi, pelo romper da manhã, Joaquina levantou um alto chôro, exclamando:

—E Gaspar nunca mais voltou!... Ó meu amor, por que não quizeste mais saber de mim? Ó maldito de Deus, e amado da minha alma, que não morreste de remorsos e piedade!

Fez estranheza a Francisco da Cunha esta angustiadissima invocação ao homem de quem ella, raras vezes, articulava o nome, nos deliramentos.

—Ella ainda o ama!—disse a menina, quasi em segredo ao pai.

Joaquina sorriu-se, e disse:

— Se eu ainda o amo!... amo, amo! é o amor da mulher que deseja vêr morto o seu algoz!

Como o pensamento era absurdo, o fidalgo intendeu que o delirio continuava.

Sobreveio uma febre ardentissima. O medico chamado ordenou uma copiosa sangria. Executou-se a sentença. Copiosamente desangrada, Joaquina esvaiu-se tão mortalmente ao parecer, que Francisco da Cunha gritou que a tinham assassinado. E não havia espertal-a d'aquella modorra. Chorava o velho, julgando-a a trespassar; a filha, abraçada n'ella, chamava-a a gritos, levantando-a para si

Os reagentes vitaes deram-lhe symptomas de vida. Joaquina abriu os olhos, e murmurou baixinho:

— Estou melhor... Vamos embora, vamos para meu irmão.

— E terá vigor para a jornada? — perguntou o Cunha.

— Heide ter: os meus queridos anjos hão-de ajudarme a entrar na liteira... Depois...

E, quando fazia um geito de sentar-se, recahiu muito cortada de alentos, dizendo:

— Não posso... Morrerei aqui?...

Os mais habeis medicos do Porto, chamados pelo fidalgo, foram de parecer que a enferma não podia jornadear sem perigo certo. Contradizia o Cunha argumentando com dois annos de soffrimentos iguaes, sem todavia seguir-se tamanho quebranto de forças.

— Foi a sangria que a reduziu a isto! — exclamava o velho.

— Seria, não duvidamos — diziam os medicos — mas o certo é que a vida foge-lhe do pulso, e nós não temos outro indicador da força vital. Deixe-a estar alguns dias.

— Mas ella quer partir já.

— Não lhe faça V. S.ª a vontade.

De Villa-nova de Gaya, sahiu um portador para Barcellos a chamar o padre Sebastião Godim. E, no entanto, Joaquina Eduarda pedia a brados que a tirassem d'aquella estalagem.

Por volta do meio-dia, repetiu-se um mais longo deliquio, peorado em symptomas de morte.

— E morrerá sem confissão nem sacramentos esta senhora? — perguntou a estalajadeira ao fidalgo.

— Eu não me posso convencer de que ella está perigosa; — disse Francisco da Cunha — porém, bom será que se lhe ministrem os soccorros da egreja. .

— Que fazem bem, e não mal — concluiu a mulher, e desceu ao pateo no proposito de mandar chamar o reitor.

N'este comenos, parou á porta da hospedaria uma liteira, com um passageiro em habitos de frade cruzio. Os liteireiros pediram pão e vinho para os machos. O frade não queria apear, e pareceu á estalajadeira que elle escondia o rosto entre os braços, cobrindo a cabeça com as mãos.

Perguntou ella a um creado se sua reverendissima era cruzio, e como se chamava.

— È o snr. D. Gaspar de Vasconcellos — respondeu o criado.

Accercou-se da liteira, e disse-lhe:

— V. reverendissima vae doente?

— Não, mulher, não vou.

A estalajadeira disse de si para comsigo: «Eu já vi muitas vezes esta cara!»

— Se V. reverendissima fizesse a esmola de apear um instantinho para absolver uma creatura que está em artigos de morte... — continuou ella.

— Aonde? — perguntou o conego.

— Lá em cima n'um quarto. Vou mandar chamar o snr. reitor; mas afigura-se-me que elle foi para a cidade.

— Eu vou — disse D. Gaspar.

— Pois venha com a graça de Deus!... que pena me faz aquella senhora! ir-se tão nova d'este mundo!...

Subiram.

E o frade, ao avisinhar-se do quarto fatal, tremia, como o condemnado em presença do patibulo.

A estalajadeira entrou adiante a annunciar a vinda d'um sr. frade cruzio de Grijó.

Francisco da Cunha sahiu á porta a recebel-o com as honras devidas a monge d'aquella cathegoria.

É indescriptivel o lance! Gaspar reconhece o fidalgo, e vibra dos labios uma expressão, um som, uma conglobação de gritos inexprimiveis n'um só grito. Francisco da Cunha reconhece-o, e estende-lhe os braços, clamando:

— Não entre, não entre, por quem é!

— Pois que? — tartamudeou Gaspar — a minha suspeita é certa?... Quem está a morrer, snr. Cunha?

N'isto, Joaquina Eduarda resalta do leito como se um ferro ardente a trespassasse dos colchões até ao seio.

Acode-me!... acode-me Gaspar!... *(pag. 303)*

A horrorisada amiga quer segural-a, chamando o pai. Gaspar rompe ao quarto, levando diante de si o velho. Joaquina com os olhos a saltarem-lhe das orbitas, os braços estirados e trementes, a bocca rasgada e aberta na expressão pavorosa do terror, corre para elle, exclamando:

—Acode-me!... acode-me, Gaspar!

O frade recua; cinge-se hirto com a parede; arranca um rugido sotturno que devia ser o nome d'aquella visão; carrega com as mãos ambas sobre o coração, e resvala morto nos braços de Francisco da Cunha.

Rompera-se a ultima membrana do saco aneurismatico: foi a onda de sangue represado que o afogou.

XXXVII

Joaquina Eduarda foi arrancada de sobre o cadaver, no qual enroscara os braços, e fixava os olhos com uma fixidez horrivel. Transferiram-na a outra alcôva, inteiriçada, rigida e fria como morta. O povo, alarmado pelos gritos da estalajadeira, entrava em chusmas até ao interior dos quartos. Ao convento de cruzios da serra chegou a nova da morte do frade, e ao Porto o boato de um suicidio ou assassinio.

Concorreram os cruzios e os magistrados simultaneamente. Averiguada a morte instantanea de D. Gaspar de Vasconcellos, o cadaver foi trasladado á egreja do mosteiro da Serra.

O corregedor, ouvindo a exposição de Francisco da Cunha ácêrca das antecedencias que prepararam aquella catastrophe, disse que mais felizes teriam sido os dois criminosos e já punidos amantes se elle os tivesse capturado alli n'aquella estalagem quatro annos antes; e que o não fizera por commiseração de D. Joaquina Eduarda que elle tinha conhecido e admirado em casa do seu collega o corregedor de Pernambuco, Silva Pereira.

Um respeitavel cidadão de Villa-nova, conhecedor da tragedia corrida na estalagem, e da curiosidade importuna da populaça, que não desistia de vêr a senhora douda, por amor de quem morrera o frade, procurou Francisco da Cunha, e rogou-lhe que sem demora se passasse para a casa d'elle, que partia com os muros do convento dos religiosos de Corpus-Christi sobre o rio Douro. Acceitou Cunha este valioso serviço, e fez entrar Joaquina em uma cadeirinha de mão. O attribulado fidalgo alimpava o suor da fronte, e dizia: «Estas enormes desgraças acabam-me com a vida! Depois de sete annos de expatriação, venho gosar na patria estas delicias!...»

Joaquina Eduarda sahira da cadeira como entrara: um authomato impassivel. Rodearam-na de compassivos affagos muitas familias de Villa-nova, porque o infortunio, aos olhos das pessoas mais superciliosas em pontos de honra, tinha santificado aquella mulher.

A demente circumvagava os olhos por todas as phisionomias estranhas com um ar de desconfiança e susto; se, porém, encontrava os da menina Cunha, abria um sorriso de consolada segurança.

Os medicos recommedaram que a deixassem deitar e socegar. Levaram-na a um quarto cujas janellas abriam sobre a praia. Lançaram-na sobre o leito, e ficou a sós com ella a filha de Francisco da Cunha.

Cuidava esta senhora que a sua amiga recahira em profundo dormir; escutou-lhe a respiração serena e regular, e abriu subtilmente a porta da alcôva para dizer ao

pae que Joaquina adormecêra. Voltou de novo ao alcance da respiração, e viu-lhe os olhos abertos.

— Estás melhor, filhinha? — perguntou a menina

— Que horrendo sonho!... — murmurou Joaquina.

— Sonhaste?...

— Sonhei que o via morrer diante de mim.

— A quem?

— Gaspar... Sonhei que o via morrer n'aquelle quarto em que me elle disse: «fulmine-me o céo, na hora em que eu me esquecer do que te devo.» Sonhei que o vi morrer n'aquelle quarto!... Como elle estava vestido!... que horrivel visão!... que rosto o d'elle!... estava velho!... eu ia para abraçal-o, e a dizer-lhe: «acode-me, acode-me,» e então... cahiu, cahiu... morto!... fulminado!... Que sonho, meu Deus!...

E aqui expediu um grito estridulo que incutiu pavor na senhora que a escutava lavada em lagrimas.

Concorreu muita gente á porta do quarto; as senhoras da casa entraram, e Joaquina exclamou:

— Que é?... que me querem?... eu não o matei... Eu queria salval-o!...

Mostrou vontade de levantar-se, encarando sinistramente nas pessoas que se abeiraram do leito. Ajudou-a a menina Cunha. Avisinhou-se da janella que dava sobre o rio. Encostou a face á vidraça, e começou a cantar uma das lamentações da Paixão de Christo, como se ellas entoavam no convento de St.ª Clara.

N'este momento, viu ella um homem parado em frente da janella. Fixou-o, acenou-lhe com a mão, cor-

respondendo á cortezia do chapeo. Voltou-se para dentro, e disse:

— É aquelle cavalheiro de Vizeu que chorava por mim...

Francisco da Cunha chegou á vidraça, e conheceu o Mello e Napoles, o homem que faz lembrar aquelle convencional que se apaixonou por Carlota Corday, quando as pranchas do patibulo se pregavam.

— Outro infeliz! — disse entre si o fidalgo, e perguntou a Joaquina Eduarda:

— Quer que o chame?

— Não, que elle chora por mim, e faz-me compaixão... — disse ella commovida.

Voltou-se de salto para as damas que se agrupavam no quarto, e perguntou:

— São visitas? ha hoje baile?... Eu vou cantar as seguidilhas todas que sei; mas a minha é a mais graciosa. Gaspar gostava muito de ouvil-a... Ah!

Esta exclamação fez pavor: foi o estalar derradeiro d'aquelle peito! O coração devia diluir-se n'esse instante, porque em seguida os olhos de Joaquina pareciam nadar em sangue. Correu de encontro á porta, que Francisco da Cunha lhe impediu encostando-se, e affastando-a com gestos e palavras supplicantes. Retrocedeu para o leito a demente alumiada, como todos os loucos, á luz da alvorada eterna. Debruçou-se no leito, cravou os dentes na coberta, e gemeu em gritos longo tempo, até esmorecer extenuada e inerte.

Deitaram-na. Cerrou os olhos, e disse mansinho:

— Quero dormir.

A senhora Cunha sentou-se ao pé do leito. Joaquina chamou-a; deu-lhe um beijo; beijou-a mais tres vezes, e murmurou:

— São tres beijos para tua mãe e irmãs. Nunca me chorem... O tempo de me chorarem... acabou.

— Filha... por que falas assim?! — exclamou a menina — tu não morres...

— Ai!... meu anjo do céo... morro, morro... Agora queria socegar...

E voltando-se para a parede, fechou os olhos, e fingiu um profundo dormir. A lagrimosa enfermeira acreditou-a.

Era ao cahir da noite. Decorreram duas horas, e Joaquina Eduarda ainda dormia. Chegaram-lhe a luz perto do rosto, viram-lhe a humidade das lagrimas, e cuidavam que ella chorava sonhando.

Uma das senhoras da casa disse á hospeda que fosse tomar uma chavena de chá, em quanto ella ficava velando a sua querida enferma. Hesitou a menina Cunha; porém, muito rogada, obedeceu.

Instantes depois, Joaquina Eduarda ergueu-se de subito. A senhora, que a vigiava, espavoriu-se, e correu á sala a chamar Francisco da Cunha e a filha.

Quando entraram, viram aberta a janella que dava sobre o areal, e descobriram na escuridão de fóra um indeciso vulto correndo para o caes.

— Vae afogar-se! accudamos! — exclamou Francisco da Cunha.

Como a janella era baixa, o velho e o dono da casa saltaram por ella; mas, ao chegarem á borda do caes, ouviram um estrugido de ondas, e divisaram um vulto estrebuchando á flor d'agua.

Mas, já perto d'aquelle vulto, enxergaram elles outro, cortando as ondas com velocidade espantosa.

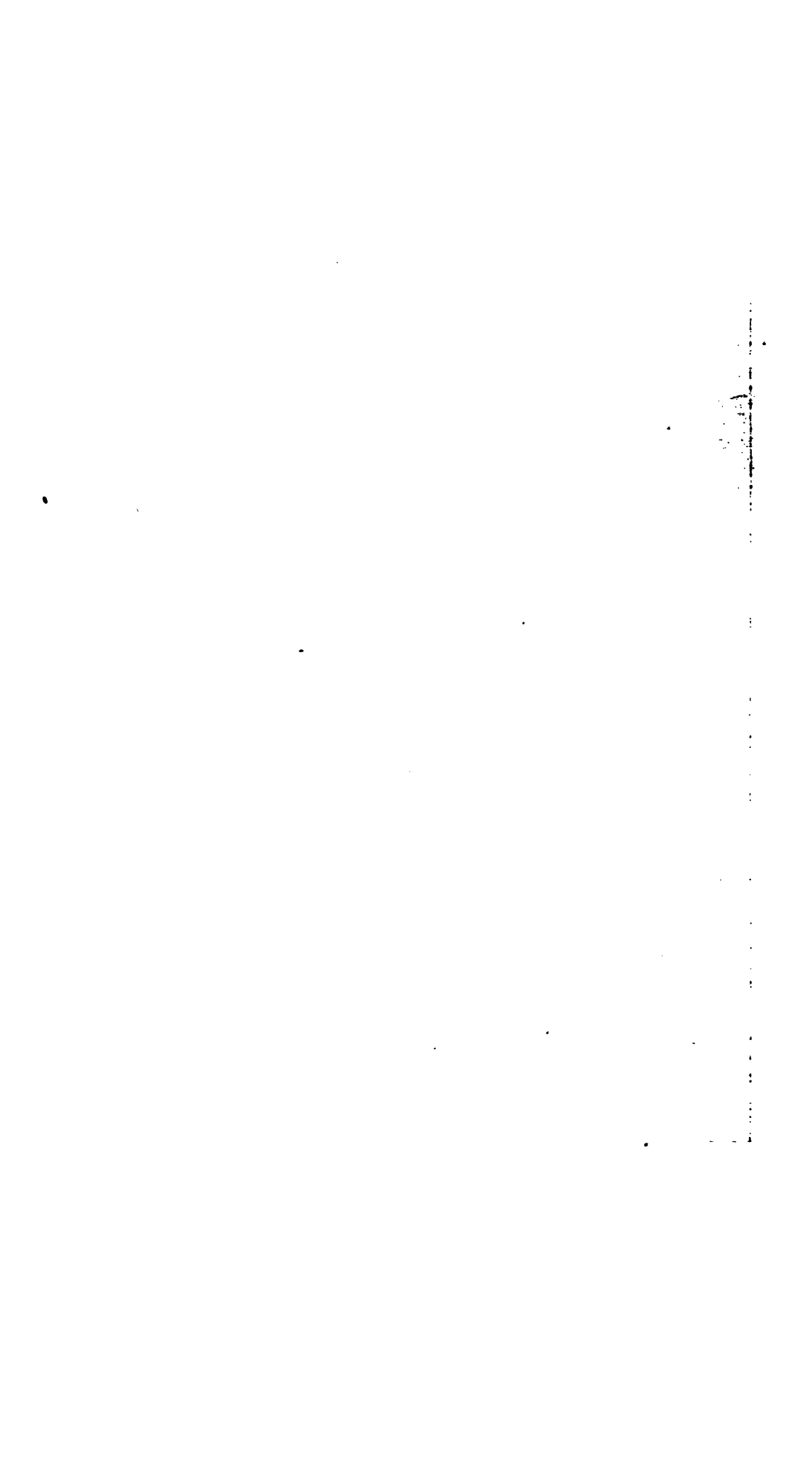
—Vae alguem salval-a?... Dou tudo que tenho a quem a salvar!...—exclamava Francisco da Cunha, ao tempo que das janellas da casa hospedeira sahia um temeroso alarido de brados.

Volvido um quarto de hora de horrivel anciedade, viram avisinhar-se do caes o nadador, com Joaquina Eduarda segura pelos braços em volta do pescoço. Vieram muitas luzes. Rcdearam o corajoso homem que sahia d'agua com a suicida apertada ao seio. O salvador era João de Mello e Napoles; mas Joaquina Eduarda estava morta.

CONCLUSÃO

Ao fim da tarde do dia seguinte, o padre Sebastião Godim chegou ao Porto com o coração a desbordar de contentamento.

Apeou á entrada da ponte das barcas, para levar o cavallo á redea, e viu do lado d'além uma fileira de tochas, ao tempo que dobravam os sinos. Perguntou a um grupo de homens que estavam olhando na direcção das luzes, se havia morrido alguem de consideração em Villa-nova.

Rodearam o corajoso homem que sahia da agua... (pag. 312)

...morreu no Bussaco um eremita... *(pag. 315)*

Um dos interrogados respondeu:

—Foi uma senhora que se atirou ao rio.

—Quem era?—perguntou o padre ainda insuspeitoso.

—Era uma senhora do Minho, e pelos modos fidalga, que amava um frade de Grijó, que hoje de manhã morreu de repente no quarto d'ella na estalagem da Michaela de Gaia.

Padre Sebastião perdeu a consciencia de sua individualidade n'aquelle instante e em cinco minutos seguidos; todavia, machinalmente, foi attravessando a ponte; e guiado pelo clarão das tochas, parou á porta da egreja.

Entrou; encostou-se a um recanto do templo; ouviu os officios funebres, e proferiu as palavras do ritual. Terminados os responsos, avisinhou-se do esquife, que se levantava em eça pouco alta, descobriu o rosto da irman, beijou-lhe a fronte, cobriu-lhe o rosto e murmurou:

—Dai-lhe, Senhor, eterno descanço.

Indagou da residencia de Francisco da Cunha, e soube que elle partira para Vizeu, logo que a defuncta foi amortalhada, e pagas as despezas do sahimento.

Não tenho precisos esclarecimentos do destino de Sebastião Godim. Sei, porém, que em 1778, dez annos depois, morreu no Bussaco um eremita com aquelle nome e apellido. D'outros personagens, que mais ou menos entram na urdidura d'estas paginas torvas, não merecia a pena indagação. É crivel que fr. João de Vasconcellos se

finasse muito velho, por que tinha contra a desgraça dos seus e desgostos proprios dois admiraveis escudos: um era um leal e laborioso estomago; o outro era uma fé solida na bem-aventurança dos que soffrem com paciencia e esperam em Deus.

D. Maria Amalia voltou viuva de Pernambuco, e casou em segundas nupcias com um desembargador da Supplicação, e em terceiras nupcias com outro desembargador da Supplicação. Dizia-se em Lisboa que D. Maria Amalia era um cabido de garnachas.

Quando lhe falavam pessoas indiscretas das desgraças de sua irmã, respondia:

— Consequencias inevitaveis dos erros. Eu, de mim, tenho-me sujeitado a viver esposa de velhos, para ter juiso e consideração.

Era tolo o raciocinio; mas os corollarios judiciosos. Maria Amalia quando enviuvou pela terceira vez, estava considerada rica. Não sei em que anno se foi para o céo aquella virtuosa matrona.

Ora, João de Mello e Napoles, o salvador do cadaver de Joaquina Eduarda, morreu na flor dos annos, depois de haver escripto os apontamentos essenciaes d'esta historia, que foram encontrados na livraria do barão de Prime, fidalgo de Vizeu, fallecido ha poucos annos.

FIM

NOTAS

Pag. 4 — *Festejos d'um casamento que nunca se realisou.*

«Chegou no entanto (1682) a comitiva do Duque de Saboia a Lisboa, e foi esta occasião a primeira, que se ouviu em Lisboa musica italiana. devendo então tanto escarneo, como hoje apreço.» *Memorias da Serenissima princeza D. Isabel por Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha.*

Parece que, decorridos quatro annos, alguns fidalgos portuguezes, enviados á côrte do principe Filippe Guilherme, a fim de conduzirem para Portugal a Rainha Maria Sophia Isabel, segunda mulher de Pedro segundo, soffreram na cidade de Heidelberg uma indigestão d'opera, a qual indigestão o secretario do conde de Vilar-Maior delicadamente argue na seguinte narrativa: «A comedia foi cantada ao modo de Italia com muitas apparencias, em que se ostentou tudo o que comprehendem os limites do esplendor, e da magnificencia. Era o titulo da comedia Ulyssea, e o argumento a fundação de Lisboa, em que a formosura da nympha Calypso, e os affectos de Ulysses davam materia ao poeta para allegorisar a acção presente, concluindo sempre com faustas acclamações á felicidade d'este real consorcio; e como a comedia era grande, e a musica com que se representava a fazia maior, occupou a sua representação duas tardes, rematando-se o acto com um bailete, em que entraram os principes varões mascarados.. » *Embaixada que fez o Ex.*^mo^ *Sr. Conde de Vilar-Maior, etc.*

Pag. 7 — *O Schiattini, infeliz tenor que pedias nas árias que te pagassem e os emprezarios offendidos te levavam, no fim de cada recita para o Hospital dos doudos!*

Em uma já bastante vulgarisada nota do poema heroe-comico de Dinis, vem graciosamente contado o caso pelo theor seguinte: «Zamperini, comica cantora, Venesiana, que veio a Lisboa em 1770, com a qualidade de prima donna, e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazidos da Italia pelo Sr. Galli, notario apostolico da Nunciatura, e banqueiro em negocios da Curia Romana.

Entregou-se a essa *virtuosa* sociedade o theatro da rua dos Condes. Como havia tempos que não se ouvira opera italiana em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada de tantos *virtuosos*, mormente da senhora Zamperini que logo com sua familia foi grandissimamente alojada. Esta familia Zamperini, compunha-se de tres irmãs, e de um pai, homem robusto e bem apessoado que, apesar d'uma enorme cabelleira com que debalde pretendia dar quinão aos espertos alvidradores de idades, mostrava todavia no semblante poder exigir da sr.ª Zamperini menos alguma coisa, que piedoso e filial respeito, ou dever-lhe outorgar alguma coisa mais que a sua paternal benção.

Sendo forçoso custear esta especulação theatral, os agentes, interessados n'ella, lembraram-se de recorrer ao filho do Marquez de Pombal, o conde d'Oeiras, então presidente do senado da camara de Lisboa, que, já preso e pendente da encantadora voz da Sirea Zamperini, annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspicios, ideou se uma sociedade, com o fundo de 100 mil cruzados, repartidos em 100 acções de 400 mil réis cada uma. Para alcance prompto d'esta quantia, lançou-se uma finta sobre alguns negociantes nacionaes e estrangeiros que, em dia assignalado e a horas fixas, sendo juntos no senado, sem saberem a que eram chamados, ouviram da bocca do conde presidente as condições d'essa nova sociedade theatral. N'uns, o receio do serem mal vistos do Governo, n'outros, a vontade de agradar ao filho do primeiro Ministro, foram as poderosas considerações que os arrastaram a todos assignar as ditas condições, das quaes a mais penosa era a da somma, que logo preencheram.

Parece que os agentes e inventores d'esta sociedade tiveram por alvo singular, o de mulctar a austera sizudesa de alguns negociantes velhos; pois no rol dos assignantes, a maior parte dos nomes era de pessoas idosas, que nunca haviam sido vistas em publicos divertimentos. N'essa mesma junta foram logo nomeados quatro administradores inspectores do theatro, os quaes, com o maior desinteresse, regeitando commissão e ordenado, se deram por pagos e satisfeitos com a simples e modica retribuição de um camarote commum a todos quatro. Ignacio Pedro Quintella, provedor da companhia do Gran-Pará e Maranhão e tio do Ill.^mo Barão de Quintella, Alberto Meyer, Joaquim José Estolano de Faria e Theotonio Gomes de Carvalho foram os nomeados inspectores administradores, *nemine discrepante*.

Poucos mezes depois da abertura d'este theatro, assim montado e administrado, morreu o já indicado pai da sr.ª Zamperini: a administração fez-lhe um sumptuoso funeral, e no trigessimo dia após o obito magnificas exequias na egreja do Loreto, onde fôra sepultado. Alguns criticos de má lingua haviam espalhado o boato de que, n'essas exequias, havia de recitar a oração funebre o padre *Macedo*, a esse tempo muito bom, e justamente acreditado pregador, e poeta que já comprimentára a Zamperini com varios sonetos, odes, etc. O patriarcha D. Francisco de Saldanha, receando que assim succedesse, mandou vir á sua presença o padre Macedo, prohibiu-lhe de orar em taes exequias; de ir á Opera; de fazer versos á Zamperini; e ordenou lhe de substituir por uma cabelleira o cabello que trazia, á italiana, bem penteado e muito apolvilhado Em vão allegou o padre Macedo com o exemplo dos clerigos da nunciatura, que todos usavam de pomada e pós; e que a cabelleira offendia os canones: pois até os padres, que d'ella usavam por causa de molestia, eram obrigados a impetrar breve de Roma, que na nunciatura era taxado em um quartinho, por tempo d'um anno de indulto. O patriarcha foi inexoravel sobre este ponto da cabelleira, e sómente moderou a ordem de não ir á opera, com o preceito unico de não apparecer na platéa, e com a faculdade de acantoar-se em fundo de algum camarote, ou em frisura pouco apparente, como a do auditor da nunciatura, *Antonini*, e do secretario do cardeal *Conti*, o padre *Carlos Bacher*, e outros padres italianos que, como elle, frequentavam a opera, e a casa da Zamperini.

Não foi o padre Macedo o unico apaixonado admirador da Zamperini; muitos poetas nacionaes e estrangeiros tributaram-lhe obsequiosas inspira-

ções de suas musas. Entre elles distinguiu-se o encarregado dos negocios de França, o *Chevalier de Montigni*, cujos lindos versos ainda são lembrados. Em todos os estados, e em toda a idade, encontrou essa Sirea rendidos e rendosos adoradores. Em dias santos, á ultima missa, a que ella costumava assistir, na egreja do Loreto, era o concurso que após si chamava, numeroso e luzidissimo

Antes de findos dois annos, e logo depois da morte do administrador Ignacio P. Quintella, o fundo da sociedade theatral achava-se exhausto, e as receitas montando a tão pouco, que mal cobriam as despezas indispensaveis do serviço mais ordinario, os administradores deixaram de pagar os salarios dos comicos e dos musicos da orchestra. Entre os primeiros havia um chamado Schiattini, tenor acontraltado, homem jovial e poeta que, por haver pedido o que lhe era devido, em estylo que não agradou aos administradores, foi por estes aquartellado na casa dos orates, d'onde era conduzido ao theatro, todas as vezes que havia opera. Schiattini, valendo-se então do privilegio analogo á residencia a que fôra condemnado, vingava-se em parodiar sobre a scena a parte que no drama lhe tocava, com satyras recitadas e cantadas que divertiam os espectadores á custa dos agentes da administração. Recresceu a provocada raiva d'estes, e o pobre Schiattini, vendo-se em maior aperto, recorreu a el-rei D. José que, informado da injustiça com qne era tratado, o admittiu na sua capella.

Escusado é, parece-me, dizer que esta negociação theatral apenas durou até meado de 1774, que o Marquez de Pombal fez sahir de Lisboa a Zamperini; e ainda mais escusado relatar as causas d'esta ordem do governo; direi sómente que os accionistas não colheram coisa alguma d'essa empresa; pois achando-se empenhada e devedora a infinitos credores, não tiveram outro beneficio, que o que lhes resultava do privilegio especial de não serem obrigados a mais do que o fundo, que cada um julgou perdido, logo que com elle contribuiu.

Pag. 8 — *O patriarcha dos folhetinistas em Portugal, padre Francisco Bernardo de Lima, que então escrevia a Gazeta Litteraria, obra de tal cunho, que daria hoje em dia nome e honra a quem assim a escrevesse.*

Como specimen de vernaculidade, illustração e atilado espirito, extractamos um fragmento do folhetim que o padre Lima escreveu ácerca d'esta opera. E' tão raro o livro d'onde o trasladamos que para a maioria dos leitores será o extracto uma agradavel novidade.

Diz assim: «Que a musica geralmente falando, é mais efficaz do que a declamação, e que dá mais força aos versos do que esta, é uma verdade, que só póde negar o que tem o ouvido muito longe do coração, ou não tem absolutamente instincto algum. Assim como o pintor imita as côres da natureza, da mesma sorte o musico imita os tons, os accentos, os suspiros, as inflexões de voz, e todos os sons, com que a natureza exprime os sentimentos e as paixões. A mesma natureza nos mostra os cantos que são proprios para exprimir os sentimentos, de sorte que, quando recitamos uma poesia terna, insensivelmente lhe vamos dando certos tons, accentos e suspiros proprios, á proporção de cada sentimento. Todos estes sons ou vozes inarticuladas teem uma força maravilhosa para nos mover, porque são os signaes das paixões instituidos pela natureza, de que aquelles receberam a sua energia, e se conhecem em todo o mundo, ao mesmo temdo

que as palavras articuladas são signaes arbitrarios das paixões, instituidos pelos homens e conhecidos em um só paiz. Os signaes naturaes das paixões, que a musica ajunta, e emprega com arte para augmentar a energia das palavras, tem uma força maravilhosa para nos mover; e esta, que é derivada da mesma natureza, faz que o recreio do ouvido venha a ser recreio do coração, como já advertiu Cicero, um dos maiores observadores dos affectos humanos.

As paixões dos homens naturalmente se exprimem pela acção, pela voz, e pelos sons articulados. Nos seculos incultos parece que o gosto seria grosseiro, e horrivel, a voz só brauidos, e a lingua ou sons articulados seriam á semelhança do grasnar dos patos, como ainda hoje vemos na lingua dos Hotentotes, que não admittiu cultura alguma

Pelo decurso do tempo, em que se foi observando o mais agradavel, pela natural inclinação que temos á melodia, mudou-se a voz em som, o gesto em dança, e a fala em verso, seguindo-se naturalmente por frequentes experiencias os instrumentos musicos á imitação da voz humana. Tal é a origem, e união da musica, dança e poesia, que achamos ainda ha poucos seculos continuada nas tribus selvagens de todos os climas, como nos Iroquezes, nos Hurões, nos habitantes do Perú, etc., e o mesmo vemos na Grecia, se examinarmos bem esta origem. O judicioso Browne, que fez uma enumeração das consequencias naturaes de uma supposta civilisação entre as nações selvagens quando entrassem a cultivar as artes, diz que os seus legisladores seriam os principaes musicos, que os seus mais antigos heroes, e deidades seriam louvados por serem iminentes na musica e dança, e que as suas primeiras historias seriam compostas em verso, e cantadas, assim como as suas maximas, proverbios, leis e ritos religiosos. Estas deducções se realisam mostrando-se que taes consequencias se seguiram de facto na antiga Grecia; e se provam com o testemunho de Platão, Luciano, Strabão, Plutarco, Homero, Hesiodo, e outros antigos escriptores.»

Pag. 8. *Quinze litteratos de maior polpa.*

Offerecemos, como subsidio, para a Historia litteraria do Porto os nomes dos quinze poetas e prosadores portuenses, coevos e panegyristas do governador João d'Almeida e Mello. N'este nosso tempo de academias a cada esquina, e illustração a rodo a cada canto, procurem quinze litteratos no Porto...

Eis-aqui nomes que não devem extinguir-se com o folheto que faz hoje cem annos ao justo que sahiu da *Officina portuense*:

Alvaro Leite Pereira do Lago Vasconcello [1].—Francisco Joseph de Sales.—Francisco Maria de Andrade Corvo Palhares e Mello [2].— Fr Joaquim Rebello de Santa Anna [3].— Manoel Pedroso de Lima [4].— Luiz de Santa Angela de Fulgino Fiuza [5].—Sebastião José de Godoy Moreira.— Francisco Dias de Oliveira.—Luiz Manoel Guedes d'Oliveira da Silva.— Bento Gomes Delgado [6].— Antonio José de Brito Sousa Abreu de Lima.— Joaquim José Lino de Sá Camello.—João Xavier Moreira da Silva.—Manoel O. de Santos Oliveira da Silva [7].—Antonio da Costa Correia de Sá.

---

1 Fidalgo, e abbade de Santo Ildefonso, *extra-muros*.— 2 Fidalgo.— 3 Frade de S.Jeronymo.— 4 Oppositor ás cadeiras da Universidade.— 5 Frade. *Poetou em latim virgiliano*.— Guarda-mór da Alfandega.— D. Prior da collegiada de Cedofeita.

Pag. 16. *O elegante prosador José Gomes Monteiro.*
E' extrahido o chistoso folhetim do *Nacional* de 11 d'abril de 1851.

O theatro italiano no Porto em 1762

Se eu me propozesse a falar da polvora na batalha do campo d'Ourique, não causaria isso talvez mais estranheza a muitos de meus leitores, do que falando-lhes do theatro italiano no Porto, ha noventa annos! E comtudo é este capitulo da Chronica portuense extrahido de documentos coevos e tão authenticos, que assim os tivesse o milagre operado n'aquella famosa jornada. De facto nós os portuenses, em que pêz a nossos detractores, já somos europeus ha muito mais tempo do que geralmente se cuida. Ha quasi um seculo, já os nossos antepassados conheciam a bernarda patriotica, e a opera italiana; duas cousas, sem as quaes não ha europeiismo, nem progressismo possivel.

Politica e theatro são o sangue venoso e arterioso que vivificam uma cidade civilisada. Que seria das plateas, do Café, do salão, do pasmatorio, se á risca se executassem a lei das rolhas e os editaes policiaes sobre os espectaculos publicos? De todas as artes e sciencias, a musica e a politica são sem duvida as que mais contribuem para a obra da civilisação. Amphion fazendo mover as pedras dos muros de Thebas sem outro guindaste mais que os sons da sua gaita, não é a meu vêr menos progressista do que Lycurgo e Solon dando constituições aos povos, ou Bruto proclamando a republica por meio de uma bernarda. E' por isso que eu sou de voto que esta invicta cidade deve levantar estatuas colossaes ao grande João d'Almada, e aos não somenos heroes *Chéta*, *Cozido* e *Tatevitate*. Quasi pelo mesmo tempo foram estes benemeritos cidadãos os inauguradores d'estes elementos de civilisação e progresso;— o primeiro creando o theatro italiano; os tres, pondo nas ruas do Porto em 1757 a primeira bernarda, ou, como elles diziam, a primeira *léria* de vulto, que vio esta nobre cidade.

O magnifico Sargento-mór de batalha e governador general da provincia e cidade do Porto, João d'Almada e Mello, tinha, é verdade, comprimido a léria a golpes de espadão; mas não deixava por isso de ser um bom progressista a seu modo—sem leria. O governador era do partido do absolutismo illustrado, pois, segundo se exprime um seu panegirista e protegido, elle odiava as «subtilezas que a ociosidade inventa para destruir e confundir o juizo da mocidade com o pretexto de o apurar»; mas amava apaixonadamente a illustração, as sciencias, as artes uteis e agradaveis. D'ahi a protecção aos homens de letras e aos artistas; a creação de um jornal litterario de bastante merecimento; a instituição de uma academia de artes e sciencias em seu proprio palacio; d'ahi os grandes edificios, o luzimento de sua casa, e finalmente o theatro italiano.

Era pois por um dia do mez de maio de 1762, quando os lacaios, pagens e escudeiros de s. exc.ª andavam avisando pela rua Chã, rua das Flores, rua Nova (dos Inglezes), Bainharia, Praça nova das Hortas, e em geral pelas moradas da nobreza e rica burguezia da cidade, que se tinha definitivamente marcado o dia seguinte para se pôr em scena a famosa opera de Pargholesi *il Trascurato* Já se vê que o cartaz, levado hoje á perfeição pelo nosso amigo G., era ainda um progresso por conquistar.

Desde logo começam a chover os recados para a calçada do Corpo da Guarda, quasi toda habitada pela então importantissima classe dos cabelleireiros. Estes sahem aos bandos, emborulhados em amplos capotes, sob os quaes levam a competente caixa de lata, de prevenção. Digo de prevenção porque em geral os freguezes de ambos os sexos tinham este indispensavel estojo d'empolvilhar, que continha, além dos polvilhos e cosmeticos, um par de pentes, e uma borla de volatil e subtilissima penugem, que sa cudida com exquisita dexteridade pelo mestre cabelleireiro, tornava de neve uns bellos cabellos de ébano e ouro, penteados á Marraffi.

A hora da partida aproxima-se, e as bellas, ataviadas e penteadas, pedem uma ultima approvação ao espelho e á sua aia. «Eufrazia, diz uma, estas anquinhas ficam-me horrivelmente; que ridicularia de volume. E esta marrafa! se isto é marrafa que se apresente na comedia! Olhem que bello feitio eu hei de fazer ao pé das filhas do Almada e do Chanceller? E os *sinais*. . só tres e tão pequenos. . Que raiva!...» E n'isto de chorar, de raiva, como ella dizia. — «Anjo bento, dizia a lepida lacaia, a menina escusa de chorar por tão pouco. Eu lhe avolumarei as anquinhas e o topete, que até não caiba pela porta da comedia. E por falta de sinais não ha de parecer mal ao pé d'essas senhoras. Alli está ainda um covado de tafetá e gomma arabia que farte, para lhe sarapintar a cara, que a falar a verdade era melhor ir lisa, como Deus lh'a deu, tão galantinna.»

Similhantes scenas se passavam em differentes mansões do *beau monde* portuense; e, diga-se a verdade, não eram os peralvilhos menos impertinentes em seus atavios e penteados».

Afinal os *dilletanti* d'ambos os sexos começam a pôr se em movimento para o largo do Corpo da Guarda, local do primeiro theatro lyrico que teve esta cidade. A noite era escura, e como as necessidades publicas ainda não tinham reclamado a illuminação da cidade, n'esta occasião extraordinaria o archote era o sol electrico d'aquelle tempo. E confessemos que, ainda hoje, quem não quizer expor-se a quebrar as pernas aos traiçoeiros barrancos que a ex.^ma camara manda abrir por essas ruas, o archote é uma cousa indispensavel.

Banhados pois pelo immenso clarão de archotes, empunhados por escravos negros, caminhavam os differentes grupos de pedestres burguezes, que hoje tomariamos por bandos de mascaras em noite de carnaval. A fina flor da aristocracia e a burguezia aristocratisada rodavam soberbos por estes grupos em velozes carruagens, tiradas por bellas parelhas de muares bem ajaezadas e muitas tambem por bellissimos cavallos. Tal era a *magnifica Estufa ou Faetonte* do faustoso governador, tirada por quatro bizarros frisões, a que, em dias solemnes, costumava juntar mais uma parelha.

A cadeirinha transportada pelo subdito hespanhol com tanta firmeza como serenidade, tambem foi posta em movimento. Um só vehiculo deixava de contribuir para a animada scena que se passava nas ruas da cidade. Já meus leitores sabem que falo do carroção — do carroção-omnibus — emblema do pausado e reflectido progresso portuense — *festina lente*. A verdade é que este capacissimo vehiculo, a que o nosso engenho inventivo se lembrou de applicar a força motriz do boi, ao mesmo tempo que os inglezes applicavam o vapor ás carruagens; estas commodas arcas de Noé que transportam para o theatro e para a Foz os amos, as creanças, as criadas, os cães e os gatos, o papagaio e o cochixo — este vehiculo, digo

era invenção mui superior ao desenvolvimento intellectual de nossos antepassados de ha cem annos.

Mas eis a companhia reunida na casa da opera. Os camarotes estavam radiantes de formosura e de riqueza. Magnificos vestidos de cabaia, elegantes enfeites de diamantes, scintillando em alvos seios, e alvissimas cabeças, davam uma brilhante apparencia ás duas ordens de camarotes de que a sala se compunha. Se estas não tinham que invejar ás quatro ordens de que hoje se compõe o theatro de S. João, é justo confessar que a platéa do seculo XVIII era infinitamente mais pittoresca do que a nossa. O costume de nossos avós, ou tataravós, para falar com mais precisão, rivalisava em luxo e variedade com o do bello sexo. As casacas de seda de vividas e variadas côres, os punhos de finas rendas, a prata que resplandecia nas guardas de seus fains, o fio de ouro que serpeava nas bordaduras de seus colletes e calções, tudo dava um brilhantismo áquella reunião, que contrasta profundamente com a nossa moderna platéa. Lá brilhava a seda, o ouro, a prata; aqui, n'uma massa compacta de luctuosos pannos pretos, só brilham as luzidias calvas dos nossos dilettantes.

Mas os leitores estão impacientes por assistir a esta curiosa representação de 1762. Tambem não era menor a impaciencia do respeitavel publico d'aquella noite. Porém, o magnifico governador ainda não tinha chegado, e sem chegar s. ex.ª seria um desacato começar uma funcção, que era toda sua.

De passagem advertirei que supposto eu desse ao publico o titulo de *respeitavel*, a que hoje elle tem tão bom direito como o consciencioso deputado ao titulo de *illustre*; fil-o por mera cortezia para com os nossos honrados avós, e não porque o publico d'então soubesse fazer-se *respeitar* como o de agora. O tacão estava ainda longe de ser um dos poderes sociaes e um meirinho do chanceller Crasbeeck com a terrivel rosca de junco a sahir-lhe pela portinhola da casaca, era capaz de prover de paciencia os mais insoffridos peraltas d'aquelle bom e chorado tempo.

Mas emfim, s. ex.ª appareceu na frente de seu espaçoso camarote. Toda a companhia, damas e cavalheiros, se levantou e fez um respeitoso salamalek ao poderoso e magnifico visir. A um nuto seu, a orchestra rompeu a symphonia, e os espectadores, e das espectadoras as que sabiam lêr, abriram o *libreto* do *Trascurato*.

O *libreto*? Pois acaso o nosso amigo G. não é tambem o introductor d'este genero de litteratura n'esta cidade? Não, meus senhores, o *libreto* data já de 1762. Eis aqui o seu titulo por extenso. Il TRASCURATO. *dramma grazioso per musica da rapresentarsi nel Teatro della molto illustre citá del Porto. Na officina do capitão Manuel Pedroso*, 1762. D'este titulo parece inferir-se que esta opera fora composta expressamente para o theatro do Corpo da Guarda, circumstancia que lhe daria uma decidida superioridade sobre o nosso moderno theatro. Diz-se que o respeitavel publico d'agora é exigente em demasia; mas sinceramente creio que elle tem dado uma grande prova de moderação em não bradar, ao estrondo de martellos, mascotos, estalos e apitos — queremos doze peças novas, e duas pelo menos compostas expressamente para o nosso theatro! E com razão. Porque seremos nós eternamente condemnados a ouvir essas peças que teem feito o giro do mundo, e que nos chegam cantaroladas pelo rapasio de toda a Europa! Os nossos nove patacos, que, ao fim de seis mezes theatraes, so-

bem a uma somma enorme de contos de réis, não valerão, por serem de bronze, tanto como o dinheiro dos estrangeiros! Na verdade, temos retrogradado em *dilettantismo;* mas é de esperar que a publicação d'esta importante antigualha desperte em nossos tacões uma nobre emulação, que nos colloque a par de Paris, Londres e Milão.

O panno de bocca subiu vagarosamente, e os espectadores ficaram extaticos e boquiabertos, admirando o bellissimo scenario que acabava de descortinar se a seus olhos. Compunha-se elle de dois bastidores por lado e um panno de fundo, representando tudo um peristilo ou columnata de ordem corinthia. Esta vista de *sala regia*, segundo o technismo dos entendedores, foi immutavel durante os tres actos da peça, ainda que ella pedia differentes mutações, de jardim, bosque, praça, etc.

A columnata foi enthusiasticamente applaudida, e pelos camarotes se fizeram os maiores elogios ao artista. Uma dama espirituosa, conversando com um entendido cavalheiro, fazia as mais engenhosas observações sobre aquelle *chefe d'obra*. «Na verdade, sr. D. Paschoal, é até onde póde chegar o genio: parecem mesmo umas columnas!» — Exactamente, minha senhora; columnas sem tirar nem pôr; columnas *ogivaes*. Mas porque dinheiro não estão ahi essas columnas. — Oh! isso de certo. — Faça idéa, minha senhora, que foi preciso que o nosso emprezario roubasse ao theatro da Escala o seu primeiro pintor. Emfim, minha senhora, ordenado, multa paga ao theatro de Milão pela quebra do contracto, despezas de viagem, etc., etc., custa o tal pintor ao nosso emprezario entre 40 a 50 mil francos! — Isso sr. D. Paschoal, tambem é de mais. Eu não estou agora certa de quantas moedas fazem 50 mil francos; mas sempre me parece um desproposito só por estas columnas, ainda que admiraveis. — Assim parece, minha senhora; mas por isso o sr. Almada, que tem tomado a peito pôr o nosso theatro a par dos primeiros da Europa em luxo, elegancia e conforto, para aproveitar esta occasião unica, ordenou ao insigne artista que pintasse por conta de s. ex.ª mais um par d'estas mesmas columnatas para nos ficarem de reserva. — S. ex.ª é d'um gosto admiravel, sr. D. Paschoal.»

As columnas agradaram geralmente; não faltou, porém, quem pela bocca pequena dissesse nos corredores que o famigerado artista era apenas um moedor de tintas do primeiro pintor do theatro da Escala, e que tinha vindo a Portugal por pouco mais de uma duzia de moedas. Alguem tambem embirrou com a estafermidade das taes columnas durante toda a representação; e com quanto não fosse isempto de perigo criticar um espectaculo debaixo da immediata protecção do omnipotente governador, o rev. folhetinista *P. Francisco Bernardo de Lima* disse na sua *Gazeta litteraria*:

«Como o senado do Porto não concorre hoje com a menor despeza para este necessário divertimento. que póde interter os cidadãos na mais viva alegria, livrando-os quando menos, *d'aquellas indiscretas reflexões sobre materias que só tendem a procurar lhes a sua ruina;* dizem os amantes das representações theatraes que a opera publica é por esta falta defeituosa; porque, sem embargo de serem imperfeitas as primeiras pantomimas até estas se supprimiram por falta de meios, e por este mesmo motivo as vistas do theatro apenas são duas de columnatas, ou a scena da opera se finja em uma cidade, ou em uma praça, ou em um jardim, ou em um bosque, ou em uma sala, ou nas margens do mar, etc.»

Este precioso trecho dava para graves considerações ácerca do espirito portuense no seculo passado; por agora contento-me com lembrar aos nossos brilhantes folhetinistas modernos, que o primeiro folhetim theatral portuguez foi escripto, ha noventa annos, n'esta boa cidade do Porto a qual, em boa consciencia, não é tão exclusivamente dada ás idolatrias utilitarias do arroz e da manteiga como alguns teem pretendido. Mas tornemos ao espectaculo.

A celebre *Giuntini* appareceu em scena. A Giuntini era uma d'estas mulheres adoraveis que fascinam, subjugam, embriagam uma platéa, sem excepção de classes ou idades. A extremada formosura de seu rosto, o voluptuoso desenho de suas fórmas, a elegancia do pisar, os ademanes, sem affectação apparente, e producto comtudo de uma arte consummada; este complexo de graças produziu um effeito maravilhoso sobre uma platéa ainda não gasta pela saciedade dos prazeres theatraes. Não houve peralvilho que mentalmente não fizessse infidelidade á dama de seus pensamentos. *Ellas*, coitadas, aperceberam-se facilmente d'esta tacita preferencia, e sentiram-se humilhadas com a presença da encantadora sylphide. Os mesmos *pés-de-boi*, que com muita reluctancia e só por *ordem superior* tinham ficado com a sua cadeira de platéa, sentiram um estremecimento, um choque electrico, que os despertou do somno que quotidianamente os costumava visitar áquella hora. Algum houve que levou maquinalmente á testa o pollegar da mão direita, como para esconjurar um pensamento menos puro.

A *Giuntini* cantou divinamente. Os applausos foram geraes. Os proprios moradores de Sant'Anna, de que acabei de falar, acharam que o sr. João d'Almada fizera bem em os compellir a ser philarmonicos, e sustentaram o applauso com pezadas e retumbantes palmas. Estes applausos férvidos e sinceros, pelo menos por parte do batalhão da cidade velha, foram dados ao andante da aria, que a divina *Giuntini* cantára com indizivel expressão, mimo e suavidade. Os nossos antepassados menos gastos, ou de uma organização mais delicada do que a nossa, davam largas á expansão de seu enthusiasmo na primeira opportunidade que se lhes offerecia. Nós hoje aguardamos, com toda a nossa fleugmatica gravidade que as notas finaes dos timbales venham exaltar a nossa sensibilidade, para rompermos, quando isso acontece, em parcas e compassadas palmas.

Seguiu-se o *alegro*, que foi executado n'um estylo verdadeiramente extraordinario.

Enthusiasmada pelos applausos colhidos no andante, a *Giuntini* olhou para o regente da orchestra com uma expressão que o maestro comprehendeu perfeitamente. Este, alçando o arco do violino, fez um signal aos seus subordinados, que foi igualmente comprehendido. Era um duello a todo o transe rapidamente proposto e acceite entre a musica vocal e a instrumental.

Só a magnifica descripção virgiliana dos ventos saindo impetuosos de suas cavernas á voz do padre Eolo, nos póde auxiliar a imaginação para fazermos uma pequena idéa d'esta lucta extraordinaria. Um turbilhão de fusas e semi-fusas se desatou d'ambos os lados, e adquirindo cada vez mais velocidade e violencia, mugindo e bramando, formavam rodemoinhos, em que centenares das esfusiadas notas vinham cahir aos pés dos azafamados instrumentalistas. Os pobres rebecas, com os cabellos estacados, já não

podiam dedelhar sua difficil escala. Os contrabassos com as faces sulcadas de grossas bagas de suor, luctavam arca por arca com seus monstruosos instrumentos. Os trompas, os serpentões, não *inchando á tuba o bronzeo ventre,* como diz Filinto, mas enchendo as afogueadas bochechas com toda a valentia dos pulmões, e esbugalhando horrivelmente os olhos, chegavam a causar horror. Foi por elles que principiou a manifestar se a derrota da orchestra. Com effeito já ella estava em pleno charivari. Ainda a gloriosa *Giuntini* soltava um niagara de notas, quando os pobres instrumentalistas se renderam á sublime cantarina. Então os applausos foram estrepitosos, freneticos, delirantes. As corôas, as flores caiam as canastras e a *prumo* sobre a cabeça da triumphante actriz; os pombos arrastavam a aza por entre os bastidores, d'onde tinham sahido, e os sonetos *improvisados* directamente para o *componedor*, cahiam copiosos como foleca sobre as gaforinas do respeitavel e escandecido publico.

«Que bello triumpho,—dizia uma senhora para um cavalheiro que a fôra visitar no entre-acto;—que merecidos applausos! No andante andou bem; mas no alegro foi prodigiosa. Que corda de voz! que mimo! que expressão! Não reparou, sr. Adolpho, com que pureza subia aos mais altos pontos da escala chromatica, e que volume de diapasão apresentou nos baixos?—Pois não havia de reparar, minha senhora, se eu era todo olhos e ouvidos. Confesso o meu fraco, se o é; quem me quizer vêr esquecido de tudo n'este mundo é dar-me um boccadinho de musica. Era capaz de estar dois dias e duas noites, sem comer nem beber, a ouvir este admiravel *alegro.*—Exactamente como eu, sr. Adolpho. E aquelles pobres musicos, como ella os poz fóra de combate. Coitados, cheguei a ter pena d'elles; parecia que queriam arrebentar.—Parecia, diz v. ex.ª? pois não sabe ainda o que aconteceu?—O que? o que? sr. Adolpho?—Um dos contrabassos deslocou um braço, e um desgraçado trompa arrebentou, no sentido litteral da palavra.—De veras? é possivel? Pobre homem, que falta não fará á sua familia. Mas tambem quem mette estes pobres velhos, a maior parte d'elles homens d'officio, a acompanhar uma actriz d'esta força?—Minha senhora, não é a primeira vez que isto acontece. A famosa *Salvaia,* em uma lucta similhante, fez arrebentar o melhor trompa siciliano do rei da Sardenha, e foi esta victoria que tornou o seu nome immortal nos fastos da *melodia.*»

Esta rajada historica que o peralvilho pilhára ao padre Lima, que depois a reproduziu na *Gazeta Litteraria*, fortaleceu o coração da gentil donzella, que se ia sensibilisando com o tragico successo do trompa. O peralvilho disse ainda algumas palavras sobre o merecimento da partitura, que elle classificou de musica scientifica, e fazendo com toda a elegancia a sua despedida, foi tomar o seu logar na platéa.

O segundo acto passou sem novidade notavel, a não ser que a fascinante *Giuntini* não foi acolhida com o mesmo enthusiasmo pela cohorte dos peralvilhos, emquanto que o primeiro basso fez numerosos e ferventes admiradores n'essa porção da platéa. E é preciso confessar que os applausos dados a este artista eram merecidos; pois, segundo diz o antigo folhetinista, *o bufam era dos melhores da Europa*. Parece que n'esse tempo a Italia ainda tinha bastantes bufões de primeira ordem para si, para a Europa e até para nós. Hoje é contentar com *lo che... donna dio.*

No 3.º acto o arrefecimento com a prima-donna foi mais pronunciado.

A fascinante *Giuntini* cantou como no andante do 1.º acto, com mimo e frescura; mas a platéa guardou um silencio sepulchral e mortificador para a bella actriz. O batalhão de Sant'Anna quiz applaudir, mas um *ciu* estridente lhe fez metter a viola no sacco, ou antes as mãos nos bolsos dos calções. Durante os entre-actos se tinha espalhado que o filho de s. ex.ª, aquelle Francisco d'Almada que depois veio a adquirir tão grande nome, tinha re recebido umas leves demonstrações de preferencia da formosa *Giuntini*.

Os peralvilhos não o levaram a bem, e d'ahi a sua pouco generosa frieza e a decidida predilecção pelo bufão, que no 1.º acto tinha sido ouvido com immerecida indifferença.

Assim acabou, com menos animação do que tinha principiado, esta memoravel representação do *Trascurato*, n'esta nobre e antiga cidade, em 1762.

Bibliophilo Joseph.

Pag. 31 — ... *bailado, arte em que portuguezes não primavam.*

Refere o já citado Antonio Rodrigues da Costa, nas suas memorias da *Embaixada* ao principe palatino, que «a sr.ª eleitriz... tirou por varias vezes a dançar a João Gomes da Silva, filho do conde embaixador (depois marquez de Alegrete) e ao visconde de Barbacena, que supposto pretenderam escusar-se com o pouco uso que d'aquella arte havia em Portugal, foi forçoso obedecer aos soberanos rogos de sua alteza...»